

POEMAS
COMPLETOS
DE
JÚLIO DINIS



POEMAS

JÚLIO DINIS

Esta obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

PRIMEIRA

PARTE

AO MEU IRMÃO

(JOSÉ JOAQUIM GOMES COELHO)

Também tu, meu irmão, ainda aos vinte anos,

Dizes ao mundo teu extremo adeus!

Deixas-me só e partes! os arcanos

Vais da vida sondar aos pés de Deus?

Inda há bem pouco aspirações ridentes,

Despertadas ao sol da juventude,

Te apontavam futuros resplendentes

De mil glórias, de amor e de virtude.

Há pouco em devaneios tão risonhos,

Cantavas em sentida poesia

As meigas ilusões, dourados sonhos

Que te adejavam sempre à fantasia.

Há pouco tu julgavas do horizonte

Ver de um belo porvir sorrir-te a aurora,

Bem como a áurea luz coroando o monte,

Do Sol precede a chama animadora.

Tudo isso era ilusão, simples quimera,

Que aos vinte anos sonhamos acordados;

Curta página a sorte te escrevera

No grande livro incógnito dos fados!

E enquanto descuidado te entregavas

Aos sonhos da exaltada fantasia,

Sob a flórea vereda que trilhavas

A morte, a fria morte, se escondia!

Tu viste uma por uma emurhecerem

As mais viçosas flores da tua vida;

E as esperanças o seu verdor perderem

Com a aridez da existência desflorida.

E a vida te pareceu áspero deserto,

Assim desguarnecida de ilusões,

De laços materiais cedo liberto

Remontaste às celestes regiões.

Não te lamento, irmão; a tua sorte,

Ao que padece, inveja só produz;

Porque às trevas finais da hora da morte

Seguem-se anos sem fim de imensa luz.

Eras justo, no Céu gozas a palma,
Que ao mundo, aqui debalde pedirias,
E os anjos acolheram a tua alma
Num coro de suaves harmonias.

Mas eu, que te amei, para quem tu eras
Mais que irmão, mais que pai, mais que amigo,
Eu, a quem desde infante ofereceras,
Pra suprir o de mãe fraterno abrigo.

Mais infeliz fui eu; junto ao meu lado
Vago está o lugar que abandonaste.
Vivo só, com as saudades do passado,
Do tempo que de encantos povoaste.

Nesta acerba aridez do meu presente

Recordo-me da vida que passou,

E bem vejo que a sorte fatalmente

Na vida do infortúnio me lançou.

Como a do nauta desditosa sorte,

Que o mar arrosta em tormentosa viagem,

E viu nas ondas que enfurece a morte

Sucumbir todo o resto da equipagem;

Tal o destino meu; entrei no mundo

E saudei-o com hinos de alegria;

Nos êxtases de um júbilo profundo,

O dom da vida a Deus agradecia.

Em ambiente de amor desabrocharam

Na infância as flores da existência minha.

Amor de pai, de mãe, de irmãos, douraram

A amena senda, que ante mim eu tinha.

E depois... ai, irmão! que acerbos dores

Juntos sofremos! Murchas, ressequidas,

Desfolharam-se as mais viçosas flores,

Ceifou a dura morte aquelas vidas.

O belo céu, que nos sorriu na infância,

Em breve se mostrou turbado e triste;

A terna mãe pedira a outra estância

A paz, que neste mundo não existe.

E ai daquele, que no alvor da vida

Perdeu para sempre maternais afagos,

Ai, que bem cedo a vê ser consumida

Por mil anelos, mil desejos vagos.

Ai, bem cedo o sentimos! Separados

Do sol que a infância em luz nos envolvia,

Quais estioladas plantas, assombrados,

A cara ainda infantil, já nos pendia.

E assim viveste! e quando a idade ardente

De mil aspirações te enchia o peito,

Olhaste, e vendo a isolação somente,

Cansado, te deitaste em frio leito.

E eu, em vão no ataúde me curvava,

Em vão hei procurado a tua campa;

A morte de mistérios te falava,

Mas nos lábios do morto o dedo estampa.

Em vão te perguntei: Nessa morada

Outros fúlgidos sonhos imaginas?

Ao sair da vida deparaste o nada?

Ou acordaste em regiões divinas?

Mudo ficaste. Os ventos perpassaram,

Soltando queixas no volver das folhas,

E teus lábios imóveis não falaram,

Nem sequer o irmão saudoso olhas.

Meu Deus! permite que através da lousa

Possa ele ouvir a minha voz ainda,

E desse leito, onde afinal repousa,

Me diga: A vida neste pó não finda;

Me diga: A crença que na leda infância

Aprendemos da mãe é verdadeira;

Há outra vida, há uma outra estância,

Tão feliz, quanto esta é passageira;

Que se encontram os entes mais queridos,

E em eterno amplexo a Deus se humilham;

Que os prazeres em sonhos concebidos

Só há no espaço onde as estrelas brilham.

E então, ó Senhor, com a fé mais pura

Eu ansiarei pelo supremo instante

Em que, livre da humana desventura,

Demandar tua estância radiante.

Deixa que o amigo ao amigo só revele

Os segredos que a morte lhe confia,

Esta incerteza... em vão a fé repele,

A dúvida cruel continua a cria.

Porque negas, Senhor, ao peregrino

Que vai cumprindo só esta romagem,

Um raio ao menos do saber divino,

Que lhe brade na dúvida: Coragem!?

Porque não há de a lousa funerária

Erguer-se à voz saudosa da amizade,

Para falar à alma solitária

Que anela por saber toda a verdade?

Porquê?... Mas, Deus, perdoa! eu creio! eu creio!

No seu leito de morte o conheci:

Sim, nesse instante de tormentos cheio,

No peito a voz da crença bem ouvi!

E por isso prostrei-me de joelhos,

E os lábios murmuravam a oração,

E cri então no Deus dos Evangelhos,

E a dúvida deixou-me o coração.

Repousa, irmão, à sombra do cipreste;

Não repousar na terra é desventura.

Dorme no mundo e acorda à luz celeste,

Cruzando o limiar da sepultura.

Dezembro de 1859.

Nota do Autor. — Duvidar da verdade desta poesia, era duvidar dos meus sentimentos mais puros, dos meus mais queridos afetos e nesse caso, não sei de palavras que me pudessem justificar.

A MORTE DO POETA

(A memória de A. A. Soares de Passos)

Calou-se a lira! E a criação nos coros

De menos uma voz aos céus revoa!

Na imensa harpa, em que o universo entoa

Os seus cânticos, de menos uma corda!

Que foi? que nota falta às harmonias?

Que foi? que mão deixou quebrar a lira?

O poeta morreu, o canto expira,

Cessam seus hinos do sepulcro à borda!

Morreu o teu cantor, ó Armamento!

O teu sacerdote ardente, ó poesia!

Ó Deus, ó Pátria, a última agonia

Gelou a voz que hosanas vos sagrara!

Crente inspirado, os brados do entusiasmo

Não lhe esfriou dos homens a indiferença,

E a venenosa taça da descrença

Dos generosos lábios arrojara!

O poeta morreu! E o Sol e os astros

Que ele cantou, e a abóbada celeste

De lutuosas trevas se não veste;

E tu, ó Pátria, que ele amava tanto,

Tu dormes ainda esse gelado sono?!

Não te acorda o seu último gemido?

Sente-lhe a morte, se não hás sentido

De animação e glória o eterno canto.

Mas não; os homens veem pasmar o féretro,

Veem do sepulcro alevantar-se a lousa,
E, olhando a nobre cara que repousa,
— Quem é? perguntam com cruel frieza.
— É um poeta, lhes respondem poucos.

Um poeta! palavra incompreensível!
Por ele a multidão passa insensível,
E a campa desampara com presteza.

E um poeta morreu! listas palavras
Nada vos dizem, povos, que as ouvistes?
Não as há mais solenes nem mais tristes.
Oh! nelas refleti um só momento!
Não sabeis o que diz a morte do homem
Que se encaminha à campa que lhe ergueram
Seguido apenas dos que ainda veneram
O culto da poesia e pensamento?

Não ouvis esse dobre, que o lamenta?

É como a voz do século, que brada:

— «Chorai, ó multidões, que na cruzada

Da civilização vos alistastes,

Chorai, um dos soldados que há caído,

Deus lhe dera a bandeira que vos guia,

O estandarte da ideia, a poesia;

Mas vós na heroica empresa o abandonastes!

«Lamenta, ó liberdade, o teu apóstolo!

Amor, o coração que te entendia!

Tu, Pátria, o filho que melhor podia

Entre as nações da terra engrandecer-te!

Religião, ai! chora o sacerdote,

Que, entoando no templo os sacros hinos,

Chamara os povos aos altares divinos

E cultos sem iguais pudera erguer-te!»

E tu, ó mundo, o vês quase indiferente!

Curva a cabeça ante essa campã aberta,

Ajoelha-te, e a cara descoberta,

Venera as cinzas que deixou na Terra;

Os restos são da mais violenta chama,

Que o fogo do Céu no mundo ateia;

A chama ardente de inspirada ideia,

Fogo que a mente do poeta encerra!

Verte, oh! verte uma lágrima na tumba;

Uma lágrima só. Outros desejam

Soberbos mausoléus onde se vejam

Fulgir os nomes seus em letras de ouro;

Ele não. Flores e lágrimas, eis tudo!

Eis o diadema a que o poeta aspira;

Porque lho negas? Que paixão te inspirar

Delas fizeste, ó mundo, o teu tesouro?

Ai, não; umas e outras as desprezas:

As flores procuram as campinas,

Porque a turba, ao passar, calca as boninas,

E o sopro das cidades as murchava.

As lágrimas, as flores do sentimento,

Não as diviso já nos olhos do homem,

Ou das paixões as lavas as consomem,

Ou morto é o sentimento que as gerava.

Fazes bem em passar, mundo, se ignoras

Desta cena a solene majestade,

Impassível ficar era impiedade.

Parte, vai; a indiferença era um insulto.

Oh! mil vezes mais grato o isolamento...

Mas não, o isolamento não existe:

Junto da campa se reúne triste

Longo cortejo de lutuoso vulto.

Ei-los; do vasto templo se avizinham,

Trazem no rosto a dor, que os consome.

Esses veneram do poeta o nome,

Do féretro ao passar, curvam a cara,

Respeitai esse choro, que é sentido;

Longe, indiferentes, que o lugar é santo!

Os que entenderam seu sublime canto,

Saúdam-no ao sumir-se no horizonte!

Silêncio! A Pátria do seu sono acorda!

Sono talvez, que precursor da morte,

Do filho só lamenta a triste sorte,

Teme saudosa com magoado acento!

Ai, nos seus dias de passada glória,

De mãe o desespero a voz lhe erguera,

E, no seu clamor, às praias estendera

Das nações mais longínquas o alto alento.

Mas hoje, já de forças exaurida,

É fraca a sua voz ante essa tumba;

Do peito vem, porém já não retumba

Nos ecos das nações mais poderosas.

Apenas sua irmã, a mais vizinha,

Que quase a mesma linguagem fala,

Compassiva parece lamentá-la,
Ouvindo suas queixas dolorosas.

Poeta, dorme pois: a tua campa
Não ficará sem lágrimas nem flores,
As liras soltam fúnebres clamores
E os ventos reproduzem suas queixas.
Dorme, dorme, poeta, que o teu sono
A turba inquietaria com os seus passos;
Mas qual o infante nos maternos braços,
Dorme ao som dessas lânguidas endeixas.

Dorme, dorme em sossego... mas, silêncio!
Para que solto a voz? Cala-te ó lira!
Se o génio da poesia não te inspira,
Para que o seu cultor lamentas triste?

Diante da mudez deste sepulcro

Os teus ais de dor, ó coração, suspende;

Vê em silêncio o Sol, que ao ocaso pende

Como em silêncio no zénite o viste.

Março de 1860.

Nota do Autor. — Obedeci a um impulso irresistível escrevendo esta poesia. Admirei Soares de Passos durante a vida, como poeta, no seu livro; como homem, nas sempre lembradas noites em que, entre poucos mas escolhidos amigos, víamos na sua casa correrem as horas como instantes e passarem as longas noites de Inverno como um sonho delicioso e aprazível.

Foi então que pudemos apreciar a pureza daquele character, aquela rigidez de princípios, que nesta época de indifferentismo e egoísta especulação, causava assombro a quantos o ouviam.

Por isso, quando morreu, senti-o. como todos que prezavam as letras pátrias e como todos que respeitam os caracteres elevados;

mas senti-o também, como ninguém, pela dor que a sua morte deixava no coração do seu irmão, o mais sincero, desinteressado e generoso amigo que nunca hei encontrado.

Tudo isto me levou a lamentar a sua morte, temerária empresa de onde me não podia sair bem.

UMA RECORDAÇÃO

Lembra-me ver-te ainda infante,

Quando nos campos corrias

Em folgedos palpitantes;

Eras bela! e então sorrias.

Depois, na infância, eras inda,

Junto ao cadáver rezavas

De tua mãe, com dor infinda;

Eras bela! e então choravas.

Num baile vi-te valsando

Da juventude nos dias,

Todos de amor fascinando;

Eras bela! e então sorrias.

Dias depois encontrei-te;

Nos céus os olhos fitavas;

Sem me veres contemplei-te;

Eras bela! e então choravas.

Quando ao templo caminhando

Entre flores e alegrias,

De esposa a vida encetando,

Eras bela! e então sorrias.

Quando na campa do esposo

Com teu filho ajoelhavas,

Grupo inocente e saudoso!

Eras bela! e então choravas.

Num ataúde deitada

Eu te vi em breves dias,

Mimosa flor desfolhada!

Eras bela! e então sorrias.

Sorrindo, na vida entraste,

Sorrindo deixaste a vida;

Alguma flor que encontraste

A espinhos a viste unida.

Sim, às vezes tu sorrias,

E os sorrisos o que são?

Quase sempre profecias

Das penas do coração.

Nota do Autor. — Sorrisos e lágrimas andam muitas vezes acompanhados, uns por os outros, na vida. Olhada por este lado, esta poesia é verdadeira.

Alguma coisa me podiam dizer as minhas recordações, para o provar, mas não seria absolutamente o que escrevi. Neste ponto é ela mentirosa. É pecado de que me confesso arrependido.

ÉS BELA

És bela, sim, quando, corando, foges

De um beijo perseguida;

Ou quando cedes com mais pejo ainda,

Mas na luta vencida.

És bela, sim, quando, banhada em lágrimas,

Soltas mimosas queixas;

Ou quando, comovida por maus choros,

Já ameigar-te deixas.

És bela, sim, à luz do Sol nascente

Regando as tuas flores,

Ou com os olhos no ocaso e o pensamento

No país dos amores.

És bela sempre, e o mesmo fogo acendes

No coração do poeta;

És bela sempre, ó linda flor do prado,

Ó mimosa violeta,

Março de 1882.

O SEGREDO DESTAS LÁGRIMAS

Quem te disse o segredo destas lágrimas,

Pra assim me consolares?

Quem te disse que a dor que me angustiava

Cedia aos teus olhares?

Criança, onde aprendeste essa ciência,

Ignorada de tantos?

Algum anjo do Céu é quem te inspira

Do conforto os encantos?

Oh! Vem, vem junto a mim com os teus sorrisos

Livrar-me destas trevas,

Rir-te do meu ar lúgubre, falar-me,

Vem, que só tu me enlevas.

Protegido por ti em círculo mágico,

Desafio a tristeza,

Que onde a infância se mostra tudo folga,

Homens e natureza;

Para ti, para a tua idade descuidosa

Semeou Deus as flores,

Deu-te o cantar das aves por cortejo,

Deu-te o Céu por amores.

Vem, pois, os teus cabelos de ouro puro

A pousar-me na cara,

Como os raios do Sol cingindo as serras

Ao surgir no horizonte.

Vem, que junto de ti nem compreendo

Estes falsos tormentos;

Mensageira celeste, sê bem-vinda,

Longe meus pensamentos!

Quando, baixando o rosto, os olhos pousam

Em sorrisos de infantes,

Esquece-se o infortúnio, os risos voltam

E erguemo-nos radiantes.

Assim como nos rimos dos teus ogos,

Tu ris das nossas penas;

Ambos somos crianças, variando

O nosso brinquedo apenas.

Tu criaste uma vida imaginária

Que cede à fantasia.

Nós com a vida real também brincamos,

Porém sem alegria.

3 de Junho de 1862.

SAUDADE E ESPERANÇA

Ai não foi sonho, não. Era na infância,

Duas visões queridas

Ao lado do meu berço me sorriam

De uma amorosa auréola cingidas;

Eu sorria também. Vendo-as tão belas,

Por anjos as tomava,

E acordando de um sonho de inocência,

Inda a mais gratos sonhos me entregava.

E repetindo as orações ferventes,

Que à voz da mãe ouvia,

Olhava-as, e julgava que era a elas

Que tão sentidas preces dirigia.

Quando as via, tão jovens e já tristes,

Olhar a mãe chorando,

Eu cismava, e o infortúnio pressentia,

Vago ainda, os meus dias ameaçando.

E o infortúnio chegou. Era uma noite,

E eu ainda infante

Despertei aos gemidos dolorosos

Das órfãs junto à mãe agonizante!

Transportaram-me ao leito aonde a triste

Lutara na agonia,

Era tarde! A primeira vez na vida,

Ao beijá-la, as suas bênçãos não colhia!

E as lágrimas, tão fluentes na infância

Os meus olhos não banhavam!

Então senti que os dias de ventura

Com ela para sempre me deixavam.

Depois os mesmos anjos, que na infância

No berço me sorriam,

Em vez das vestes cândidas de outrora,

Agora negras túnicas cingiam.

Nunca mais como a flor na Primavera

Eu as vi radiantes;

Mas sim como no Outono ela se ostenta,

Pendendo as alvas pétalas fragrantas.

Pobres flores! tão cedo sem abrigo,
Dia a dia enlanguescem
Como as que adornam virginais capelas,
E ao fim de um baile pelo chão fenecem.

Como cândidas pombas surpreendidas
Por furiosa tormenta,
Voam amedrontadas a acolher-se
Junto à mãe que no seio as acalenta,

Assim elas também amedrontadas
Das tormentas da vida
Voam para o Céu, e no materno seio
Procuram contra elas fiel guarida.

Um dia eu vi-me só! Junto ao meu berço

Os anjos não sorriam,

Nem sequer suas lágrimas saudosas

Uma a uma nas faces me caíam.

Passaram tempos, e da infância aos dias

Seguiu-se uma outra idade;

Mas nem o tempo, nem paixões mais vivas

Me extinguiram a imagem da saudade.

Ainda as vejo a ambas, quando às vezes

Em sonhadas delicias,

Recordo o tempo da passada infância,

Recordo seu amor, suas carícias.

Outras vezes, mais vago o pensamento,

Num só anjo as confunde;

E então adoro essa visão querida,

Que na alma ignotas sensações me infunde.

Se a imagem delas é como o crepúsculo

De um dia já passado,

A nova imagem será ainda aurora

De um dia ardentemente desejado?

Meu Deus! a flor dos campos também murcha

Vive um momento apenas;

Mas depois nova quadra veste os prados

De outro manto de rosas e açucenas.

Também as flores de infantil idade

Eu vi cair sem vida:

Deixa que a nova quadra dos vinte anos

Se adorne de uma túnica florida.

VISÃO

Não és real. Para o seres

Não foras, ó flor, tão bela;

Se à mente Deus te revela,

Não te cria o mundo, não.

Vegetas no peito do homem,

Mas não há viçoso prado

Onde te beije embriagado

O sopro da viração.

MORENA

Morena, morena

Dos olhos castanhos,

Quem te deu morena,

Encantos tamanhos?

Encantos tamanhos

Não vi nunca assim.

Morena, morena

Tem pena de mim.

Morena, morena

Dos olhos rasgados,

Os teus olhos, morena,

São os meus pecados.

São os meus pecados

Uns olhos assim.

Morena, morena

Tem pena de mim.

Morena, morena

Dos olhos galantes,

Os teus olhos morena

São dois diamantes.

São dois diamantes

Olhando-me assim.

Morena, morena

Tem pena de mim.

Morena, morena

Dos olhos morenos,

O olhar desses olhos

Concede-me ao menos.

Concede-me ao menos

Não sejas assim.

Morena, morena

Tem pena de mim.

De: As Pupilas do Sr. Reitor.

MOMENTO DECISIVO

O Sol descia ao poente,
E florente estava o prado;
Ouviam-se auras suaves
E das aves o trinado.

Tu sentada ao pé da fonte
O horizonte contemplavas
Vias o Sol declinando
E, corando, suspiravas.

E depois... seria acaso?
Do ocaso a vista ergueste,
E, ao olhar-me, mais coraste,

Suspiraste e emudeceste.

Foi bem rápido o momento

De um alento repentino;

Porém nesse olhar de fogo

Eu li logo o meu destino.

Nesse olhar, no rubor vivo,

No furtivo respirar...

Diz, tu mesma nessas letras

Não soletras já: amar?

Nota do Autor. — Não é muito fácil esta espécie de leitura, o sentido das letras é diferente, conforme os desejos do que as pretende decifrar e daí mil deceções e amargos desenganos. Eu não sei se li bem ou mal; mas é certo que depois disso, o livro parece fechado... não descubro caracteres novos.

CULTO SECRETO

Ouve, lânguida virgem das cidades,

A paixão que me inspiraste.

Curvada, como a flor em vaso de ouro,

Tu, bela, me encantaste.

Eu vi-te assim pendida; a estrela de alva

Ao surgir do oriente

Não nos envia mais saudosos raios

Do seu leito fulgente.

A viração da tarde, mais amena

No bosque, não murmura;

A alva açucena, que o vergel enfeita,

Não tem a cor mais pura.

Eu vi-te, e desde então sempre nos meus sonhos

Surges, e magoada

Pareces ver as vagas desta vida

Na margem debruçada.

Vejo-te então ainda, e pensativa,

Os lábios entreabertos,

Murmurando em sentida linguagem

Pensamentos incertos.

Vejo-te ainda, as lágrimas ferventes

Dos olhos rebentando,

E, ao correrem nas faces, indiscretas,

Segredos revelando.

Que segredo é o teu, lânguida virgem,

Ideal dos meus amores?

Que imaginas nos sonhos dessas noites

Tão cheias de fulgores?

Que mistério procuras no ocidente

Ao desmaiar do dia?

Ou que visão esperas, quando a aurora

Com rosas se anuncia?

Que oculto sentimento reprimido

Te faz ansiar o seio?

Que íntima dor, que pensamento acerbo?

Que indefinido enleio?

Olha, se o coração te pede amores,

Virgem, não chores, canta,

Para ti é que são as flores da vida

E a luz que nos encanta.

Tu, sim, podes amar; nas sacras aras

Dessa chama inquieta,

Ateia o sacro fogo com que inflamas

O coração do poeta.

Tu sim, podes amar; mas eu... se ao ver-te

Interrogo o futuro,

Uma voz me murmura: «Adora, mártir,

Adora, e morre obscuro».

ENFIM!

Enfim! enfim! encontrei-te.

Luz há tanto suspirada!

Raiaste, aurora fadada

De um longo dia de amor!

Resplandece,

Sol brilhante

Da primavera da vida!

Surge, surge, estrela querida,

Que tão grato é teu fulgor!

Se soubesses como ansioso

Aguardava este momento,

Que há tanto no pensamento

Me aprazia em conceber!

Se soubesses, minha esperança,

Que anelar ardente e incerto

Na aridez deste deserto

Me fazia esperar e crer!

Ai, bem-vinda, mensageira

De uma indizível ventura!

A uma vida de amargura,

Ridente imagem, põe fim!

Para longe esta tristeza,

Vejo enfim formosos dias!

Oh! dá-me, dá-me alegrias,

Que me cansa a vida assim!

Qual a terra desflorida

Pelas mãos do Inverno agreste,

Que de gelos a reveste,

E lhe afrouxa a luz do Sol;

Cinge as vestes de verdura,

Toda de amor palpitante,

Qual virgem junto do amante

Da Primavera ao arrebol;

Tal minha alma envolta em trevas

De um passado de incerteza,

Rasga o seu véu de tristeza,

Ao ver-te surgir, amor!

E num hino de alegria

Saúda a risonha aurora,

Que deslumbrante a namora

Com fatídico fulgor,

Bela flor, fragrante rosa

Nos agros campos da vida,

Entre as outras escondida,

Como pudeste florir!

Como os vendavais furiosos

Das tempestades humanas,

Em suas fúrias insanas

Te não puderam ferir?

Foi condão do Céu por certo,

Foi talvez aura celeste

Que, ao nasceres, recebeste

E em ti se difundiu;

E, forte, desceste ao mundo,

Brilhando de luz divina;

Essa luz que me fascina,

Que nas trevas me sorriu!

Também, tu, bela, aspiravas

A um futuro vago ainda?

Também uma dita infinda

Te pedia o coração?

Ai, conta-me os teus segredos,

Os teus sonhos, teus anelos,

Conta-me, quero sabê-los:

Os teus sentimentos meus são.

Diz-me se naquele instante,

Em que te vi meiga e bela,

Quando tu, formosa estrela,

Te elevaste no meu céu,
Uma voz misteriosa,
Prendendo-te em doce enleio,
Segredar-te ao ouvido veio:
«Ama! teu dia nasceu!»

Diz-me, se ao viver inquieto
Por não sei que oculta chama
Não sucede, quando se ama,
Uma existência de paz?
Se no horizonte sombrio,
Novo astro fulgurando,
Longínquas praias mostrando,
Venturas ver-te não faz?

Conta-me a vida passada

Antes do mágico instante

Em que te vi radiante

Meiga visão a sorrir.

Diz-me os teus jogos da infância

As lágrimas que verteste,

As penas que padeceste,

Sem eu as poder sentir.

Tu choravas! quando longe

Eu de ti, talvez sorria!

Tu choravas! e eu podia

Tão indiferente viver!

Oh! não! mística influência,

Que dois entes num só liga,

Embora longe, os obriga

Um com outro a padecer.

E é esse, esse o segredo

Da tristeza indefinida,

Que em certas horas da vida

Nos oprime o coração;

Esse o segredo das lágrimas,

Que de olhos virgíneos correm,

E dos suspiros que morrem

Nas asas da viração

Mas deixemos o passado,

Suas penas, suas dores,

Deixemos auras melhores

Nos manda o porvir de além,

Qual no meio do oceano,

Após longínqua viagem,

Ao nauta fragrante aragem

Da Pátria falar-lhe vem.

Em que mago encantamento

Esta dita a alma me embebe!

Só quem o sente o concebe;

Não se exprime este prazer!

Bem hajas, cândida virgem!

Bem hajas tu, que no seio

De aspirações todo cheio,

O amor fizeste nascer!

Adeus pois, passado triste,

Longas horas de amargura;

Adeus, paz da sepultura,

Sem encantos para mim;

Adeus sofrimentos vagos,
Adeus, febris pensamentos;
Esperam-me outros momentos,
Que o amor surgiu enfim.

Acorda pois, ó minha alma,
Chegou enfim a tua festa;
E qual se adorna a floresta
Da manhã ao grato alvor,
Veste também tuas galas,
O teu mais florido manto
E leva um sentido canto
Ao sol da vida, ao amor!

Julho de 1859.

Nota do Autor. — Em vez de — enfim — antes lhe devera chamar —
rebate falso. A ser mais de que um sonho, não passou de um
desejo. Não se deve portanto tirar ilações arrojadas porque seriam
falsas.

METAMORFOSE

Repara: — a imóvel crisálida

Já se agitou inquieta,

Cedo, rasgando a mortalha,

Ressurgirá borboleta.

Que misteriosa influência

A metamorfose opera!

Um raio de Sol, um sopro

Ao passar, a vida gera.

Assim minha alma, ainda ontem

Crisálida entorpecida,

Já hoje treme, e amanhã

Voará cheia de vida.

Tu olhaste — e do letargo

Mago influxo me desperta;

Surjo ao amor, surjo à vida,

À luz de uma aurora incerta.

1 de Maio de 1860.

O TEU PENSAMENTO

Onde vai o teu pensamento

Quando, os olhos elevando,

Segues das aves ligeiras

Esse harmonioso bando?

Que te dizem os gorjeios

Dessas pobres foragidas,

Que vão procurar ao longe

Outras selvas mais floridas?

Acaso temes, como elas,

As nuvens negras, pesadas,

E os ventos que descem rápidos

Das altas serras nevadas?

Acaso invejas as asas

Desses plumosos viajantes?

Acaso aspiras à vida

Noutros climas mais distantes?

Não, querida, não receies

Do Inverno os duros rigores;

Quando do Sol falta a chama

Brilha a chama dos amores.

Não são para nós mais lúcidas

As noites que o próprio dia?

Que onde a luz do céu falece,

A paixão é que alumia.

E o gelo, que as pobres aves

Na relva prostra sem vida,

Fundir-se-á ao fogo ardente

Da nossa paixão, querida.

18 de Outubro de 1862.

A CABREIRA

Andava a pobre cabreira
O seu rebanho a guardar
Desde que rompia o dia
Até a noite fechar.

De pequenina nos montes
Não tivera outro brincar.
Nas canseiras do trabalho
Os seus dias vira passar.

Sentada no alto da serra
Pôs-se a cabreira a chorar.
Porque chorava a cabreira

Ides agora escutar:

«Ai! que triste a sina minha,

Ai! que triste o meu penar,

Que não sei de pai nem mãe

Nem de irmãos a quem amar,

«De pequenina nos montes

Nunca tive outro brincar.

Nas canseiras do trabalho

Os meus dias vejo passar.»

Mas, ao desviar seus olhos

Viu coisa que a fez pasmar:

Uma cabra toda branca

Se lhe fora aos pés deitar!

Branca toda, como a neve,

Que nem se deixa fitar,

Coberta de finas sedas

Que era coisa singular!

Nunca a tinha visto antes

No seu rebanho a pastar,

E foi a fazer-lhe festa...

E foi para a afagar...

Eis vai a cabra fugindo

Pelos vales sem parar;

La a cabreira atrás dela

Mas não a pôde alcançar.

E andaram assim três dias

E três noites, sempre a andar!

Até que às portas de uns paços

Afinal foram parar.

Chorava o rei e a rainha

Há dez anos, sem cessar,

Que lhe roubaram a filha

Numa noite de luar.

E dez anos são passados

Sem mais dela ouvir falar;

Eis chega a cabreira à porta

A porta se foi sentar.

«Ai que bonita cabreira

Que lá em baixo vejo estar!

E uma cabra toda branca

Que nem se deixa fitar.

«Meus criados e escudeiros,

Ide a cabreira buscar.»

Isto dizia a rainha,

Este foi o seu mandar.

Foram buscar a cabreira

E a cabra de a acompanhar

Até às salas do paço

Onde o rei a viu chegar.

«Pela minha coroa de ouro

Eu quero agora apostar,
Que é esta a filha roubada
Numa noite de luar.»

Milagre! quem tal diria!
Quem tal pudera contar!
A cabrinha toda branca
Ali se pôs a falar:

«Esta é a filha roubada
Numa noite de luar,
Andou dez anos no monte
Quem nasceu para reinar!»

Que alegrias vão nos paços!
E que festas sem cessar!

A filha há tanto perdida

No trono os pais vão sentar.

E vêm damas para vesti-la

E vêm damas para calçar;

E as mais prendadas de todas

Para as trancas lhe enfeitar.

Vão procurar a cabrinha...

Ninguém a pôde encontrar;

Mas um anjo de asas brancas

Viram aos Céus a voar.

De: As Pupilas do Sr. Reitor.

NUVENS

Vês as nuvens no azul do firmamento

De brancuras ofuscantes,

Como impelidas por tufão violento

Se formam em legiões extravagantes?

Olha; acolá, reunidas uma a uma,

Um trono simbolizam;

Ali, rasgam-se em flocos, como a espuma

Das vagas crespas que em areais deslizam.

Mais longe, vês? as massas vaporosas

Informe monstro imitam,

E além, tingidas pela cor das rosas,

Paços que ocultas mágicas habitam.

Agora, vastos pórticos, ogivas,

E um longo peristilo,

Colunas, capiteis, arcadas vivas,

Arquiteturas de ignorado estilo.

Logo por esses plainos dispersadas

Pelo sopro do vento,

Como nívêos cordeiros às manadas

Sucedem-se velozes cento a cento:

Ora parecem gigantescas serras

Com seus eternos gelos;

Ora planícies de nevadas terras,

E das águas boreais os caramelos:

Ali nos representam funda gruta

E rochas diamantinas;

Acolá, mil exércitos em luta;

Mais além, mil cidades em ruínas.

E sabes tu no que essas formas vagas

Perto de nós se tornam!

Dize, quando no prado a sós divagas,

Tens visto as gotas que o vergel adornam?

Pois são esses os tronos deslumbrantes,

A ogiva preciosa,

Os fustes das colunas de diamantes,

E encantados palácios cor-de-rosa.

Esse vasto espetáculo dos ares,
Essas mágicas cenas,
A que presos estão nossos olhares,
Vê-los ao perto? são orvalho apenas.

Bem assim os projetos, áureos sonhos
Que na vida sonhamos;
Belos fantasmas, fúlgidos, risonhos,
Que nos céus do futuro divisamos.

Pois que junto de nós, essas imagens,
Essa visão querida,
Desvanecem-se, pérfidas miragens,
Fundem-se como a neve derretida;

Esperança no porvir, nuvens formosas,

Em que assim te deleitas,

Com esse orvalho que humedece as rosas

Hás de vê-las em lágrimas desfeitas.

4 de Setembro de 1862.

LAVA OCULTA

Não me entendes? não suspeitas

Que esta frieza é fingida?

Não vês, cega, que envolvida

Está nela ardente paixão?

Quando teus olhares evito,

Quando julgas que medito,

Não compreendes que me agito

Em profunda inquietação?

E julgas isto frieza?

Julgas que o meu peito é gelo?

Se o que sinto não revelo,

Julgas que isso é não sentir?

Ai, louca, que assim te iludes;
Um momento que me estudes,
Verás que tormentas rudes
Me estão no peito a bramir.

Se a mão te cinjo à partida,
Não a sentes vacilante?
Diz, não vês como inconstante
Busco e evito o teu olhar?
Chamas a isto indiferença?
Não é, não, repara, pensa;
E o amor que se condensa
Para mais me devorar.

E tu não sentes... nem podes;
Pra que os olhos vejam tanto,

E, sob indiferente manto,
Descubram violento amor,
Não, não basta olhar somente;
O que o peito não pressente,
Só quando fora rebente
Pode aos olhos ter valor...

E o teu coração... outrora
Esperei que me entendesse;
Julguei que nunca esquecesse
O que na infância nasceu,
E com os olhos no futuro
Caminhei firme e seguro,
E nunca este culto puro
No peito me adormeceu

Mas tu... Essa flor singela

Da afeição que nos unia

Se definhava e morria

Desde que outra flor surgiu;

Cenas da infância, folguedos,

Os seus sorrisos, seus segredos,

Passam, como nos olmedos,

A folha que ao chão caiu.

E por isso as esqueceste;

Eu não; que então já no seio

Ocultava com receio

Mais do que infantil amor.

Quando, só, em ti pensava,

E só contigo me achava,

Não te lembras? já corava,

Nem para mais tinha valor.

Cresci, e esta ideia sempre

Afagava na lembrança;

Sempre, sempre esta esperança,

Sempre, sempre esta ilusão!

Ilusão, sim, era apenas;

Todas as passadas cenas

E recordações amenas

Riscou-tas nova paixão.

Foi uma noite. Esta ideia

Inda a conservo bem viva,

Cada dia mais se aviva

Pra mais me fazer sentir;

Desde então já não me iludo,

Foi uma noite; vi tudo,
E fiquei gelado, mudo,
Sem esperanças, sem porvir!

Um outro estranho, que importa?

Te falava com meiguice
E às palavras que te disse
Tu sorriste e ele sorriu,
E, desumana, não vias
Que o amigo de outros dias,
De cada vez que sorrias,
Cruéis angústias sentiu!

Ai, noite de insónia aquela!

Tu caiçaras o passado,
Nem talvez nunca pensado

Havias nele como eu;
Quis esquecer-te, vingar-me,
A outro amor entregar-me,
Mas só consegui cansar-me;
Este amor permaneceu.

Até quando? Só Deus sabe.

Comprimido ele floresce,
Mas vive, mas não fenece,
Que já da infância ele vem;
Tu não vês, que uma outra chama
Há muito teu seio inflama,
E quando deveras se ama,
Vê-se o amante e mais ninguém?

Bom é pois que não suspeites

Que esta frieza é mentida,
Que não vejas que envolvida
Oculta ardente paixão.

Quando teus olhares evito,
Quando julgas que medito,
Nunca saibas que me agito
Em profunda inquietação.

Abril de 1860.

Nota do Autor. — Esta poesia é um enigma, que eu não decifrarei.
Isto quase equivale a dizer que ficará sendo um enigma para todos e
para sempre talvez.

Foi escrita o ano passado e esquecida. Encontrei-a, fiz-lhe algumas
modificações incluí-a nesta coleção. É em grande parte imaginária.

PRESSÁGIO

Era em florente Junho;

A Lua se ostentava

Serena no seu brilhar;

A brisa na alameda

Saudosa suspirava

Nas folhas ao passar.

Contigo, eu só no bosque

Ouvia-te, tao triste,

Soltar, mais triste, a voz;

Falavas magoada

Da paz que só existe

Da fria morte após.

E os olhos lacrimosos

Fitavas nos espaços

Da mais amena cor,

Como se desejasses

Romper terrenos laços

E o azul do céu transpor.

Calado eu te fitava,

Porém ao ver-te o pranto

Banhar-te a face assim,

Não sei que dor pungente,

Não sei que mago encanto,

Me fez falar-te enfim.

E disse-te: «Não chores,

Na Terra é tudo flores,

No Céu é tudo luz.

Escuta os sons do bosque,

Respira os seus odores,

O aroma que seduz.»

Olhaste-me e sorriste;

E quanto não diziam

Então os olhos teus!

Quão íntima tristeza,

Que dor não refletiam

Quando os erguestes aos céus!

E eu ficava mudo,

Olhando-te inquieto,

Sem bem te compreender;

E um ramo de cipreste,

O arbusto teu dileto,

Vieste-me oferecer.

«Bem vês, da campa à beira

Também a flor rebenta»,

Disseste-me a sorrir,

«Também no chão da morte

De seiva se alimenta,

Também a vês florir.

«Quem vir esta campina

Virente e matizada

Viçar à luz do Sol,

Dirá, que neste manto

Se envolve a fria ossada

Do morto no seu lençol!»

De novo emudeceste,

E eu, triste, contemplei-te:

Mas não, não te entendi,

Parecia que na mágoa

Achavas um deleite,

Qual nunca igual senti!

Mas cedo teus perfumes

Da Terra aos Céus subiram,

E soube tudo então!

Era uma voz profética

Das que o poeta inspiram,

Falando ao coração.

No meio dos festejos

Da estiva natureza,

Sentias só a dor,

Vias a campa aberta

E na sua profundez

Sumir-se a esperança em flor.

E hoje, sim, compreendo

Tua conversa triste,

Quando comigo a sós...

E porque a entende agora?

Não sei.

Talvez existe

Em mim a mesma voz.

Oh! sim, ele me mostre

No meio destas galas,
Que vejo em torno de mim,
A terra húmida e fria,
Do cemitério as valas
E o esquecimento enfim.

Abril de 1860.

Nota do Autor. — Esta é filha de um momento de spleen. Pareceu-me verdadeira então, hoje não. Estes pensamentos lúgubres acometem-me de vez em quando, mas passam. Estando dominado por eles, acho nesta produção um valor que depois, debalde lhe procuro.

Não é decerto no primeiro caso que melhor a avalio no que ela vale. Não há ninguém que não tenha os seus momentos de hipocondria, muitos com menos razões do que eu.

Desculpem-me portanto os efeitos de um desses momentos.

JUNTO A UMA CAMPA

Que seria de ti, se desfolhada

Não fosses, linda flor, no chão da morte?

Quem pode ler na página cerrada

Do livro do futuro a ignota sorte?

Ninguém; e quantas vezes iludidos

Choramos o que é núncio de ventura?

Quantas, na esperança de prazeres mentidos,

Vemos luz onde tudo é noite escura?

Que seria de ti? Não sei. Se escuto

A voz do coração, fala de amores.

Mas quem me diz que a dor com que hoje luto

Não findará com o aroma doutras flores?

Que me diz que a minha alma, que palpita

Ao recordar-te, ó virgem desditosa,

Não viria ainda um dia a ser precita

Ao fogo da paixão mais poderosa?

Quem sabe? Tudo muda: o peito do homem

Como a ondulante face do oceano;

A um volvem as paixões que nos consomem,

A outro as fúrias do vento vário e insano.

Tudo muda! e o meu seio não se exime

Da eterna lei que rege este universo:

Bênção ou maldição. Ela se exprime

Sem cessar na existência desde o berço.

E então se no porvir o ardente culto
Que eu te votava, ó sombra idolatrada,
Tivesse de findar, antes sepulto
Seja todo este amor na urna gelada.

Foste feliz talvez, talvez na vida
Tivesses de provar amarga taça,
E hoje à sombra da campa, adormecida
Colhes a prece e o choro de quem passa.

Vivias para amar, morreste amando,
Morreste rodeada do perfume
Da divindade, e virgem, não ansiando
No pungir aflitivo do ciúme.

Morreste amando e amada. Sobre o leito

Onde tombaste inânime, sentiste

A sacra chama que me enchia o peito

E na extrema agonia ainda sorriste.

Não devo lamentar-te, não. Podias

Sentir na vida dores que ignoraste;

E eu mesmo, a quem do túmulo sorrias,

Talvez te desse a coroa, que enjeitaste;

A coroa do martírio, que a não colhe

Quem verga, como tu, tão cedo à terra;

Mas sim quem vive e ao túmulo se colhe

Depois de transes de porfiada guerra.

Eu li na descrição de antigas viagens

O destino de um náufrago, que os ventos

Sobre parcéis e incógnitas voragens

De longe arremessaram violentos.

Ia a desfalecer, no húmido abismo

Buscando o último leito e o eterno olvido,

Mas no esforço do extremo paroxismo

Firmou-se às rochas de um penhasco erguido.

E salvou-se! prostrado sobre as

Ao Eterno com júbilo agradece;

E, olhando ao longe as furiosas vagas,

Do destino dos mais se compadece.

Mas bem cedo na estéril penedia

Colheu o triste amargo desengano,

Vendo seguir-se um dia após um dia,

E tudo só na vastidão do oceano.

Era a mudez da campa! Em passos lentos

Se aproximava a descarnada fome;

Longos dias de horríficos tormentos

A preceder-lhe um túmulo sem nome!

Até que enfim o pobre, quase louco,

Pra fugir à tortura que o devora,

Nas próprias ondas, que evitara há pouco,

Busca o refúgio, o passamento, agora!

Nos naufrágios da vida, quantas vezes

Nós, pobres nautas, o furor das vagas

Vencemos, para mais ríspidos reveses

Irmos sofrer em solitárias plagas!

Feliz o que sucumbe na tormenta;

Um instante de angústia... e o eterno sono

O livra do martírio que experimenta

O que sofre na Terra o abandono.

Feliz pois tu, que cedo desfolhada

Caíste, ó bela flor, no chão da morte;

Quem sabe o que na página cerrada

Do livro seu te reservava a sorte?

20 de Dezembro de 1861

A ESPERANÇA

No passado, uma saudade,
No presente, uma amargura,
E no futuro, uma esperança
De imaginária ventura;

Eis no que consiste a vida
Imposta por Deus ao homem.
Nisto se consomem dias!
Nisto anos se consomem!

Saudade é flor sem perfumes
Quando ainda verdejante,
Mas à medida que murcha,

Ai, que aroma inebriante!

A amargura é duro espinho

Que nas carnes penetrando,

Faz desesperar da vida,

Suas flores definhando.

A esperança é frouxa luz

Que nas trevas nos fulgura;

Vendo-a, ousados caminhamos:

Mas, ai, que bem pouco dura;

Quantos mais passos andados

Na agra senda desta vida,

Mais amargo é o presente,

E a saudade mais sentida.

Mas a esperança não; os anos

Fazem-lhe perder o brilho;

Caem-lhe uma a uma as folhas

Da existência pelo trilho.

A velhice nada espera,

Nada da esperança lhe dura...

Mas não, cansada da vida,

Tem a paz da sepultura.

Tem a morada fulgente

Da inteligência divina;

Tem as regiões sagradas,

Que eterno sol ilumina.

Bendito sejas, meu Deus!

Que nos dás na vida inteira

A filha dos céus, a esperança,

Por suave companhia.

Ela nos enxuga o choro

O choro alegre e amargoso;

Não a acusemos de pérfida,

Esperar já é um gozo.

A mente, esperando, concebe,

Conceção sempre iludida,

Prazeres talvez entrevistos

Nas cenas de uma outra vida.

Esperemos, pois, companheiros

Desta fadigosa viagem!

Se a esperança é a imagem do gozo,

Adoremos essa imagem.

E cruzando este oceano

Com os olhos no porvir.

Esqueçamos no presente

O seu horroroso bramir.

E quando enfim, já cansados,

Reclinarmos nossa cara.

Que a esperança nos revele

Mais dilatado horizonte.

Agosto de 1859

ILUDAMO-NOS

Desenganos do passado,

Não servireis ao porvir?

Sempre a perder ilusões

Sempre ilusões a sentir!

Não mais, não mais; nesta vida

Ainda esperar é loucura.

Sofrer: eis nosso destino!

Sonhar: eis toda a ventura!

Soframos pois... Não, sonhemos,

Criando mundos ideais,

E com mentidos prazeres

Curemos penas reais.

Ilusões, sede bem-vindas,

Povoai-me o pensamento:

Convosco, sim, a ventura

Se goza per um momento.

O ANJO DA GUARDA DA INFÂNCIA

Desci dor celestes coros,
Por Deus mandada escutar
Da infância as queixas e os choros,
Para lhos ir confiar.

Desci. Na terra, nos mares
Tanta miséria encontrei,
Que os meus magoados olhares
De terra e mar desviei.

Desci. E tantos gemidos,
Tão dolorosos ouvi!
Que, turbados os sentidos,

Quis recuar... mas desci.

Nesta colheita de dores

Pelo mundo todo andei,

No choro dos pecadores

As minhas vestes molhei.

Vagueando dias e dias

Chegara à Judeia enfim,

Quando um clamor de agonias

Veio de longe até mim.

O Sol, o Sol inflamado

Destas terras orientais

Tinha no disco afogueado

Não sei que estranhos sinais.

Soavam menos distantes

Sinistros brados de dor

Choros de mães e de infantes

Cantos de morte e terror.

Vi anjos de asas nevadas

Em bandos subir ao Céu,

Quais pombas amedrontadas

Fugindo à voz de escarcéu.

«Onde ides? Quem vos persegue?

A que tormentos fugis?»

Um que triste o bando segue,

Estas palavras me diz:

Somos as almas de infantes

Mortos em guerra feroz;

Inda das mães delirantes

Nos chama a sentida voz.

«Só a materna saudade

Nossa carreira detém,

Embora no Céu, quem há de

Esquecer o amor de mãe?»

Disse e o rosto formoso

Com as asas encobriu,

E ao bando silencioso

Silencioso se uniu.

Eu segui. Na ampla cidade

Aterrada penetrei...

Ai, da fera humanidade

Os meus olhos desviei!

Que cena! Corre nas praças

Sanguinária multidão

Como nuvem de desgraças

Semeando a desolação.

Caem por terra, sem vida,

Tenras crianças às mil,

E uma turba enfurecida

Corre à matança, febril.

As mães pálidas, chorosas,

Suplicam, pedem em vão!

Nessas feras sanguinosas

Não palpita um coração.

Outros tentam, em delírio,

Os seus filhos disputar

E com eles no martírio

Gostosas se vão juntar.

Sobre a terra ensanguentada

Eu soluçando, ajoelhei,

E de intensa dor magoada,

A Deus piedade implorei.

Findava a prece, e uma estrela

No horizonte despontou,

Pura, cintilante, ela

O caminho me traçou.

À humilde e escondida estância

Da venturosa Belém

Cheguei; vi um Deus na infância

Nos ternos braços da mãe.

Minha colheita de dores

Naquele berço depus,

Da humanidade aos rigores

Pedi remédio a Jesus.

No olhar do divino infante

Raiou luz e fulgor,

Foi a aurora radiante

Que anuncia um redentor.

De: A Morgadinha dos Canaviais

HINO DA AMIZADE

(A meu primo e amigo José Joaquim Pinto Coelho)

Amigo, concede que as notas da lira

Te sagre num dia a que tantos sorri;

Se a triste, saudosa, de mágoas suspira,

Soará d'esperanças agora por ti.

Escuta-a; se as vozes são fracas, afeita

Que ela é desde muito com os cantos da dor,

O seu débil tributo, seus hinos aceita

Qual tênue perfume de lânguida flor.

Os anos são marcos na senda da vida,

Nos quais o viajante costuma parar,

E os olhos volvendo na estrada corrida,
As cenas passadas lhe apraz recordar.

Suspende um momento teus passos, suspende,
Na santa romagem que cumpres al,
E além, ao passado teus olhos estende,
Além, ao passado, contempla-o daqui.

Oh! pára, paremos, que as cenas dourora,
Tão ricas de encantos, são minhas também;
Pois juntos nos vimos da vida na aurora,
E juntos passamos os anos além.

Além,- ao mais longe que avistam teus olhos,
Estende-os amigo; repara, que vês?
Formosa campina de flores, sem abrolhos,

Mais bela a distância, que ao perto talvez.

Ai — não te lembras ? — correu-nos a vida,

Qual linfa tranquila no prado em Abril,

De dia em folgedos a mente esquecida,

De noite enlevada por sonhos aos mil.

Ai tempos de encantos, ai fúlgidas cenas

Volvidas com os anos chorados em vão;

Ai, quanto mais gratas não são tuas penas,

Que a própria ventura que as outras nos dão!

Paremos, amigo, paremos ainda

A olhar esta quadra tão longe de nós;

Que a luz que a ilumina bem cedo se finda,

Que os entes que a adornam deixaram-nos sós.

Tão gratos nos eram da aurora os fulgores,
Como o último raio do dia a findar,
Que se uns ainda ao peito nos falam de amores,
As outras saudades vem-nos despertar.

Após esta parte da nossa jornada,
Tão bela e tão curta, lá se ergue uma cruz,
E eu, órfão mesquinho, na campa ignorada
Não pude ajoelhar-me, nem flores depus.

E as cinzas queridas... mas não, adiante,
Perdoa, perdoa, se esqueço o meu fim;
Ó lira, teus crepes arroja distante;
Ó alma, tuas dores divulgas assim?

Mas nesses instantes em que eu na orfandade

Aos ecos tão tristes falava da mãe,

Os laços ligando da nossa amizade,

As vestes de luto cingias também.

Porém nova quadra se segue. A corrente

Da vida mais turva para nós se mostrou;

Pequenos martírios que sofre o inocente

De que hoje nos rimos, o peito provou.

No meio de estranhos eu vi-me sozinho,

E assim na carreira das letras entrei.

A mão que os meus passos guiou com carinho

A morte roubou-ma, eu só caminhei.

Mas ainda então mesmo na vida de criança

A nossa amizade não pôde esfriar;
Nas horas votadas à grata folgança
De júbilo cheio te vinha encontrar.

Mais tarde ambos na senda da vida
Guiou-nos os passos benévola mão.
Recordas-te dele? Da imagem querida,
Da imagem saudosa do amigo, do irmão?

Que tempo, que cenas passámos unidos!
Prazeres, trabalhos, leituras comuns!
Ai, quantas saudades dos tempos volvidos
Me restam no peito, remorsos nenhuns!

Aquela nobre alma, já perto da morte,
Que negra adejava de si ao redor,

Mais nobre por isso, mais bela, mais forte,

Pra as lutas da vida nos dava calor.

O Sol à florinha que adorna a colina,

Já perto do ocaso não nega o luzir;

Sem ele os rigores da brisa ferina

Faziam-lhe o sopro da vida exaurir.

A estrada apontou-nos que afouto seguira,

E onde tão firme marchar sempre o vi,

Em nós verte o alento que a ele o inspira,

E pára ao dizer-nos: «Eu fico — parti!»

E a sombra seguindo do irmão, que lhe aponta,

Fugenta de esperanças a estrada do Céu,

A terra abandona, no empíreo desponta,

E cedo para sempre de nós se perdeu.

Ao ver-me sem ele sozinho na vida,

Faltaram-me as forças, tentei recuar,

Que a luz que me guiava, na campa sumida,

Em trevas profundas deixou-me ficar.

Mas ainda de novo para mim sua imagem,

Surgindo da campa, me veio sorrir,

Alento infundir-me, bradar-me: «Coragem!»

E eu, forte, sua obra não quis destruir.

Por outro caminho seguiste, contudo

De espaços a espaços cingimos as mãos:

Nas lides da vida, nas lides do estudo,

Jamais esquecemos o nome de irmãos.

Mil vezes à sombra do denso arvoredado
Falávamos ambos do nosso porvir,
Dos tempos passados, do ignoto segredo
Que dentro do peito tentava florir.

Ao fim da carreira, que ansiado trilhava,
Após mil fadigas enfim te encontrei;
Mas antes, de novo a dor nos magoava:
De um túmulo à beira contigo chorei.

Aos mares da vida teu barco lançaste:
Na margem parado, meu barco sustei.
É tempo! Partamos. Tu, forte, cruzaste
As ondas, e «Ao largo!» bradar escutei.

Mas lá que me espera? nas vagas furiosas

Veria afundar-se meu pobre baixei;

Vogando tão longe de praias formosas

Irá destruir-se num outro parcel?

Calai-vos, inquietos anelos de um peito,

Que muito receia, por muito querer;

Calai-vos, esperanças com que eu me deleito

Nas horas mais gratas de um triste viver.

Oh! deixa, deixemos tão longo horizonte,

Que vago e obscuro para todos ele é:

Deixemo-lo, amigo, 'té quando desponte,

Esperemo-lo fortes de esperança e de fé.

E a vista lancemos mais perto: no espaço

Bem curto em distância, de afetos maior,
Que vemos? Os entes, que um cândido laço
Reúne em família com santo fervor.

Nos rostos que anima fulgente alegria,
Amor e ventura bem fácil se lê;
E a ideia que é hoje de encantos um dia,
O seio lhes enche de júbilo. Vê.

Louvemos o Eterno, que assim te permite
Provar de uma taça tao pura e sem fel;
Saudemos o dia que aos rostos transmite
Os gozos, que verte no peito fiel.

Desviemos o rosto das nuvens passadas,
Fechemos os olhos às trevas por vir,

E as horas presentes, à paz consagradas,

Gozemos; gozemos tão belo existir.

E agora perdoa se as notas da lira

Num dia como este, que a tantos sorri,

As vezes, saudosa de mágoas, suspira,

Em vez de esperanças soar só por ti.

20 de Outubro de 1861

VOZ DE SIMPATIA

Ao despontares da amena juventude,
De galas e de flores ornaste o seio.
E de mil sonhos de prazer no meio,
Com que o peito se ilude,
Aguardaste o alvor do Sol fulgente,
Que a luz e vida ao coração dispensa,
De amores ideais, na dita imensa,
Deleitava a mente.

Ele surgiu! esse astro rutilante!
Não; efêmera luz, que instantes brilha,
Porém cujo fulgor cedo se humilha,
Nasce e morre inconstante.

Surgiu! não como a chama das estrelas,
Que em multidão infinda o céu povoam,
E pálidas o véu da noite coroam,
Quais lúcidas capelas;

Mas único brilhante, duradouro,
Como o astro do dia, que surgindo,
E luminosas vagas difundindo
Raios de fulgente ouro,
Dispersa na amplidão a imensa turba
Dos outros astros que no espaço giram,
Enquanto eles no céu sua luz admiram,
E nenhum o perturba.

Volveram anos, risos e fulgores
Da idade juvenil se desvanecem,

Mas não morre a afeição, mas não fenecem

Os teus cândidos amores;

Não fenecem, não morrem; crescem antes,

O sentimento e a razão os gera,

Sentimento e a razão, que Deus vertera

No teu ser, abundantes.

Volveram anos... e afinal? Gozaste

Essa ventura, esperança dos teus dias?

Ai, não; em vez do cálix de alegrias,

O do travor provaste.

Traíram-te! e um frio esquecimento

O prêmio foi do teu amor constante!

E a luz que te guiava fulgurante

Sumiu-se num momento.

E a dúvida não veio na tua alma
Negar de um Deus supremo a existência,
Descrer dessa irrisória providência,
Que aos maus concede a palma?
Oh! não; curvaste a cara angustiada,
Escondeste tuas lágrimas ardentes,
E mostraste-te aos olhos indiferentes
Vítima resignada.

Eles veem nos teus lábios o sorriso,
E julgam que provém do esquecimento!
Cegos! vissem-te à luz do sentimento
Como eu te diviso.

Saberiam que angústia ele escondera,
Que pungente amargura nele oculta!
Saberiam que a dor que mais avulta

Não é a mais sincera.

Que mundo! Àquele que a sua fé trairá,

Os prazeres, os gozos, a riqueza;

A ti saudade, isolamento, tristeza!

E não é Deus mentira?!

E o crime folga, e é vítima a inocência!...

Não folga; o Céu é justo, e o mau condena,

Dá-lhe o remorso por amarga pena,

E a ti a consciência.

35 de Abril de 1860.

Nota do Autor. — Se chegar aos olhos da pessoa a quem é dirigida, ela compreenderá.

O DESTINO DA LIRA

Cantar o amor é destino

Quando o seio pulsa ardente,

Quando no nosso horizonte

Surge a imagem resplendente

De um sol que a aridez da vida

Transforma em jardim florente.

Mas quando a chama se extingue,

Que no peito nos ardia,

A lira não canta amores,

Nem os sonha a fantasia;

Então natureza e pátria

Só nos inspiram poesia.

Depois, os anos declinam
Como o Sol no azul dos céus;
E quando a noite da vida
Já nos estende seus véus,
Todos os cantos da lira
São consagrados a Deus!

12 de Agosto de 1860.

À LUZ DO SOL NASCENTE

À luz do Sol nascente

Resplendem pelas selvas

Mil pérolas nas relvas,

Nos ares mil rubis;

No azul do céu nevado

Não brilham as estrelas,

Mas são imagens delas

As flores do tapiz.

As aves perpassando

Agitam a ramagem,

E a perfumada aragem

Nos bosques se introduz;

Aí mil vozes falam

Ao céu sereno e mudo;

No bosque é sombra tudo,

No céu é tudo luz.

Ridente madrugada,

Hora em que do oriente

Com o gládio refulgente

O arcanjo da luz vem;

E as trevas se dissipam,

Com as trevas a tristeza,

Que em toda a natureza

A noite eivado tem.

Oh! vinde, vinde ao prado

Que o orvalho ainda humedece;

Ali tudo parece À vida ressurgir.

Em vórtices contínuos,

Em doudejantes, valsas

Elevam-se das balsas

Insetos a zumbir.

Subi do prado ao vértice

Da florida colina,

Então pela campina,

Os olhos prolongai

Ao longe, ao longe as vagas,

Lutando nos fragedos;

Mais perto os arvoredos

Que o arroio banhar vai.

A tudo anima a esperança

No monte e vale e praia;

No céu Vésper desmaia

Ao matutino alvor.

O cântico das aves,

Das flores o aroma

Nos diz: — O dia assoma!

Hosana ao Criador!

1 de Julho de 1862.

NOVA VÉNUŠ

Solta aos ventos as trancas douradas,

Meiga filha das bordas do mar,

E no meio das vagas iradas

Solta aos ventos o alegre cantar.

Não, não temas as nuvens sombrias.

Que uma a uma se elevam d'além,

Que rodeado d'amor e alegrias,

O teu céu dessas nuvens não tem.

Canta sempre; de noite às estrelas,

De manhã ao luzir do arrebol,

Ao passarem no mar as procelas,

Ao sorrir aos outeiros do sol.

Canta sempre, ó alcíone destas vagas,

Nova filha da espuma do mar,

Canta sempre, e eu sentado nas fragas,

Voltarei para ouvir-te cantar.

28 de Fevereiro de 1863.

QUANDO TE VI

Hoje, quando te vi, estavas pensando;
Em que pensavas tu, virgem formosa,
Desmaiadas as faces cor-de-rosa,
E o seio, o gentil seio, inquieto arfando?

Em que pensavas tu? De vez em quando
Elevavas ao céu, triste, saudosa,
A vista amortecida, lacrimosa,
Para a baixar depois em gesto brando.

No chão jaziam murchas, desfolhadas,
As rosas, que ainda há pouco te toucavam,
Agora já por ti abandonadas.

Os últimos clarões do Sol douravam

As tuas belas tranças desatadas;

Diz, que íntimos anelos te turbavam?

DESESPERANÇA

Meu Deus, que destino!... viver isolado,
Sem ter quem no mundo me possa entender!
Não era esta a vida que tinha sonhado
Nos sonhos passados de um outro viver!

As feras, as aves, as flores, quanto existe,
Se abraçam num terno, dulcíssimo ardor!
Só eu, solitário, viver sempre triste!
Viver ? — Não: que é vida, faltando-lhe o amor?

É ermo entre gelos, é horrída noite,
Onde um só astro, sequer, nem reluz!
Como hei de, sem crenças onde a alma se açoit,

Do Gólgota ao cimo levar minha cruz?!

O anseio, este fogo que lento me inflama

Não hei de apagá-lo num gozo real?

E os vagos transportes que sente quem ama

Terá de abafá-los paixão mundanal?

Não ter seio amigo no qual eu repouse

A cara cansada de ardente pensar,

Uma alma conforme com a minha, a quem ouse

Dizer quanto sinto no peito a pesar!

Ai! triste, que sorte! viver entre gelo,

Sentindo atear-se cá dentro um vulcão!

Nutrir tanto afeto no peito, e perdê-lo!...

Desejos que abraçam, mantê-los em vão!

Meu Deus! És injusto!... mas oh! se blasfemo,

Perdoa, que a mente mal pensa o que diz!

Perdoa, perdoa-me, ó Ente supremo,

Concede-me ainda que eu seja feliz!

Oh! dá-me a ventura que em sonhos já tive!...

Uma alma que esfalma soubesse entender!

Um ente, se acaso na Terra ele vive,

Que possa este vácuo de amor preencher.

Que imenso tesouro de afetos lhe dera!

Sorria-lhe a vida num éden gentil!

Entre outros segredos então lhe dissera

Tais falas, cortadas por beijos aos mil!

Ai! fuge, deixemos da vida mundana

Os seus vãos devaneios, seu fogo falaz!

Busquemos sozinhos deserta cabana,

Aonde não turve ninguém nossa paz!

Que imensos prazeres que lá nos esperam!

Que ledo futuro que então nos sorri!

Ali não há mágoas, que o peito laceram,

Dos homens o bafo não chega até 'li!

Que vida, essa vida que então lá teremos

Tão rica de afetos, de gozo sem fim!

Que ternos enlevos, que doces extremos,

Que belos os dias, passados assim!

De esperanças e flores no quadro tão lindo

No cimo do monte, da aurora ao nascer,
Iremos saudá-la, dizer-lhe: — Bem-vinda
Tu sejas, que à Terra dás luz e prazer!

Depois, vendo as aves com doce harmonia
Soltarem seus cantos no bosque além,
Na língua dos anjos, na maga poesia,
Aos Céus nossos hinos se elevam também;

Oremos ao Eterno, sagremos-lhe os cantos,
Que d'alma espontâneos prorrompem então!
Depois resolvamos provar dos encantos
Da vida inefável que anima a solidão.

Da tarde ao crepúsculo, nos breves instantes
Dessa hora em que se unem as sombras e a luz,

Também nossas almas unidas e amantes

Anelem delícias que a noite conduz!

Ali, o murmúrio da rápida brisa

Banhada em perfumes, roubados à flor,

A linfa, que mansa no prado desliza,

Virão segredar-nos mil falas de amor!

— Amor — repercutam os ecos da serra!

— Amor — lá das aves se escute na voz!

E as nuvens, as fontes, os bosques, a terra,

— Amor — só respirem em torno de nós!

— Amor — alta noite veremos escrito

Com letras douradas no livro de Deus!...

Presságio divino do gozo infinito,

Que um dia teremos unidos nos Céus.

E um dia lá corre, d'amor bafejado,

Ao outro que surge prazeres iguais!

E sempre esta vida!... Mas, ai! desgraçado!...

Que assim me enlevava de esperanças banais!

Debalde iludir-me procuro num sonho!

Cruel desengano, cruel que ele é!

Ele aponta o futuro, sombrio e tristonho,

Sem crenças, sem glória, sem vida, sem fé!

A mim só me resta viver isolado!

Sem ter quem no mundo me possa entender!

Ai! sonhos tão Belos que outrora hei sonhado!

Delícias passadas de um outro viver.

SIMILIA SIMILIBUS

Nova seita proclamaram

De Esculápio os descendentes;

Dão vivas os boticários,

Estremecem os doentes.

Mas que achado! Os velhos médicos

Veem o passado com mágoa;

Estes, de novo sistema,

Aquecem água com água.

O fogo apagam com fogo,

Dão vista aos cegos, cegando,

E até para coroar a obra,

Curam da morte... matando.

HISTÓRIA DE UNS BEIJOS

Ouvia gabar os beijos,
Dizer deles tanto bem,
Que me nasceram desejos
De provar alguns também.

Esta fruta não é rara,
Mas nem toda tem valor,
A melhor é muito cara
E a barata é sem sabor.

Colhi-os dos mais mimosos,
Provei três; mas, pelo meu mal,
Ao princípio saborosos,

Amargaram-me afinal.

Um colhi eu de uma bela
Que era Rosa, sem ser flor,
Se tinha espinhos como ela,
Dela também tinha a cor.

Vi-a a dormir e furtei-lhe
Um beijo, que a acordou,
Eu gostei, porém causei-lhe
Tal susto que desmaiou.

Logo que a vi: sem sentidos
Fugi sem outro lhe dar,
Pois beijos sem ser pedidos
Não são coisas para brincar.

Porém deste beijo ainda

Pouco tive que dizer,

Pois a tal rosa... era linda

E tornou a reviver.

Outra vez, de uma morena,

Olhos azuis, cor do céu,

Corpo esbelto, mão pequena,

Um beijo me apeteceu.

Pedi-lho, e então por bom modos,

Pedi-lho do coração.

Zombou dos meus rogos todos

E respondeu-me: que não.

Zombei, como ela zombava

E um beijo, à força lhe dei;

Mas... bem dado ainda não estava

E com um bofetão o paguei.

Custou-me caro o desejo,

Que muito caro ela o vendeu.

Pagar por tal preço um beijo!

Assim não os quero eu.

Este mais do que o primeiro,

Me deixou fraca impressão;

Quis provar ainda um terceiro,

Para não jurar em vão.

Mas não quis fruta roubada,

Que mal com ela me dei;

Uma dama delicada

Ofereceu-ma... eu aceitei.

Ai que boa fruta era!

Estava mesmo a cobiçar.

Passar a vida quisera,

Tal fruta a saborear.

Mas no meio da colheita...

Da fruta o dono apareceu;

Zelosos olhos me deita:

Se zelava o que era seu!

Vendo o caso mal seguro

Eu logo ali lhe jurei

Restituir até com juro

A fruta que lhe tirei.

E acaso não discordasse,

Não me parecia mal

Que a ele os juros pagasse,

E à senhora... o capital,

Esta sensata proposta

Em fúrias o arrebatou,

E, por única resposta,

Pra luta se preparou...

Oiço ainda gabar os beijos,

Dizer deles muito bem,

Mas findaram-me os desejos,

Já sei o sabor que têm.

1859.

Nota do Autor. — Desde já afirmo que não fui eu o protagonista da história. Ainda não tive uma indigestão deste gênero de fruta, e nem sei, para falar francamente, se mesmo quando a tivesse, a ficaria abominando para sempre. O caso, enquanto a mim, não foi de natureza que justificasse semelhante aversão; mas enfim há suscetibilidades tais...

Não afirmamos, contudo, que a dieta tenha sido escrupulosamente observada. Nesta espécie de fruta, parece-me que, ao contrário do que se diz para as outras, é a qualidade e não a quantidade que faz o mal.

SEGUNDA PARTE

A J...

Acredita que os anjos também sofrem

Nesta mansão de dores,

E não olhes o mundo lacrimosa,

Quando o vires despido de fulgores.

Mal sabe, a rosa, ao vicejar lasciva

Em plena Primavera,

Que é passageira a quadra; que após ela

Se despoeva o prado e a morte a espera.

O terreno que pisas nesta vida

Oculto um precipício

O caminho, onde ao fim vemos a glória,

Quantas vezes termina no suplício!

Eu já vi, sobre um túmulo isolado,

Um grupo de crianças

Dando as mãos, e travando em chão de morte,

Com risos infantis, alegres danças.

Vi-as também sorrindo descuidadas,

Se piedoso viandante

Parava pensativo e, murmurando,

Uma humilde oração, passava adiante.

Assim também sorris, se melancólico

Eu penso no futuro,

Quando uma sombra vem turbar-me a cara.

Com elas, ris do meu rosto escuro.

Mas olha, vais saber a história triste

Desses três inocentes,

Que sobre as cinzas frias de uma campa

Se entregavam a jogos complacentes.

À noite a mãe, beijando-os, estranhou-lhes

Das faces a brancura;

E um presságio sentiu; ao alvor do dia

Levava-os todos os três à sepultura.

É que os ares do túmulo dão morte

Em afago homicida;

Nesse ar infecto em que se extingue a chama,

Também arqueja e expira a luz da vida.

Teme pois também tu, cândida virgem,
O ar que aqui respiras;
E não perguntes mais ao viandante
Que pensamentos de amargor lhe inspiras.

Nota do Autor. — Esta poesia foi enviada ao redator da Grinalda, João Marques Nogueira Lima, assinada com o pseudónimo Júlio Dinis, em 9 de Março de 1861 e publicada no 3.º número daquele jornal. No dia 18 de Março, à noite, o Passos elogiou-a, sem saber quem era o autor.

A NOIVA

(NO ÁLBUM DA EXMA. SRA. D. ISABEL M. FIGUEIREDO DE CARVALHO)

Mal as regiões do oriente

A luz da manhã tingia,

Já ao cristalino espelho

A linda noiva sorria,

E a alva flor da laranjeira

Ao véu de neve prendia.

A noite passara à vela

E que noiva a dormiria?

E ao desmaiar das estrelas,

Alvorçada se erguia.

E a alva flor da laranjeira

Ao véu de neve prendia.

Depois, ligeira, impaciente,

Chegava-se à gelosia

A ver se o sol já dourava

Os cimos da serrania,

E a alva flor da laranjeira

Ao véu de neve prendia.

De vez em quando chorava...

E o que chorar a fazia?

Saudades do que passara?

Terroros do que viria?

E a alva flor da laranjeira

Ao véu de neve prendia.

Mas são lágrimas de noiva,
Um só beijo as secaria,
São como gotas de orvalho
Quando o Sol as alumia;
E a alva flor da laranjeira
Ao véu de neve prendia.

Que longo porvir d'amores,
Que futuro de poesia,
Que palácios encantados
Lhe pintava a fantasia,
Quando a flor da laranjeira
Ao véu de neve prendia!

E ao casto leito de virgem

Dentro da alcova sombria,
A noiva, de vez em quando,
Inquieta os olhos volvia;
E a alva flor da laranjeira
Ao véu de neve prendia.

Por entre o rosai florido,
Que o balcão lhe entretecia
As avezinhas cantavam
Com festiva melodia.
E ela a flor da laranjeira
Ao véu de neve prendia.

Alto ia o Sol, resplendente
Na manhã daquele dia,
Cuja noite... Esta lembrança

Da noiva as faces tingia;

E a alva flor da laranjeira

Ao véu de neve prendia.

A mãe, vendo-a tão formosa,

Julgava um sonho o que via,

Que o vestido de noivado

As graças lhe encarecia,

E a alva flor da laranjeira

Do véu de neve pendia.

Vêm as irmãs, que a contemplam

Com inveja, eu juraria:

Ela baixa os olhos, cora,

O que mais bela a fazia,

E a alva flor da laranjeira

Do véu de neve pendia.

Junto delas, perturbada,

Quase nem falar podia;

Só as mães bem compreendem

O que a noiva então sentia,

Quando a flor da laranjeira

Do véu de neve pendia.

As horas passam tão lentas!

E o coração lhe batia,

A mãe chorava, coitada,

Com saudades o fazia;

E a alva flor da laranjeira

Do véu de neve pendia.

A sala já estava cheia;
A noiva achava-a vazia,
Que entre tantos convidados
Ainda o noivo se não via;
E a alva flor da laranjeira
Há muito do véu pendia!

Passa a manhã, e não chega!
Não chega, e é já meio-dia!
Nas varandas, nos eirados,
Se dispersa a companhia;
E a alva flor da laranjeira
Há tanto do véu pendia!

O rosto da bela noiva
Cada vez mais se anuvia,

Não sei que voz misteriosa

Desgraças lhe pressagia;

E a alva flor da laranjeira

Inda do véu pendia.

Fenece a tarde. Eis a noite,

Hora de melancolia.

No rosto dos convidados

Desassossego se lia,

E a alva flor da laranjeira

No véu da noiva tremia.

Tudo é silêncio. A coitada

Uma estátua parecia...

Tão pálida como mármore,

Como ele imóvel, fria;

Só a flor da laranjeira

No véu da noiva tremia.

Abrem-se as portas. «É ele!»

Disse toda a companhia:

Porém ilusória esperança!

Um pajem só aparecia:

E a alva flor da laranjeira

Do véu da noiva caía.

Tristes novas traz o pajem,

Que triste o rosto trazia;

Fez-se um silêncio profundo

Entanto que ele as dizia,

E a alva flor da laranjeira

Inda por terra jazia.

Dispam-se as galas da festa,

Calem-se os sons da alegria,

Que morto em cruel combate

O noivo... Um grito se ouvia,

Junto à flor da laranjeira,

A noiva no chão caía..

Cercam-na todos... de balde,

O seio já não batia;

Aquela mimosa planta

Sem alento sucumbia,

Como a flor da laranjeira,

Derrubada ali jazia.

Mal sabia a pobre noiva

Pra que bodas se vestia!

Mal sonhava a desposada

Que a morte esposar devia!

Quando a flor da laranjeira

Ao véu da neve prendia.

Com as vestes do noivado

Para o sepulcro ela se ia;

Em vez do rubor da noiva

A palidez da agonia

E a alva flor da laranjeira

Do véu de neve pendia.

Tantos sonhos que sonhara!...

Tanta esperança que nutria!...

Por esposo tinha a morte,

Por tálamo, a lousa fria,

E a flor da laranjeira

Com ela à campa descia.

O DESPERTAR DA VIRGEM

Que é isto? que sentimento

Me faz palpitar o seio?

Meu Deus, meu Deus, porque anseio?

A que aspira o coração?

Que me revela este fogo,

Esta vaga inquietação?

Da vida a clara corrente

Porque é que se perturba?

Porque, fugindo da turba,

Eu só folgo ao ver-me a sós,

Escutando ignotas falas

De não sei que estranha voz?

Ainda há pouco me apraziam

Da alegre infância os folguedos;

Hoje não sei que segredos

O coração me prediz.

Enfadam-me as alegrias

Desses tempos infantis.

Às horas do fim do dia,

Quando o Sol no mar declina

E d'áurea luz ilumina

Todo o horizonte ao redor,

Porque me sinto enleada

Num indizível langor?

De manhã, quando nas selvas

O dia desperta as aves,

E mil aromas suaves

Sobem dos campos ao céu,

Porque sinto ante meus olhos

Estender-se húmido véu?

E esta imagem resplendente,

Que sorrir-me em sonhos vejo,

Ai, tão bela que desejo

Sempre mais tempo sonhar!

Quem é que em tão mago enleio

Me faz, sem querer, sonhar?

Este ansiar incessante,

Esta esperança ainda tão 'vaga

De gozos, que a mente alaga,

Mal lhe sabendo o valor,
Este ignoto sentimento...
Deus do Céu, será o amor?

Amor! que palavra é esta,
Que ela só me sobressalta
E mil sensações exalta
Desconhecidas para mim...
Que poder mágico encerra
Para me agitar assim?

É o amor o sentimento
Que me faz arfar o seio?
Este gozo porque anseio
E a que aspira o coração?
É pois amor este fogo,

Esta vaga inquietação?

1859.

Nota do Autor. — Não sou por certo eu o melhor juiz da verdade desta poesia, escrevi-a de palpite.

Julgue-a quem pode.

QUINZE ANOS

(NO ÁLBUM DO MEU AMIGO J. M. NOGUEIRA LIMA)

Que são quinze anos, quando a virgem cora?

Quando, já triste, na solidão vagueia?

Que são quinze anos, se ao surgir da aurora,

A embala em sonhos embriagante ideia?

Se ao fim da tarde, em languidez caída,

Do peito sente o palpitar inquieto,

E aspira, ansiosa, mas ardente vida,

Vida de amores, de paixões, de afeto?

Que são quinze anos, quando um sangue ardente

No peito infunde abrasadora lava?

Quando aos assomos da paixão nascente,

A alma da virgem se submete escrava?

Ai, quantas vezes nesses jovens seios

Se esvai bem prestes a infantil bonança?

Quantas se ocultam juvenis enleios,

Nas aparências de pudor, criança?

Vês a palmeira, que no nosso clima

Arbusto humilde, um vendaval derruba,

Como nas plagas, que o calor anima,

Eleva altiva a majestosa juba?

A mesma vida, que recebe a planta

Nessas paragens onde o Sol dardeja,

O amor, o astro que a existência encanta,

A mesma vida ao coração bafeja.

E tu, que deixas os pueris folguedos,
Como a grinalda que esfolhada viste,
E erras em choro por jardins e olmedos,
Ai, virgem, virgem, já o amor sentiste.

Já o aspiraste, percorrendo a relva,
Entre perfumes de violeta e rosas;
Falou-te dele o rouxinol na selva,
E a estrela em noites de Verão formosas.

Falou-te dele a matutina brisa,
Por entre as folhas sussurrando meiga;
No prado a linfa, que a correr desliza,
E a borboleta nos rosais da veiga.

Falou-te dele esta gentil paisagem,

O azul dos céus, a secular floresta.

Esse o mistério que em subtil linguagem

Às virgens conta a natureza em festa.

Ouvindo, pois, as namoradas falas,

Que eu delirante te falei, donzela,

O que receias? porque assim te calas,

Rubra de pejo, que te faz mais bela?

Esconde a cara no meu peito, esconde,

Mas não hesites ao dizer-me que amas.

Que são quinze anos, linda flor? responde,

Quando o teu seio se devora em chamas?

O BOM REITOR

Sabem a história triste

Do bom reitor?

Mísero, toda a vida

Levou com dor.

Fez quanto bem podia,

Mas... afinal

Morre, e na pobre campa

Nem um sinal.

Nem uma cruz ao menos

Se ergue no chão!

Geme-lhe só no túmulo

A viração.

Vedes, além, na relva

Junto ao rosai,

Flores que há desfolhado

O vendaval?

Cobrem-lhe a lousa humilde;

A criação

Paga-lhe assim a dívida

De compaixão.

Pobres, que amava tanto,

Nunca, ao passar,

Choram, curvando a cara

Para rezar.

Nunca, ao romper do dia,

O lavrador

Pára e lamenta a sorte

Do bom reitor.

As criancinhas nuas

Que estremeceu,

Já nem sequer se lembram

Do nome seu.

No salgueiral vizinho,

Ao pôr do Sol,

Vai carpir-lhe saudades

O rouxinol.

Lágrimas... pobre campal

Ai, não as tem;

Só da manhã o orvalho

Rociá-la vem.

Da solitária Lua

A triste luz

Grava-lhe em vagas sombras,

Estranha cruz.

E ele repousa, dorme,

Vive no Céu.

Dorme, esquecido e humilde,

Como viveu.

Há nesta vida amarga

Sortes assim:

Vive-se num martírio,

Morre-se enfim.

Sem que memória fique

Para contar Às gerações que passam,

Nosso penar.

Quem me escutar, se um dia

Ao prado for,

Ore pelo descanso

Do bom reitor.

Julho de 1864

INICIAÇÃO

Além, naquela avenida,
De plátanos e salgueiros,
Foi que nos teus beijos primeiros
Bebi a primeira vida.

Sob os copados verdores
Daquela frondosa rua,
Mal vistos da própria Lua,
Falávamos nós de amores.

Todos na nossa procura,
Nós a rirmos escondidos.
Oh! que instantes decorridos!

Oh! que rápida ventura!

«Vai», coseste-me ao partires,

Que estes beijos te deem vida.

Adeus, a infância é volvida!

Luta, e... se não sucumbires...»

E a voz faltava-te em meio;

E eu disse com modo brando:

«Se não sucumbir?...» Chorando

Apertaste-me ao teu seio.

«Volta; e a sentida promessa,

Que nos meus beijos entendeste,

Cumprida será». Disseste:

«Adeus. A luta começa.»

E começava! Ai, por vezes

Me tomou o desalento;

Porém aquele momento

Lembrava-me nos reveses.

Lutei. E ao voltar agora

Com as lembranças do passado,

Diz-me, anjo, se me é dado

Recordar-te ainda essa hora?

A JOVEM MÃE

Vistes a jovem mãe junto do berço

Do filho adormecido?

Que lhe importava o resto do universo?

Tudo o que a mão de Deus nele há disperso

Via ali resumido.

A guerra vai acesa, o sangue corre

Pelas nações da Terra;

Mas todo esse rumor no berço morre:

A aumentar o silêncio até concorre

Que o gineceu encerra.

Um dia, ao pôr do Sol, ela embalava

O berço do inocente.

E, com os olhos nele, se entregava

A sonhos de ventura e olidava

No porvir o presente.

Por um momento a olhou ele e sorria:

Mas que sorriso aquele!

A mãe, que todos os gestos lhe entendia,

Estranhou-lhe o sorrir, que de alegria

Ai, não, não era ele.

O seio a palpitar-lhe, e mansamente

Nos lábios o beijava.

Mas no amoroso ósculo, somente

Recebeu o espírito inocente,

Que a Terra abandonava,

Tendes já visto o mar tranquilo e unido

Nas praias deslizando,

E depois levantar-se embravecido

Qual o leão, do caçador ferido,

As crinas eriçando?

Tendes já visto o vento pela serra

Gemendo brandamente,

Para depois, em tumultuosa guerra,

Descer aos vales, devastar a terra

Assolador, fremente?

Assim a pobre mãe se ergueu, os ares

Enchendo com os seus gritos!

Como a fera a rugir entre os palmares,

Corre a pobre sem tino, os seus olhares

Volvendo ao Céu aflitos.

Ao vê-la, di-la-eis impelida

Por sobre-humana força.

Nem mais veloz, no bosque foragida.

Através das devesas perseguida,

Corre a tímida corça.

De repente parou, como escutando

Uma vaga harmonia.

E um estranho fulgor de vez em quando

Vinha animar-lhe as faces, revelando

Insólita alegria.

Volta ao berço do filho inanimado.

Pára, olha-o, medita.

Depois cingindo-o ao seio angustiado,

Corre à praia do mar, que o vento irado

Então revolve e agita.

«Filho, filho, não partas só da vida,

Espera, eu vou contigo.»

Disse, e nas penhas húmidas erguida,

Com o inocente, na vaga enfurecida

Busca o final jazigo.

Viste a jovem mãe na campa fria

Unido o filho ao peito?

Que lhe importava o mundo, onde o não via?

Como outrora, embalando-o, adormecia,

Mas no funéreo leito.

A VIDA

A alvorada foi risonha;

Ergueste-te como o dia,

Eu fiz, naquela alvorada,

Uma alegre profecia.

Inda radiava fulgente

Vénus, a saudosa estrela,

Já tu ornavas as trancas

E cantavas à janela.

E dos laranjais vizinhos

Os rouxinóis acordados

Respondiam-te com trinos

Da tua voz namorados.

Dos virentes jasmineiros,

Que a Primavera enflorava,

Vinha cheio de perfumes

O vento que te beijava.

Quem dissera então ao ver-te

Nessa risonha alvorada,

Que a noite, estrela cadente,

Serias inanimada?

1870.

TRIGUEIRA

Trigueira! que tem? Mais feia

Com essa cor te imaginas?

Feia! tu, que assim fascinas

Com um só olhar dos teus!

Que ciúmes tens da alvura

Desses semelhantes de neve!

Ai, pobre cabeça, leve!

Que te não castigue Deus.

Trigueira! se tu soubesses

O que é ser assim trigueira!

Dessa ardilosa maneira

Porque tu o sabes ser;

Não virias lamentar-te,
Toda sentida e chorosa,
Tendo inveja à cor da rosa,
Sem motivos para a ter.

Trigueira! Porque és trigueira
É que eu assim te quis tanto.
Daí provém todo o encanto
Em que me traz este amor.

E suspiras e murmuras;
Que mais desejavas inda?
Pois serias tu mais linda,
Se tivesses outra cor?

Trigueira! onde mais realça

O brilhar de uns olhos pretos,
Sempre húmidos, sempre inquietos,
Do que numa cor assim?
Onde o correr de uma lágrima
Mais encantos apresenta?
E um sorriso, um só, nos tenta,
Como me tentou a mim?

Trigueira! E choras por isso!
Choras, quando outras te invejam
Essa cor, e em vão forcejam
Por, como tu, fascinar?
Ó louca, nunca mais digas,
Nunca mais, que és desditosa.
Invejar a cor da rosa,
Em ti, é quase pecar.

Trigueira! Vamos, esconde-me

Esse choro de criança.

Ai, que falta de confiança!

Que graciosa timidez!

Enxuga os bonitos olhos,

Então, não chores trigueira,

E nunca dessa maneira

Te lamentes outra vez.

Abril de 1864.

De: As Pupilas do Sr. Reitor

A INTERCESSÃO DA VIRGEM

(H. HEINE)

I

Jazia o filho no leito,

A mãe olhava o balcão.

— «Não te levantas, meu filho,

Para ver a procissão?»

— «Ai, mãe! se estou tão doente,

Que não posso ouvir nem ver!

Penso nela... a pobre morta...

Como não hei de eu sofrer!»

— «Ergue-te, filho, e à romagem

Iremos juntos a orar,
Que aos corações doloridos
Sabe a Virgem consolar.»

Já se ouvem os sacros hinos,
Da cruz flutua o pendão;
Em Colônia sobre o Reno
Vai passando a procissão.

E a mãe e o filho acompanham
A turba que segue o andor
Dizendo em coro com ela:
— «Glória a ti, Mãe do Senhor!»

Como a Senhora está linda

Com o seu mais rico vestir!

Correm-lhe em chusma os doentes

Muito tem ela que ouvir!

Todos lhe trazem promessas

Com ferventes devoções:

Membros, pés e mãos de cera,

Jazem no altar aos montões;

Quem lhe der um pé de cera,

Logo do pé sarará;

Quem mãos de cera lhe ofereça,

A mão curada verá.

Mancos, que à romagem foram,

Vêem-se na corda saltar;
Outros de mãos aleijadas,
Destros agora a tocar.

Da alva cera de uma vela
Fez a mãe um coração.

— «Leva isto à

Virgem Maria,

Que te cure essa paixão.»

Gemendo, o filho a recebe,

Gemendo a vai ofertar;

Dos olhos lhe brota o choro

Do coração este orar;

— «Ó Maria gloriosa!

Serva pura e mãe de Deus:

Virgem, dos Céus Soberana,

Escuta os lamentos meus!

«Em Colônia, onde as igrejas

Se podem contar às cem,

Os meus dias descuidado

Passava com a minha mãe.

«E junto de nós vivia

Margarida... a que morreu...

Dou-te um coração de cera,

Cura as feridas do meu!

«Cura minha alma dorida,

Que eu com devoto fervor

Direi de dia e de noite:

— «Glória a ti. Mãe do Senhor!»

III

Alta noite, adormecidos

Jaziam o filho e a mãe,

E a Virgem muito de mansinho

Entrando no quarto vem.

Pendida sobre o doente

No peito a mão lhe pousou,

E com gesto suavíssimo

Sorrindo se retirou.

Como se através de um sonho,

Tudo isto a mãe percebeu

E acordando alvoroçada,

Junto do filho correu.

Estendido sobre o leito,

Morto, a triste o foi achar;

Andava-lhe a luz da aurora

Pelas faces a brincar.

Vendo-o assim, a mãe piedosa

Juntou as mãos com fervor

E em voz baixa disse, orando:

— «Glória a ti, Mãe do Senhor!»

Abril de 1864

METEORO

Não a viram passar? Era no Outono;
Quando languesce a flor, quando na selva
Se cala o rouxinol e ao abandono
Jazem as folhas na crestada relva.

Não a viram passar? As altas neves
Revestiam das serras as cumeadas,
E em vez das brisas perpassando leves,
Assopravam violentas as rajadas.

No meio da tristeza destas cenas,
Ela só, muda e pálida, sorria,
O seio a anuviar-se-lhe de penas,

O rosto a iluminar-se de alegria.

Não a viram? Passou. A natureza

É outra vez de galas revestida,

Mas minha alma é coberta de tristeza

Como naquele instante da partida.

Setembro de 1860

DESPEDIDA DA AMA

(A meu primo e amigo J. J. Pinto Coelho)

Adeus filho do meu peito,

Que do meu peito nutri...

Parto. Vou deixar-te, filho,

Ai, que farei eu sem ti?!

Adeus! Já quando acordares

Chorando não me verás;

As noites a acalantar-te

Outra voz escutarás.

Que amor te ganhei, meu filho!

Que triste amor este meu!

Se assim tinha de deixar-te,

Pra que tanto te quis eu?

Os teus primeiros gemidos

Tua mãe não quis ouvir;

E a mim, que os calei com beijos,

Mandam-me agora partir!

Pus à volta do teu berço

Todo o amor que um seio tem,

E arrancam-te dos meus braços,

Porque eu não sou tua mãe!

Os teus vagidos de infante

Fui eu quem os sosseguei;

Carinhos que semeava,

Para a outra os semeei!

Parto. Dentro em pouco, filho,

Nem tu me hás de conhecer;

E assim de pequenino

Te ensinam já a esquecer.

Adeus! Nesta despedida

A alma toda se me vai.

E, sem querer, o meu choro

Sobre a tua cara cai,

Que desse sono inocente

Te não vá ele acordar;

Que as forças me faltariam

Então, para te deixar.

Vamos, pobre mulher, vamos

Está finda a criação,

Deste vida a este menino,

Não lhe dê o coração.

O coração? Quem to pede?

Pedem-te o leite, não mais.

Vamos, pobre mulher, vamos,

Que o acordas com os teus ais!

Adeus filho da minha alma,

Os teus carinhos não são meus,

O choro corta-me a fala,

Mal posso dizer-te... adeus.

Março de 1865

NO ALTAR DA PÁTRIA

(Ao meu amigo João Marques Nogueira Uma)

I

Tinge do oriente as serras

O matutino alvor;

E do clarim das guerras

Se ouve o mortal clangor.

— «Ai, grata paz dos lares,

Adeus, força é partir.

Ó sombra dos pomares!

Ó rosas a florir!

«As hostes reunidas

Chamam-me a combater,

Ai, longas avenidas,

Tornar-vos-ei a ver?

«Adeus, loucos amores!

Adeus, beijos febris,

Adeus, mudos verdores,

Que em sombras os encobris.»

— «Ó mãe, dá-me uma espada

Oiço da Pátria a voz!»

— «Ei-la. É imaculada,

Era a dos teus avós!»

— «Pura a trarei, voltando...

Se não morrer ali.»

— «Vai! disse a mãe, chorando,

Eu rezarei por ti.»

— «Filho, meu filho, espera!

Não me ouve já. Partiu!»

E o ardor que a sustivera

De todo se extinguiu.

II

No campo já se escuta

Das alas o marchar.

Que agigantada luta

Além se vai travar?

Dá-se o sinal! Furiosas

Partem as legiões;

Encontram-se raivosas

Bramem como os leões.

Ai, que tinir de espadas!

Que estrépito fatal!

Que vozes angustiadas

Se escutam no arraial!

O sangue rutilante

Inunda e tinge o chão;

Aos ais do agonizante

Responde a imprecação.

Em pé, os combatentes,

Perdidos os corcéis,

Cingem-se quais serpentes

Em pérfidos anéis.

A luta é braço a braço,

A golpes de punhais;

Se caem de cansaço,

Não se levantam mais.

A luta é peito a peito,

Terrível e cruel!

Às cãs não há respeito,

À dor não há quartel!

III

Findou! Tranquilo é tudo...

Já tudo emudeceu.

O campo é triste e mudo;

É triste e escuro o céu!

A custa de mil vidas

Salvou-se a Pátria enfim!

Mas porque são sentidas

As vozes do clarim?

As hostes vitoriosas

Porque tão tristes vêm?

Ai, que ânsias dolorosas

Sentia a pobre mãe!

Passa a primeira fila...

Mísera, que o não vês!...

Outra, outra mais. Vacila...

Cresce-lhe a palidez!

Olha-as uma por uma,

E a última passou;

E delas em nenhuma

Inquieta o filho achou!

E o céu mais se escurece;

O campo é envolto em pó;

E a triste permanece

Absorta, muda e só!

IV

Que solidão de morte!

Que erma a planície jaz!

Dorme no campo o forte,

Sono de glória e paz.

Dorme a valente raça

De intrépidos heróis!

Cegos, ao sol que passa

Saúdam novos sóis.

Que sepulcral figura

Se adianta além subtil;

Tão cheio de amargura

O gesto e o olhar febril!

À ensanguentada arena

Os passos seus conduz;

Raiou sobre esta cena

Da Lua a tarda luz.

Súbito em desvario

Solta um sentido ai,

Junto a um cadáver frio

Desfeita em choro cai.

«És tu! és tu? ai, filho!

Ai, como te encontrei!

Como estão já sem brilho

Os olhos que eu beijei!

«Vai, sombra idolatrada,

À tua Pátria, aos Céus!»

Cinge-lhe ao peito a espada;

Morre ao dizer-lhe: «Adeus!»

HINO AO TABACO

No centro dos círculos

De nuvens de fumo,

Um deus me presumo,

Um deus sobre o altar!

Nem doutros turíbulos

Me apraz tanto o incenso

Como o deste imenso

Cachimbo exemplar!

Em divas esplêndidos,

Cruzadas as pernas,

Fuma, horas eternas.

O ardente sultão

Subindo-lhe ao cérebro

O mágico aroma,

Esquece Mafoma,

Houris e Alcorão.

Longe, oh! longe o ópio,

Que os sonhos deleita

Da mísera seita

Dos Theriakis!

Horror ao narcótico

Que vem das papoulas!

E ao que arde em caçoulas

No altar de Caciz!

Que a raça gentílica

Das zonas ardentes

Consuma as sementes

Do arábio café.

Despejem-se as chávenas

Da atroz beberagem

Da cor do selvagem

Da adusta Guiné.

E a tal folha exótica,

Delícias da China,

Por nossa má sina

Trazida de lá,

Servida em família

Num morno hidro-infuso?...

Anátema ao uso

Das folhas do chá!

Nem tu, ó alcoólico
Humor dos lagares,
Terás meus cantares,
Os meus hinos terás,
Embora das ânforas,
Vazado nas taças,
Aos outros tu faças,
A língua loquaz.

Cerveja britânica,
De furor espuma?
De coisa nenhuma
Me podes servir.
Quando oiço do lúpulo
Gabarem proezas Às boas inglesas,
Desato-me a rir.

Nem venha da cânfora

Pregar maravilhas

O das cigarrilhas

Famoso inventor.

Raspail é cismático

E eu sou ortodoxo

O seu paradoxo

Não me há de ele impor.

O meu canto é da América,

País do tabaco,

Perante o qual Baco

O seu cetro partiu.

A Europa, Ásia e África

E a Terra hoje toda

Este herói da moda

De fumo cobriu.

Até na Lapónia

Da gente pequena,

Se fuma; e no Sena,

No Tibre e no Pó,

No Volga e no Vístula,

No Tejo e no Douro;

Que imenso tesouro

Se deve a Nicot!

Os meus áridos lábios

Mais fumo ainda aspirem;

Que os parvos suspirem

Por beijos aos mil.

Não quero outros ósculos,

Não quero outra amante..

Qual mais doudejante

Que o fumo subtil?

Tornadas Vesúvios,

As bocas fumegam

De nuvens que cegam

Vomitam montões.

Fumar! Oh delícias!

Prazer de nababo!

E leve o Diabo

Do mundo as paixões.

TERESA

(A minha sobrinha Ana C. Gomes Coelho)

Era uma criança loura

Quando a conheci pequena;

Mais branca do que a açucena

E pronta sempre a chorar.

Havia naqueles olhos

De um certo azul esvaído,

Não sei que oculto sentido

Que me fazia pensar.

Quantas vezes, ao pé dela,

Correndo-lhe a mão nas trancas,

Eu lhe disse: «Tu não danças,

Como vês dançar as mais?»

Ela olhava-me e sorria,

Sorria, mas suspirava,

E ainda mais triste ficava,

Como nem imaginais.

Meu Deus, que criança aquela!

Que tão precoce tristeza!

Dizem-lhe um dia: «Teresa

Sabes? A tua mãe morreu.»

Fez-se pálida de morte...

E, levando as mãos ao seio,

la a falar, mas, no meio,

Reprimiu-se e emudeceu.

E desde então nunca a viram

Mais com as suas companheiras;

Ficava-se horas inteiras

À sombra do laranjal.

Surpreendiam-na sozinha

Com os olhos fitos no espaço

E esfolhando no regaço

As rosas do seu rosal.

As brisas, gemendo tristes

Por entre a verde folhagem,

Segredavam-lhe a linguagem

Sonora da solidão.

Essas mil vozes do campo,

Todas ela compreendia,

Que fadado para poesia

Fora aquele coração.

Ai, que infância tão de gelo!

Que madrugada da vida!

Ai, pobre alma estremecida

Pelas saudades da mãe!

Quantas vezes, alta noite,

A triste julgava vê-la

Em cada fúlgida estrela

Que o firmamento contém!

Um dia, ao cair da tarde,

E de uma tarde de Outono,

Acordou de um brando sono

E pôs-se a rir para mim.

«Já sorris? És salva, filha,

Enfim!» E a beijei contente.

Olhando-me ternamente

Ela repetiu: «Enfim!»

Enfim!... mas que triste acento

Nessa palavra vertera!

Foi como que se dissera

À vida um último adeus.

Era como um grito d'alma,

Rompendo a prisão que a encerra,

E partindo-se da Terra

Pra fundir-se nos Céus.

Iluminavam-lhe as faces

Os raios de estranho fogo.

Ao vê-la compreendi logo

Tudo o que se ia passar.

«Teresa, que tens? Responde.»

Disse, cingindo-a ao meu peito;

E ao levantá-la do leito

Assustou-me aquele olhar.

As faces são-lhe de neve

Na frialdade e na alvura.

O sorrir que a transfigura

Dá-lhe um todo divinal.

Por sobre as cândidas roupas

Caem-lhe as tranças douradas,

E nas pálpebras cerradas

Se extingue o alento vital.

Nos lábios já descorados

Que meiga expressão escrita!

O seio já não palpita...

Lânguida a cara lhe cai...

Uma lágrima saudosa

Pelas faces lhe resvala,

E a vida inteira se exala

Num sumido e extremo ai.

Era uma criança loura

Quando a vi na sepultura,

Da açucena tinha a alvura,

Teve seu curto durar.

Daqueles olhos serenos

De um certo azul esvaído,

Ai, fatal era o sentido

Que me fazia pensar.

NUM ÁLBUM

Se exigirem perfumes às flores

Pra tecerem com elas grinaldas,

Não procurem do monte nas fraldas

A modesta e inodora cecém.

Se igualmente desejas, amigo,

Para aqui mais que versos, poesia,

Antes deixes a folha vazia,

Pois meus versos poesia não têm.

SONHO

(DE H. HEINE)

Sonhando, chorei. Sonhava

Que morta te estava a ver.

Acordei: ardentes lágrimas

Senti nas faces correr.

Sonhando, chorei. Sonhada

Que tu me querias deixar.

Acordei: amargamente

Fiquei depois a chorar.

Sonhando, chorei, Sonhava

Que esse amor ainda era meu.

Acordei: corre o meu choro

Como ainda assim não correu,

Abril de 1864

A NOVIÇA

«Oh! vem, querida irmã, do santuário do templo,

Já desce a receber-te o celestial Esposo.

Vem ser da nossa fé sublime o vivo exemplo;

Vem, deixa sem pesar do mundo o falso gozo.

«Vem; dos círios à luz, ao som de alegres hinos,

Cinge o hábito escuro, emblema da humildade,

E, abrasada no ardor dos teus estos divinos,

Despe, ao entrar no claustro, as galas da vaidade,

«Esposa do Senhor, virgem cândida e pura,

Do teu noviciado expiram hoje os dias.

Não tremas ao fitar as portas da clausura;

Também na estreita cela há brandas alegrias.»

Assim das monjas soa o religioso canto:

Juntas, em procissão pelas extensas naves,

Espalham-se na igreja as vozes do hino santo,

Melancólica voz de aprisionadas aves.

Caído o longo véu por sobre a cara airosa

Caminha lentamente a pálida noviça;

Nos olhos lhe fulgura uma aura misteriosa,

Um como cintilar de lâmpada mortiça.

Sobre os degraus do altar humilde se ajoelha

E ao culto fervorosa as trancas sacrifica.

«Recolhe-te ao redil, imaculada ovelha,

Os teus tesouros d'amor nas aras santifica.»

E o coro ergue outra vez o ritual hosana,
Entre nuvens de incenso, à voz do órgão sagrado;
Responde-lhe o reza da multidão profana,
Que transpôs curiosa o pórtico elevado.

A cerimônia é finda; a monja de joelhos
Permanece, inclinada a face sobre a terra;
Era no ocaso o Sol; e os seus clarões vermelhos
Vinhão tingir o altar, tingindo ao longe a serra.

Longo tempo ali estive, as pálpebras descidas.
Imóvel, silenciosa, em êxtase absorta.
Ergueram-na afinal as monjas comovidas:
Doloroso mistério... a pobre estava morta!

Julho de 1865.

O CASTIGO DE DEUS

Terminara a peleja. Ensanguentado

Jaz o campo da atroz carnificina:

Um sinistro clarão avermelhado

Do exército ao longe a marcha ensina.

O incêndio, a ruína e a feroz matança

São as relíquias da já finda guerra.

Ai dos vencidos! Gritos de vingança,

Perseguem os fugidos pela serra.

Ai dos vencidos! A furiosa plebe

Erra nos campos com medonha grita;

Não dá quartel, piedade não concebe;

Um cruento furor a move e agita.

Corre em tropel, corre ébria de vitória,

Arrastando os cadáveres despídos.

Maculando os lauréis da sua glória

Na lama, envolta em sangue dos vencidos.

Num vale retirado, umbroso, oculto,

Estorcia-se um velho agonizante.

Ouve em delírio, um horrído tumulto,

Qual de demônios infernal descante.

Com o rosto alterado, o olhar extinto,

Pálida a cara, sem vigor, já fria.

«Ai, que sede cruel esta que sinto!

Água, dai-me água!» diz. Ninguém o ouvia.

«Água, dai-me água!» brada com voz rouca,

Que se lhe prende na árida garganta.

Ao longe, a turba, numa orgia louca,

Hinos blasfemos, implacável, canta.

No delírio violento, que alucina,

Julga-se às vezes de um regato à borda;

Bem-diz, chorando, proteção divina,

Mas ai, que cedo deste sonho acorda.

Acorda, e vê-se à beira de um abismo;

Queimam-lhe os lábios qual ardente frágua,

E a custo, em terrível paroxismo,

Sufocado repete: «Água, dai-me água!»

Como se Deus escutasse

O grito do agonizante,

Surge do velho diante

Uma angélica visão;

Com as lágrimas em fio

Pelas faces cor de neve

Caminha com passo leve

Para o prostrado ancião.

Na brandura do rosto,

No olhar magoado e aflito

Lê-se um poema inteiro escrito

De caridade e de amor.

Corre ansiada e pressurosa

E toda cheia de graça

Em socorro da desgraça

Com piedoso fervor.

Junto do velho, ajoelhada

Ergue-o com meigo desvelo;

E as trancas do seu cabelo

Às cãs se vão misturar.

Aproxima-lhe dos lábios

A água que ele pedia;

E ao vê-lo beber sorria...

Sorria... mas a chorar.

E uma lágrima fervente,

Gentil pérola preciosa,

Caiu na cara rugosa

Do velho, que estremeceu.

E só então, como em sonhos,

Foi que o triste moribundo

Fitou um olhar profundo

Neste enviado do Céu.

Ela sorrindo-lhe meiga,

Ao vê-lo assim admirado

Lhe disse: «Velho soldado,

Bebei, coitado, bebei.

Há dez anos, nestes sítios,

Como vós, velho, ferido,

O meu pai estremecido,

Após a guerra encontrei.

«Como o vi, meu Deus! Já frio,

Já com a vista embaciada,

A cara roxa, gelada,

Os lábios em fogo, a arder.

«— Água! — bradava convulso;

— Água! — que de sede morro!»

A fonte vizinha corro...

Cheguei... para o ver morrer.

«Era então criança ainda;

Mas esta cena de morte

Impressionou-me de sorte

Que nunca mais a esqueci.

Sempre, sempre aquela imagem

Muda, pálida, cruenta,

Nos meus sonhos se apresenta;

Vejo-a ainda como a vi.

«Curvei-me sobre o cadáver

A aquecê-lo com os meus beijos;

Ai, baldados meus desejos!

Que esse frio era mortal.

Jurei então, pela Virgem,

No fervor da minha mágoa,

De correr sempre com água

Pelas tendas do arraial.

«Quantas vezes à blasfêmia,

Que o delírio ao peito arranca,

Esta água, que a sede estanca,

Bendita por Deus, pôs fim!...

Quantos nobres cavaleiros,
Quantos jovens, quantos velhos,
Eu vi cair de joelhos,
Soluçando ao pé de mim!

«A cada sede que estanco,
A cada dor que mitigo,
Parece-me que consigo
Matar a sede ao meu pai,
Àquele velho soldado
Que há dez anos, nesta selva,
Sobre uma cama de relva
Exalou o extremo ai.»

O velho, ouvindo-a, estremece.

«Nestes sítios! Há dez anos!

Impenetráveis arcanos!

Dedo invisível de Deus!

E és tu quem me socorres?!

Luz fatal se me revela.

Vingaste teu pai, donzela,

Cumpriste as ordens do Céu!»

E a cara lívida, exausta

Por extremado cansaço,

Deixou pender no regaço

Da pobre órfã que a sustem.

Um supremo olhar de angústia

Nela por momentos fita;

Nela, que o encara aflita

Como carinhosa mãe,

«Morre em paz, velho soldado,

Por mim meu pai te perdoa,

Se a hora extrema já te soa,

Podes alegre partir.

Que seja esta gota de água

A que te lave do crime;

Possa esta dor, que te oprime

As tuas culpas remir!»

E ao longe a turba infrene tripudiava

Sobre o cruento campo da matança;

Dos homens a vingança ali reinava.

Reinava aqui de Deus só a vingança.

NO BAILE

Ia o baile a findar. Nas vastas salas,

Que o fulgor de mil cirios ilumina,

Soam da orquestra as notas harmoniosas

A convidar a derradeira valsa.

O seio a arfar, as trancas em desordem,

Os ombros nus, o gesto requebrado.

Como estrelas cadentes, as valsistas

Em veloz turbilhão girando, passam.

Nos dourados espelhos se reflete

Todo o encanto da cena.

Novos mundos

Luminosos, florentes, dali surgem

Longe e ao longe se estendem sem que possa

Encontrar-lhes limite a vista errante.

Tudo se move e agita, aqui e em torno.

Confunde-se a ilusão com a realidade;

Cingem-se ao peito virgens palpitantes,

E vêem-se fugir, fugir, sorrindo,

No fantástico mundo dos espelhos;

Outras se lhe sucedem.

Que segredos!

Que segredos d'amor nesses olhares

Lânguidos, desvairados, expressivos!

Que segredos traídos na imprudência

De um aperto de mão involuntário!

Que mudas confidencias eloquentes!

Que indiscretos suspiros! um momento

Traiu as longas, tímidas reservas

De castas namoradas. No delírio

Em que a valsa lasciva as arrebata,
Já nem sabem fingir, dissimulando,
Em frias aparências, os ardentes
Estos do coração, rendidos a amores.
Soltam-se-lhes as flores do cabelo.
E esfolhadas no pó, são esquecidas.
Ai, descuidosas virgens, que não vedes
No destino da flor vosso destino!
Esquecidas as tristes! Já sem viço,
Sem os encantos já do aroma e cores,
Quem se lembrará delas? Quem, sensível,
As erguerá do chão, murchas, calcadas,
Se vós as desprezais assim? Mas ide,
Ide, voai, ligeiras borboletas!
Ide, voai nas asas da harmonia!
Embriagadas d'amor, correi... mais tarde,

Como essas flores que por vós... Mas longe,

Longe uma ideia negra, no momento

Em que o prazer vos foge. À valsa! à valsa!

Mais rápida! mais rápida! Nas salas

Já desmerece o refulgir das luzes.

Mais rápida! Convulsos, enlevados

Giram os pares em redor.

Que febre! Que febre de volúpia os alucina!

Mais rápida! A vertigem se apodera

Dos sentidos. Estreitam-se os braços,

E os lábios inflamados, quase, quase

Em êxtase d'amor se tocam.

Vede-a! A alvoroçada turba de formosas,

Louras, morenas, cândidas, lascivas,

Quais rosas soltas de variadas cores.

Em vórtice fatal arrebatadas

De profunda voragem, assim passam!

Que mágico poder as enlouquece?

Em que órbita de luz volvem sem tino?

Que vista as seguirá, que fascinada

Não vacile também? ainda mais rápida!

Mais e mais 'té que exaustas de cansaço

Caíam, talvez sem vida, as imprudentes.

TERÇA-FEIRA

I

Rompera a manhã sombria,

Destas que fazem tristeza;

Em perfeita calma

Repousava a natureza.

Repousava. As ondas mansas

Vinham quebrar-se na areia.

Que mar tanto de esperanças!

Que enganadora sereia!

O arrais, correndo os palheiros,

«Ao mar!» grita. «ao mar, aos remos !»

«Para as lanchas, companheiros;

Grande safra hoje teremos.»

E a pobre gente da costa,

Essa raça destemida,

Que a morte sem medo arrosta,

Num momento é toda erguida.

Ei-los na praia.

Cantando

Se dão à tarefa santa,

Que nesse arrojado bando

Quem mais trabalha, mais canta.

São todos? Todos não. Falta
Da companha o mais valente!
Esta nova sobressalta
O peito daquela gente.

«Partir sem ele! Por Cristo,
Que a primeira vez seria.
Em qualquer lance imprevisto
Quem tanto nos valeria?»

Tudo pára, tudo hesita,
Mãos nos remos, mão no leme;
Que o seio a muitos palpita,
Que a muitos a mão já treme.

Ora, no pobre palheiro

Do pescador que tardava,

Eis que ao alvor primeiro

Desta manhã se passava:

Ele acordara, e na esposa,

Que ao lado dorme tranquila,

Repousa a vista amorosa,

E ao despertá-la, vacila.

Vacila — se é tão suave

Aquele dormir ! tão brando!

Mas não sei que ideia grave

Lhe está na mente pesando.

Ternamente ao seio a aperta,

E lhe diz com gesto ameno:

— «Mulher, teu filho desperta,

Acorda-me esse pequeno.»

A jovem mãe estremece

— «Que acorde meu filho, dizes !

Deixa-o dormir. Deus lhe desse

Sempre assim sonos felizes.»

— «Acorda teu filho, acorda,

Tal dormir não é para ele;

Tempo é que da lancha à borda

Como os outros também vele.»

— «As lanchas! ao mar!... pois queres?...»

E a mãe empalidecia.

— «Nesta vida de mulheres

Não é que um homem se cria.»

— «Mas tão novo!...» — «Inda mais novo

O meu pai me levou consigo.»

— «Mas... —já se fala entre o povo

«Do rapaz». — Mas ouve, amigo... »

E a voz trêmula e chorosa

Quase em choro se afogava.

Curvara-se ao mar a esposa,

Mas a mãe, essa, hesitava.

Hesitava, que se lhe ia

A alma toda, dando aos mares

O filho, a sua alegria,

O lume dos seus olhares.

— «Ouve», murmura, chorando

«Por Deus te vou pedir isto!»

E depois, em tom mais brando,

«Em nome de Jesus Cristo!

«Deixa-mo ficar, marido,

Hoje só, ai! hoje ao menos!...

Fraco auxílio o recebido

Dos braços desses pequenos!

«Bem sabes que tudo os cansa...

Sempre sois tão desumanos!

E depois... essa criança

Inda não fez os dez anos.»

— «Agoura-me bem o dia

Para lhe abrir a carreira.»

— «Porém, ó Virgem Maria,

E hoje então que é terça-feira!»

— «Mulher, deixa essas ideias,

Iguais são todos os dias;

Em maus agouros não creias,

Se é que no Senhor confias.

«Apronta teu filho, apronta,

Que hoje há de entrar na partilha,

E olha que o Sol já desponta;

Anda, acorda-o, minha filha.»

III

— «Filho, filho, ergue-te, acorda...

Para quê, só Deus o sabe... »

E em lágrimas lhe trasborda

A dor que na alma não cabe.

— «Sonhavas talvez brinquedos,

Pois que sorrias dormindo;

Verás brincar nos rochedos

Esse mar que está bramindo.

«Vai ainda quente do berço,

Inda quente dos meus beijos,

Para um mundo bem diverso

Do sonhado nos meus desejos.

«Vai, tu que sempre dormiste

Ao som das minhas cantigas,

Dormitar à canção triste

Dessas ondas inimigas.

«E sorris, anjo querido,

Ao passo que eu choro tanto,

Pois não sabes o sentido

Deste doloroso pranto?

«Não sabes que se me parte

O meu coração no peito

Ao vir assim acordar-te

Do teu sossegado leito?

«Não sabes que a minha vida,
Pobre filho, vai contigo,
E que nesta despedida
Tocas para sempre este abrigo.

«Este abrigo do meu seio,
Por perigos e cansaços?!
Não sei, não sei que receio
Ao tirar-te dos meus braços.

«Choras, filho? Ai, não, não chores,
Que me tiras todo o alento;
Já me bastam minhas dores,
Basta-me o meu pensamento.

«Deus é bom. Nem sempre os mares

Se alevantam com tormentas.

Não chores, que se chorares,

O meu pesar acrescentas.

«Sossega. Esta cruz benzida

Leva contigo, e descansa,

Pois quem é tão bom na vida,

Deve em Deus ter confiança.

«Vai, que eu à nossa Senhora, Àquela

Virgem das Dores,

Que é a tua protetora,

Rezarei logo que fores.

«Limpa essas lágrimas, vamos,

Que teu pai tas não conheça.

E a oração que te ensinamos,

Ai, vê lá! nunca te esqueça.»

IV

E viu-os partir. E o pranto

Lhe inunda as faces. Desmaia.

Dos pescadores o canto

Se escuta ao longe na praia.

Oh! que tristeza tamanha!

Que pressentimento amargo,

Quando as lanchas da companha

Se fazem, remando, ao largo!

Junto à imagem de Maria

Esta outra mãe dolorosa

De joelhos todo o dia

Lhe ergue preces, fervorosa.

«Ó Mãe de Deus, luz divina,

Que ilumina as nossas almas!

Ó estrela matutina,

Que as tempestades acalmas!

«Baixa à Terra esses olhares,

Nossa única esperança,

E, voltando-os sobre os mares,

Protege aquela criança.

«Compadece-te, Senhora,

Destas lágrimas sentidas;

Estende a mão protetora

Sobre aquelas pobres vidas.

«Vê que me andam sobre as águas

Todos quantos estremeço.

Mãe, que entendes minhas mágoas,

Diz se essas vidas têm preço!

«Pela angústia que sentiste

Junto da cruz, ó Maria,

Vale-me nesta hora triste,

Vale-me nesta agonia.»

No meio de ardente prece

Ergue-se inquieta, palpita,

Fitando o céu, que escurece,

Ouvindo o mar, que se agita.

V

Era ao tempo das Trindades:

As aves, que pressagiam

O chegar das tempestades,

Amedrontadas gemiam.

A mãe segue na carreira

Uma vaga e outra vaga.

«Terça-feira! terça-feira!»

Lhe diz uma voz pressaga.

Já treme. Os olhos velados,
Onde a angústia se revela,
Pelos mares agitados
Não descobrem uma vela.

E as nuvens correm velozes,
E o vento revolve a areia.
Já se ouvem confusas vozes
Na praia de gente cheia.

Velhos, mães, tristes esposas,
Crianças nuas, em choro,
Altas vozes, lastimosas,
Erguem num sinistro coro.

Que cena! e redobra o vento,

E condensa-se a neblina,

E o mar rebrame violento,

E a noite a cena domina.

E à luz de algumas fogueiras

Escassa, tênue, funesta,

Movem-se sombras ligeiras

Como se em diabólica festa.

E ela, a mãe em desatino,

Corre, pára, escuta, chora,

Maldiz o poder divino...

Depois seu perdão implora.

Os olhos na sombra fitos,

Dessa noite escura, escura,

Eleva-os ao Céu aflitos,

E em vão um astro procura.

E o raio, que as trevas densas

De vez em quando devassa,

Mostra-lhes vagas imensas,

Negros abismos, e passa.

VI

Só à luz da madrugada

Se acalma a brava tormenta.

Que noite em ânsias passada,

Tão pavorosa! tão lenta!

O céu reflete nas águas

A cor azul de bonança.

E vai sanando as mágoas

A branda luz da esperança,

— «Barcas ao longe! não vedes!

Oh! que alegria tamanha!

Deus abençoou as redes,

São as lanchas da companhia.»

Crianças, mulheres, velhos,

Ao ouvirem este grito,

Todos, todos de joelhos

Cantam piedoso Bendito.

Ei-las vêm! Braços valentes

Afeitos àquela guerra,

Cortando os mares frementes

As impelem para a terra.

Na turba dos pescadores

A mãe com turbado aspeto,

Inda escuro de terrores,

Procura o filho dileto.

Tudo exulta de alegria;

Cada qual os seus conhece...

E ela só, muda, sombria,

Sobre a praia permanece.

Ei-los enfim! Que transportes,

Que lágrimas os esperam!

Vêem-se chorar os mais fortes

Dos que no mar não tremeram.

Por entre os grupos vagueia

A mãe, trêmula, calada,

De negros agouros cheia,

De vago pavor tomada.

Quase em delírio vê tudo,

Como se através de um sonho;

De repente um grito agudo

Soa na praia medonho.

É que pálido, abatido,

Junto ao mar o esposo vira;

E que terrível sentido

Naquela dor descobrirá.

— «Que negro presságio é este

Que leio nos teus olhares?

Do meu filho o que fizeste?»

— «Pergunta-o a esses mares.»

No grito que a triste solta

Vai-lhe a razão, mais que a vida!

Depois para o mar se volta,

Turba, pálida, perdida...

— «Não! não hás de assim roubar-me

O filho destas entranhas,

Não podem intimidar-me

As tuas iras tamanhas.

«Não vês que tenho no seio

Este amor?

Espera, espera,

Ruge ! não tenho receio;

Ruge, amaldiçoada fera!

«Ruge!» e sem tino, movida

Da alucinação que a agita,

Rompendo em veloz corrida,

Nas ondas se precipita.

Em vão lhe açodem, que forte

O filho às vagas disputa.

Era um combate de morte!

Era uma tremenda luta!

E na manhã do outro dia
Viu-se na praia arrojada
A mãe, que, morta, sorria
Do filho ao corpo abraçada.

A INGLESA

Foi da pátria de Malvina,
Foi dentre aquela neblina
Que ela surgiu.

Pobre anjo! tímida ave!
Entre nós, serena, grave,
Nunca sorriu!

Em vão o sol deste clima
Que no prado a flor anima
Com seu raiar,
A cercava de esplendores:
Eram sempre as mesmas cores,
O mesmo olhar!

A cor da alvura da neve
Que às vezes um rubor leve
Vinha tingir;
O olhar distraído, vago,
O azul do céu como um lago
A refletir.

Sobre os vestidos singelos,
Desatados os cabelos,
Sem uma flor,
Louros, profusos, caíam,
E nas faces refletiam
Dourada cor.

Vulto de tanta poesia

Nem de Ossian a fantasia

Imaginou,

Quando dos montes na escarpa

Ao som de inspirada harpa

Os evocou.

Na solidão da devesa

Vinha a delicada inglesa

Flores colher.

Erguida, de manhã cedo

Passeava já no arvoredos

Sozinha, a ler.

Se às vezes, raras, cantava,

Saudosa se lhe soltava

Então a voz

Numa canção das montanhas,
Que impressões fundas, estranhas,
Deixava em nós!

Ao fim das tardes, no Estio,
Ia bordejar no rio
Com seus irmãos.
Sobre as águas debruçada,
Na onda em que era embalada
Banhava as mãos.

E nesses tempos ao vê-la:
«Não vai nuvem de procela
Pelo teu céu!
Para ti sempre jucundo
Te sorrirá este mundo,»

Dizia eu.

Engano! Sob a aparência
De uma plácida existência
Lavra a paixão,
Como sob verdes prados,
Sob outeiros enflorados
Treme um vulcão.

Engano! As águas serenas.
Que uma brisa enruga apenas,
Cedo as vereis
Erguerem-se em altas vagas,
E correrem pelas plagas
Como corcéis.

Se em choro a dor não se exala,

Se o que padece se cala,

Redobra o mal;

E um dia a lava rebenta,

Prorrompe infrene, violenta,

Cruel, fatal!

De uma vez, na Primavera,

Mais cedo ao parque viera

Com sua irmã;

Como as árvores frondosas

Sussurravam tormentosas

Essa manhã!

Ambas de branco vestidas,

Mãos dadas, caras pendidas,

Pálida tez.

Ao som da espessa folhagem

Falavam terna linguagem

De amor talvez.

De amor? Pois naquele seio

Esse fogo atear-se veio

Também por fim

De amor?

E essa alma dormente,

Como as outras, nutre, sente

O amor assim?

Se o sente! Os gelos do norte

Não ferem assim de morte

Os corações;

Dentre as neves islandesas

Rebentam lavas acesas,

Rompem vulcões.

«Laura!» —à irmã disse, chorando,

Com um ar magoado e brando,

Chamando-a a si:

«Parto e... escuta, irmã querida,

Custa-me esta despedida,

Laura, por ti.

«Mas partirei! É forçoso.

Quando ele era poderoso,

Foi que o amei.

E agora, pobre, abatido,

Hei-de dar-lhe em paga o olvido?

Oh! não. — Irei.

«Irei, Laura; se hesitasse,

Se a este dever faltasse,

Dir-me-ias: — Vai.

Bem vês, Laura, é minha escolha;

Tu ficas, pobre irmã... olha

Por nosso pai.

«Consola-o, se o vires triste;

Ontem chorava, bem viste.

Laura, por Deus!

Sê-lhe tu fiel amiga,

Suas saudades mitiga

Com beijos teus.

«Aflijo-o muito. Conheço;

Mas à lei de Deus obedeço,

Que diz: — Irás,

Segue o homem que escolheste:

Pai e mãe e irmãos por este

Tu deixarás.»

E falando assim o pranto

Era nela tanto, tanto,

De fazer dó!

Laura, a irmã, não lhe responde,

No seio a cara lhe esconde

E chora só.

Dias depois, ajoelhando

Junto do pai venerando

Estas irmãs,

Ouviam do triste velho,

Inspirado do Evangelho,

Doutrinas sãs.

Colhendo a bênção que implora,

Dentro em pouco, mar em fora

Serena foi.

Partiu resignada e calma;

Santo ardor lhe inflama a alma,

Alma de herói.

E hoje, ai, hoje por onde erra

Essa filha de Inglaterra?

Quem sabe lá!

Quem na memória a conserva?

Cresce alta no parque a erva

Há tanto já!

AMEL E PENNOR

(IMITAÇÃO)

Longe, longe daqui, nas costas da Bretanha,
Poético país, que um mar sinistro banha,
Vivia, há muito tempo, um pobre pescador,
Que se chamava Âmel, com a mulher Pennor;
Tinham eles um filho, uma criança loura,
Um anjo que o porvir dos pais enflora e doura.
Ao voltarem a casa, alegres todos três,
Na praia os surpreende a noite de uma vez.
Subia o mar veloz, medonho, ingente, forte!
Nesse tempo as marés eram vivas. A morte
Sobre as vagas boiava, indómita, cruel!
Olhando para a esposa, assim lhe diz Âmel:

— «Pennor, vamos morrer! A vaga se aproxima!

Viverás mais do que eu! Ânimo! Sobe acima

Dos ombros meus, mulher. Pousa-te bem. Assim.

E ao veres-me sumir... ai, lembra-te de mim!»

Pennor obedeceu. Firmando-se na areia,

Desaparece Âmel na onda que o rodeia.

— «Âmel, bradava a esposa; ai, pobre amigo meu!

Qual de nós sofre mais? — tu, que morres, ou eu,

Que te vejo morrer?» — E a vaga, que crescia,

O corpo da infeliz no vórtice envolvia.

Olhando para o filho, assim lhe diz a mãe:

— «Filho, vamos morrer! Olha a maré que vem!

Viverás mais do que eu! Vá! filho, vá! coragem!

Sobe aos meus ombros, sobe; e ao tragar-me a voragem,

Ai, lembra-te de mim e do teu nobre pai!»

E o mar a submergiu. Chora a criança, e vai
Pouco a pouco afundir-se. À flor de água revolta,
Apenas já flutua a trança loura e solta...
Uma fada passou sobre o afrontado mar,
Viu aquele cabelo assim a flutuar,
Estende a mão piedosa, e, segurando a trança,
Com ela atrai a si a pálida criança.
E sorrindo dizia: — «Ai, que pesada que és!»
Mas viu cedo a razão: ainda segura aos pés
Do filho estremecido, a pobre mãe começa
A erguer da onda também a húmida cabeça.
Sorriu a boa fada ao ver assim os dois!
E repetiu ainda: — «Ai, que pesado sois!»
E que, após a mulher, seguia-se o marido
Estreitamente aos pés da terna esposa unido:
Ao vê-lo, ainda outra vez a meiga fada riu,

E leve para a praia o voo dirigiu

Com este cacho vivo, esta humana cadeia,

Cujos elos o amor piedosamente enleia,

1866.

O CARVALHO DA FLORESTA

Havia na floresta um roble cheio de anos,
Vestido de hera anciã, decano entre os decanos
Dos bosques do arredor. Raízes colossais
Prendiam-no à terra; ao ar descomunais
Os braços elevava, e ao vê-lo assim dir-se-ia
Que aos outros vegetais as bênçãos estendia.
Velho, e ainda a Primavera o vinha requestar;
O Outono desfolhava-o em último lugar;
Opunha ao sol do Estio a fronde espessa e bela;
Respeitava-o no Inverno o raio da procela.
Viu passar gerações após de gerações
Em risos e em choro, em festas e orações;
Viu crianças pedir-lhe a sombra grata e amena

Que, amantes ao depois, naquela mesma cena
Viu a falar d'amor, e no seu tronco abrir
Duas iniciais que liam a sorrir;
E mais tarde ainda os vira, velhos, encanecidos,
Pedir-lhe em vão alento aos lânguidos sentidos,
A repousar ali. A coma erguida ao céu,
De longe se mostrava envolta ainda no véu
De névoas da distância. Ao regressar à aldeia,
Ansiava o lavrador por avistá-lo, e a ideia
De tudo quanto amava o vinha comover:
Do lar, do velho pai, dos filhos, da mulher.
Que olhos de tanto amor, de penas e esperanças
Lhe enviavam também saudosas as crianças
Ao deixarem a casa, a Pátria, irmãos e mãe.
Indo tentar porvir por esse mundo além!
Em que tempo nascera esta árvore gigante?

Que época viu crescer o arbusto vacilante,
Curvando-se por terra a cada viração,
Esse que já nem teme ameaças do vulcão?
Quem o pode dizer? Nas trevas se envolvia
A infância do colosso. E quando acabaria?
Que audaz raio do céu, que convulsão fatal
Por terra lançará o enorme vegetal?
Mas, ai, o que a tormenta e o tempo não consomem
Muitas vezes destrói a ousada mão do homem;
Em vão a tempestade incólume o deixou:
O golpe do machado um dia o derrubou,
E ao braço do homem cai, dos homens o amigo.
Ouvi a narração do caso, que eu prossigo.
É pela madrugada! hora que a amar induz;
Tudo é verdura o campo, o céu é todo luz.
O roble colossal no tronco encarquilhado

Sente a seiva girar. Das aves o trinado

Se ouve na espessa copa, e ao festival clamor

Respondem num sorriso a borboleta e a flor.

Como um velho entretido a ouvir cantar os netos,

Que lhe passam nas cãs os dedos desinquietaos,

Assim ele também, vulto austero e senil,

Se compraz a escutar a música d'Abril,

Os trinos e o bater das asas da folhagem,

A turba jovial, da infância alada imagem.

De súbito cessou das aves o cantar;

Param, olham com medo, o chão, o bosque e o ar.

No seio da floresta um som vago se escuta,

Como o rugir do mar quando nas praias luta.

O roble estremeceu, ouvindo: «Que será?

Que sinistro rumor é esse? — Perto já

Se distingue melhor. É um travar de vozes

De alguns homens do campo, alegres e velozes.»

O roble sossegou, e às aves disse assim:

— «Podeis ficar sem medo aqui ao pé de mim,

São amigos que vêm, pobres trabalhadores,

Sobre quem eu estendo os ramos protetores,

Quando durante a sesta, o sol ardente cai.

Aves, não receeis. Amigos são, cantai!

Vede, pararam já. Tenta-os a fresca selva,

O machado, o alvião pousaram sobre a relva.

Vão descansar decerto. Ergueram para aqui

O olhar; a gratidão bem claro neles vi.

Cantai, aves, cantai nos ramos da floresta,

Enquanto eu lhes protejo a procurada sesta.»

OS PAIS DA NOIVA

Os sinos da aldeia repicam de festa;

Pra ornar a capela de flores viçosas,

As mães das donzelas despojam de rosas

As sebes dos campos, moitas do vai;

O adro é juncado de funcho e espadanas;

À porta do templo festões de verdura;

Dos ninhos ocultos na verde espessura

Prorrompe das aves a voz festival.

O pároco velho, de pé desde a aurora,

Lidava contente por entre os contentes;

As mãos esfregando, entoava entre os dentes

Antífonas sacras, louvores a Deus.

Trabalha na igreja, trabalha no adro,

Nem sente o gravame de oitenta

Janeiros; Não há nessa turba de alegres festeiros

Mais válidos braços, mais fortes que os seus

Mas qual o motivo de azáfama tanta,

Que, desde a alvorada, se nota na aldeia?

Os velhos da terra, não guardam na ideia

Memória que fale de um júbilo assim.

É Rosa, a mais linda cachopa do sítio,

Que um rapaz abastado da aldeia vizinha,

Perdido de amores, ao altar encaminha,

E assim os amores conduz a bom fim.

Rosa, única filha de pais, que, já velhos,

Não têm neste mundo mais outra alegria,
Que a adoram, que a velam de noite e de dia,
A pálida Rosa vai-se hoje casar.
Os pais, de joelhos, em frente da Virgem,
Mil graças lhe rendem, sinceras, piedosas;
Mas, junto com as graças, também vagarosas,
As lágrimas de ambos se vão misturar.

No templo se junta luzido cortejo,
Da gente mais grada daqueles lugares,
Que em honra dos noivos aos sacros altares.
Vestida de festa, com júbilo vem.
O médico, o grave juiz de direito,
O bom mestre-escola, o mestre barbeiro,
Até o fidalgo da encosta do outeiro,
Que às bodas de Rosa não falta ninguém.

O padre com os olhos nublados de choro,
Os noivos prostrados no altar abençoa;
E em voz, que no peito de todos ecoa,
Lhes mostra o caminho que devem seguir.
No adro, à saída, confeitos e flores,
Caindo às mãos-cheias, alastram a estrada,
E Rosa, no braço do noivo apoiada,
As últimas bênçãos aos pais vai pedir.

Ai, pobres dos velhos! debalde procuram
Armar de sorrisos o triste rosto;
Aos olhos o choro lhes sobe incessante;
E o choro, coitados, não sabem reter.
E Rosa, ela mesma, nos braços dos velhos,
Cobrindo-os de beijos, ao seio os estreita;

Depois afastando-se, em lágrimas desfeita,

O adeus doloroso mal pode dizer.

Partiu. Era força. Deus manda que a esposa

Do esposo que escolhe partilhe o destino;

Proscrito que seja, sem lei, peregrino,

Por ele lhe ordena deixa mãe e pai.

Partiu. Desce a noite. Nos montes ecoa

Das ave-marias nota plangente,

Por entre os pinheiros a Lua nascente,

Tingindo o horizonte, já rúbida sai.

Mas, ai, a fogueira na casa dos velhos,

Ainda a essa hora no lar não crepita.

Baixará sobre eles a mão da desdita,

E mudos e imóveis nem sabem de si!

Ao lado um do outro sentados à porta,
Não tiram os olhos da esquina da estrada
Que Rosa seguira de choro orvalhada,
E mudos e imóveis conservam-se ali.

O anjo piedoso, que, ao termo do dia,
Recolhe o perfume das almas saudosas,
Ao ver destes velhos as faces chorosas,
Parou comovido, no voo subtil.

Depois, ajoelhando no trono celeste,
Pedi para eles do Eterno a piedade,
E um brando reflexo daquela saudade
Toldava-lhe o rosto nevado e gentil.

Na igreja da aldeia, volvidos seis dias,
Ouviam-se os sinos dobrar a finados,

E os muros do templo, de crepes forrados,
Das altas tocheiras sorviam luz.
E sobre o ataúde, cercado de incenso,
Ao som dos responsos que os padres diziam,
Ao lado um do outro, tranquilos dormiam
Os velhos esposos, ã sombra da cruz.

A ESMOLA DO POBRE

Nos toscos degraus da porta

De igreja rústica e antiga,

Velha trêmula mendiga,

Implorava compaixão.

Quase um século contado

De atribulada existência,

Ei-la, enferma e na indigência,

Que à piedade estende a mão.

Duas crianças brincavam

A distância na alameda;

Uma trajada de seda,

De outra humilde era o trajar.

Uma era rica, outra pobre;

Ambas louras e formosas;

Nas faces a cor das rosas,

Nos olhos o azul do ar.

A rica ao deixar os jogos,

Vencida pelo cansaço,

Viu a mendiga, e ao regaço

Uma esmola lhe lançou;

Ela recebe-a, e a criança

Que a socorre compassiva,

Em prece fervente e viva

Aos anjos encomendou.

De um ligeiro sentimento

De vaidade possuída,

A criança mal vestida

Disse a do rico trajar:

— «O prazer de dar esmolas

A ti e aos teus não é dado;

Pobre como és, coitado!

Aos pobres o que hás de dar?»

Então a criança pobre,

Sem mais sombra de desgosto,

Tendo o sorriso no rosto,

Da igreja se aproximou;

E após, serena, em silêncio,

Ao chegar junto da velha,

Descobrimdo-se, ajoelha

E a magra mão lhe beijou,

E a mendiga, alvoroçada,
Ao colo os braços lhe lança,
E beija a pobre criança,
Chorando de comoção.
É assim que a caridade
Do pobre ao pobre consola.
Nem só da mão sai a esmola,
Sai também do coração.

Janeiro de 1869

A TECEDDEIRA

Tecia uma teia nova,

Tecia-a no meu tear,

Quando vi o condezinho

Junto à janela parar.

Era ele jovem bem feito,

Cabelo louro, alva cor,

Olhos azuis, voz afável,

Mas... doído em coisas de amor.

Parou, depois encostou-se,

Sorrindo, ao meu peitoril:

— «Sempre a tecer, tecedeira!

Até em manhãs d'Abril!»

Isto disse ele, e eu calada

A tecer sem lhe falar;

Ele em mim postos os olhos,

Que eu bem lhe sentia o olhar.

— «Então, então, tecedeira,

Nem bons dias me darás?»

— «Pois... bons dias, senhor conde,

E olhe se me deixa em paz.»

— «Vem comigo, tecedeira,

Pára um pouco de tecer;

Há tantas flores no campo

Que apetece ir-las colher.»

À Virgem, minha madrinha,

Eu pus-me então a cantar:

— «Nossa Senhora, livrai-nos

De quem nos anda a tentar.»

— «Tentas-me tu, feiticeira,

Tentas-me com o teu rigor;

Tens o coração fechado,

A chave... onde a irias pôr?»

— «O meu coração não se abre,

Como vós outros julgais,

Com palavras traiçoeiras,

Com promessas desleais.»

— «Qual é pois, ó tecedeira,

A chave que o há de abrir?»

— «Tem segredo a fechadura,

Que não há de descobrir.»

— «Segredo tem que me ocultas

Com cruel ingratidão,

E que irás revelar breve

A qualquer pobre aldeão.»

— «A pobreza não avilta;

Porém se não pensa assim,

Repare bem que eu sou pobre,

Não se chegue para mim.»

— «Tecedeira, tecedeira,

Como hei de viver sem ti?»

— «Não tem que saber, menino

É viver como até aqui.»

— «Quanto mais és rigorosa,

Tanto mais eu te hei de amar.»

E, dizendo estas palavras,

la a entrar no meu tear.

Eu levantei-me tão séria,

Que ele, sem querer, parou;

— «Mais devagar, condezinho,

Tal confiança lhe não dou.

«Estava sossegada e queda

Tecendo no meu tear...

Fuja daqui, condezinho...

E não me venha tentar.

«Para que lhe dê ouvidos

Ponho eu uma condição.»

— «Qual é?» — «Ou hei de ser condessa,

Ou o senhor tecelão.»

— «Tecelão? Eu te prometo

Que tecelão me farei.

Porque vou tecer tal teia,

Que nela te enredarei.»

— «Teça, teça, condezinho,

Que outro tanto farei eu;

A ver quem faz melhor teia,

Se é o seu tear, se o meu.»

Partiu; mas, ai, com tal arte

Soube ele a teia tecer,

Que nas malhas do tecido

Eu me enredei sem querer.

Mas não me dei por vencida,

Que no meu tear teci

Os vestidos de condessa

Com que depois me vesti.

AO DEIXAR A ALDEIA

Partes! A longas terras

Vais procurar riqueza;

E eu, morta de tristeza

Fico sozinha aqui!

Leva-te destes montes

Uma ambiciosa ideia,

E eu nesta pobre aldeia

Fico pensando em ti.

Tentar fortuna ao longe!

Ó pobre e amado louco!

Não sabes tu que pouco

Basta para ser feliz!

Porque não hás de achá-la

E o bem que assim procuras,

Aqui, entre as verduras

Do teu e o meu país?

Mas vai, mas parte. É sorte!

Vai; segue o teu caminho,

Ave que deixa o ninho

Onde feliz viveu.

Vai, e dos mares volta-te

As vezes deste lado,

E o meu olhar magoado

Encontrará o teu.

E lá, por outras terras,

Lã, nesse clima novo,

Lembre-te o humilde povo

Em que viveste em paz;

Lembre-te ainda o afeto,

Ai, deixa-me que o diga

Da pobre rapariga

Que nunca mais veras.

Dizem que nessas terras

Há bosques e florestas

Mais verdes do que estas

Que lemos por aqui;

Que há aves mais formosas,

Que há árvores maiores,

E tantas, tantas flores,

Como eu ainda não vi.

Se for assim, quem pode
Ter ainda uma esperança
Que guardes a lembrança,
Sob esses novos céus,
Dos soutos, das devesas,
Dos pássaros, das fontes,
Dos pinheirais, dos montes,
A que disseste adeus?

Porém lembra-te ao menos
Que aqui onde nasceste,
À sombra do cipreste,
Dormem teus velhos pais;
Por longe que tu andes,
Manda-lhe uma prece:
Esquece, embora, esquece

Pra sempre tudo mais.

Toma esta cruz benzida

Para a trazeres contigo;

Crê que em qualquer perigo

Ela te valerá!

Depois... talvez ao vê-la

Te lembres algum dia

Daquela que a trazia,

Da triste que ta dá.

E se passados anos,

Saudoso enfim voltares

De novo a estes lugares

Que deixas amanhã,

Entra no cemitério,

E da erva entre a verdura

Verás a campa obscura

Da tua... pobre irmã.

É força partir! Vamos,

Vai alta a Lua. É tarde,

Há muito já que arde

O fogo no meu lar.

Ai, quantas vezes, quantas

Ali vinhas sentar-te!

E agora... e agora... Parte

E deixa-me chorar.

Perdoa-me este pranto;

É o último que choro.

Vai... vai... não te demoro

Mais com lamentos meus.

Bem vês, já estou contente,

Vai... sê feliz e rico,

E eu... alegre fico

Com minha mãe... Adeus!

A FOLHA SOLTA DO OLMEIRO

Virgens, que cedendo aos estos

Da paixão que vos abrasa,

Deixai a rogos funestos

Os santos lares da casa;

Vós, que ao maternal carinho

Fugis, sem dor nem saudade.

Desfolhando no caminho

As rosas da castidade:

Gravai, gravai na memória

Este conto verdadeiro;

É a dolorosa história

Da folha solta do olmeiro.

Preso na haste vigorosa

Vivia a folha virente,

Mirando-se buliçosa

Sobre os cristais da corrente.

Passavam ventos, passavam

Convidando-a a segui-los;

Segredos que assim trocavam

Não é dado referi-los.

E ela, vendo a borboleta

Livre no espaço, tremia

De paixão, de dor secreta,

De inveja que a consumia.

Inveja de liberdade,

Inveja de espaço e vida,

Um sonhar de mocidade,

Um aspirar de iludida!

«Oh! goza, inseto ligeiro,

Goza de espaço infinito,

Que eu neste meu cativeiro

Em vão me contorço e agito.»

E ao ver a folha da rosa

Levada pela corrente,

Até dela, desditosa,

Até dessa, inveja sente!

Um dia sopra uma aragem
Mais ardente e perfumada;
Corre do olmeiro a folhagem,
E foge com a namorada.

Ei-la solta; num momento,
Veloz no ar se elevava;
É livre enfim como o vento,
Deixou já de ser escrava.

E agora embriagada, entregue
Toda aos afagos da brisa,
Já do inseto os voos segue,
Sua ambição realiza.

Que novo viver! Que cenas!

Que existência tão completa!

Mas, ai, momentos apenas

Dura a ilusão da indiscreta.

Um ignoto desalento,

Um como faltar de vida

A toma; e ao sopro do vento

Baqueia desfalecida.

Pálida, murcha, já gasta

A seiva com que partira,

Segue ainda o vento que a arrasta

Pelo pó onde caíra.

O que a impelira ao perigo,

Agora a avilta e deprime!

Ai, quanta vez o castigo

Vem de quem nos tenta o crime!

Prossegue a fatal carreira,

Cumpre teu destino inteiro,

Morre entre a grama rasteira,

Aérea filha do olmeiro.

Ai, folha de triste sorte!

Que é do encanto futuro

Que sonhaste? Escura morte

Tens em sórdido monturo.

Virgens, gravai na memória

Este conto verdadeiro,

Que pode ser vossa a história

Da folha solta do olmeiro.

NO TEATRO

Está patente a sala do espetáculo;
Mil lumes a iluminam, refletindo-se
Nos dourados ornatos, que realçam
Na alvura das paredes. Lado a lado,
Como festões de variegadas flores,
As mais formosas, celebradas damas,
Guarnecidas de rendas e de sedas,
Adornam as extensas galerias.
Enxames de ligeiras borboletas,
Pairando sobre floridos canteiros,
Dir-se-iam os leques agitados
Por mãos tão delicadas e pequenas
Com rapidez nervosa. As pedrarias

Quebram a luz em deslumbrantes Íris.

É esplêndida a vista do teatro;

Em baixo turba inquieta e mais obscura

Já enche a trasbordar a sala. Reina

Em todo este recinto um rumor surdo,

Misto de vozes e de risos. Súbito

Parece estremecer a sala inteira; É o sinal.

Enrola-se a cortina,

Patenteia-se o palco às vistas ávidas,

Começa o espetáculo! O silêncio,

Ou se não o silêncio, o murmúrio,

Que forma o respirar de tantos seios,

O palpar de corações ansiados,

Sucede à agitação que ali reinava.

É comovente o drama; as mais fogosas

Paixões que o humano coração disputam,

Ali são facilmente traduzidas

Pelo inspirado gênio do poeta,

E animadas da vida, com que arte

De célebres atores a revestem.

A piedade e o terror em várias cenas

Sucedem-se, e ora lágrimas provocam,

Ora um estremecer d'alma indignada.

Domina a comoção todos os seios,

E em cada rosto clara se revela.

Reparai, vede além aquela dama,

Loura, formosa, lânguida, envolvida

Numa nuvem de rendas vaporosas,

Como recosta a cara alva de neve

Na mão pequena e débil.

Vede-a, aos olhos,

Olhos para amor foram talhados,

Leva o mimoso lenço, que retira
Humedecido de piedosas lágrimas.

Pobre menina! Coração sensível!
Como lhe anseia o peito comprimido!
Que tesouros de afetos e ternura
Naquela alma puríssima! Pobre anjo,
Se tais lágrimas concedes a infortúnios,
Ficções sublimes d'arte, na presença
De infortúnios reais teus belos olhos
Cegarão a chorar. Pobre menina!
Mais além. atentai naquele velho,
Homem sisudo e grave, e na aparência
Pouco sujeito a comoção. Pois vede-o;
Olhos fitos na cena, nem percebe
As duas grossas lágrimas, que as faces

Lhe vão sulcando vagorosamente.

Bela alma a desse velho! Não pôde inda

Arrefecê-la o gelo da velhice;

O frio da miséria ali tem certo

Calor a mitigá-lo, alívio pronto.

E esse pálido jovem? Esse ao vê-lo

Tão escravo da moda, tão volúvel,

Suspeitaríeis que ainda o sentimento

Pudesse comover-lhe a alma leviana?

Pois para ele reparai. A custo

Consegue disfarçar, desviando os olhos

Da cena, a comoção que forte o oprime.

Caluniam-te, pobre humanidade,

Os que te dizem dura como as feras;

Ainda a piedade vive em ti, nem pode

Exaurir-se essa fonte preciosa.

Olhai, correi a sala, e se encontrardes

Olhos enxutos, corações serenos,

Tereis vencido então; direi que minto.

O drama terminou. A imensa turba,

Que enchia há pouco a refulgente sala,

Rompe, agora, das portas, que mal bastam

Para lhe dar saída. Os corredores,

As escadas, o átrio, tudo inunda

Essa torrente humana num momento.

Tendes visto, soltando à larga presa

Os diques que a água imóvel conservavam,

Como súbito rompe fragoroso

O jorro líquido, e ainda turvo e rápido

Se precipita impetuoso, e cedo

Se espraia pelos campos cultivados?

Assim a multidão que se atropela

Ao findar o espetáculo noturno.

Corre unida, ao princípio, após, derrama-se

Em várias direções. Poucos instantes

Decorrerão, será silêncio tudo.

Fora das portas do teatro, a noite

Estende o denso manto humedecido

Das chuvas de Dezembro; os ventos sopram

Com rigorosa violência. Pobre

Do que não tem abrigo em noites destas!

Mas não ouvis um como triste choro

A porta do teatro? Além, na sombra,

Parece que se move um vulto escuro:

O doloroso choro dali parte;

Vejamos de mais perto. Oh triste cena!

Uma mãe e três filhos; um no colo,
Dois cingidos a ela em pé, chorando
De fome e frio; a esqualida miséria
Passou seus magros dedos nessas faces
Que a palidez da morte tinge, e os traços
Gravaram-se bem fundos. Com voz fraca
Pede a mãe para os filhos: «Por piedade!
Lembraí-vos destas pobres criancinhas,
Que me morrem de fome. Pouco basta
Para lhes dar alívio. Deus proteja
Vossos filhos e os livre da desgraça
Em que os meus vivem. Dai-lhes uma esmola.»
Ninguém escuta a voz da desgraçada;
Ninguém lhe estende a mão auxiliadora!
Onde escondeste, ó turba indiferente
Aos gritos da desgraça, aquele choro

Que há pouco nos teus olhos borbilhava?

Corações comovidos, que maus ventos

Vos gelaram assim, que nem as preces

De uma pobre mulher, mãe desditosa,

Vos consegue abrandar? Porém, espera;

Para aqui se encaminha a loura dama,

Cujo bom coração adivinhamos

Só de vê-la chorar. Já se aproxima

A recebê-la o sumptuoso coche.

Faz chegar tua voz aos seus ouvidos,

E atendida serás, desventurada;

Estende a mão, que ampara a custo o filho, À mão calçada de elegante luva:

Não a retirarás vazia. — A miséria

Assim fez; implorou em voz sentida

A caridade da formosa dama;

Mas, ai! uma resposta fria, fria

Como não se imagina que saísse

De lábios onde amor fogos ateia,

Lhe repeliu a súplica.

No coche Senta-se em mole assento a loura dama;

O coche parte rápido, e a miséria

Fica a segui-lo com a vista ao longe.

Que mentirosas lágrimas choravas,

Jovem sem coração? De que artifícios

Te serves para simular piedade,

Seio fechado à compaixão e ao choro?

Passa o grave ancião, que enternecido

Vimos seguindo o drama. — «Por piedade»,

Lhe brada a pobre mãe — «matai-me a fome

A estas criancinhas. Ai, tão pouco,

Tão pouco bastará!» — «Mulher, retire-se;

Não é aqui lugar para peditórios,

Não pode ser agora!» —e: Prosseguindo

O caminho de casa, ia dizendo

O judicioso velho:—«Esta policia

O que é que faz, se à porta dos teatros

Assim nos vêm importunar mendigos?»

Velho, porque choraste há pouco ainda

Perante simulados infortúnios?

Mentiste ao coração, velho, mentiste;

O gelo do egoísmo o cobre há muito.

Em ti não há piedade; agora o vejo.

Salva, pálido jovem, salva ao menos

Tu, que também choravas, essa triste,

Desconfortada mãe, que na miséria

Os outros abandonam; tua idade

É a idade de instintos generosos,
De entusiasmos santos. Salva-a, salva-a!
E desafronta assim a humanidade.
Mas nem tu! Ela em vão a mão te estende,
Passas cantando, e distraído afastas
O teu caminho do importuno vulto.
O que é pois a piedade nos vossos peitos,
Homens? vós, que chorais fictícias penas,
E contemplais sem lágrimas o quadro
De verdadeiras, hórridas misérias?

Almas sensíveis sob o império da arte,
Porque ficais assim mudas e frias,
Quando passa por vós a realidade,
Trágica, triste como o triste drama
Que vos fez comover? Harpas eólias

Penduradas dos ramos dos carvalhos

Soluçam quando as auras vespertinas

Lhes roçam pelas cordas melodiosas.

Sede vós como elas; ao passarem

Nos ares estas vozes da miséria.

Vibrai com elas, soluçai, mostrando

Que ainda há um coração no vosso peito.

DEVANEIO PENINSULAR

Ai, quem me dera em Sevilha,

Onde a travessa espanhola

Sob a elegante mantilha

As negras trancas enrola.

Na arcada da sé famosa

Vê-la entrar, tal como o sonho!

Entre coquete e piedosa,

Rosto entre grave e risonho;

Mergulhar na água benzida

A mão pequena e elegante,

E entre a turba ali reunida

Distinguir o olhar do amante,

Aos pés do altar, de joelhos,

Os olhares alternando

Com a letra dos Evangelhos

E uns olhos que a estão fitando:

Aos pobres juntos à porta

Dar a caridosa esmola,

O óbolo que conforta,

A palavra que consola;

Passar por os curiosos,

Que se demoram para vê-la,

Baixando os olhos formosos

Sem se tornar menos bela;

E elevá-los de repente,
Em sítio certo e ajustado,
A encontrar o olhar ardente
De um ardente namorado;

Seguir as ruas ligeira
Como a andorinha das praias,
Soltando aos ventos, inteira,
A vasta roda das saias;

Agitar na mão nervosa
A rápida ventarola
Com aquela arte misteriosa
Que só sabe uma espanhola;

Entrar na casa, em que mora,

Abrir o quarto elegante,

Orar a Nossa Senhora,

Sorrir à imagem do amante;

Pousar a leve mantilha,

Descobrimdo as negras trancas,

Onde o sol reflete e brilha

Como sobre as ondas mansas.

Sentada ao piano aberto

Dedilhar uma harmonia,

Enquanto que o olhar incerto

Vai da alcova à gelosia;

Afastar-se de repente,

E, como que por encanto,
Romper febril e impaciente
Em inexplicável pranto;

E na alcova recatada...

Pára, pára, fantasia,
Como ias longe, coitada,
Sonhando da Andaluzia!

EM HORAS TRISTES

Ela vivia só naquela aldeia,

Sem ter um coração que a compreendesse,

Passei um dia ali, falei-lhe, amei-a...

Ai, se esses tempos esquecer pudesse...

E julgou-se feliz! Pobre criança!

Era feliz naqueles curtos dias,

E eu deixei-lhe nascer sem esperança

E sem porvir aquelas alegrias!

Oh! Como é sem piedade a juventude!

Como é cruel a idade dos amores!

Desfolhando as flores da virtude,

Como se fossem verdadeiras flores.

Sopra-se ao coração, que a nós se entrega,

A labareda de violenta chama.

E ao capricho cruel da paixão cega

Sacrifica-se tudo quanto se ama.

E eu fi-la entrever em doce enleio

De um mundo novo as mal sonhadas cenas;

E sentia-a corar e arfar-lhe o seio,

E delirante respirar apenas!

Parti, jurando amá-la toda a vida,

Pude fazer aquele juramento!

Ela ficou chorando-me iludida,

E eu paguei-lhe a ilusão com o esquecimento.

Perdido dos prazeres no tumulto,
Levado nessa rápida voragem,
Não mais pensei naquele doce vulto;
Nunca mais entrevi a sua imagem.

E ela?... Talvez no coração ferida
Por minha leviandade criminosa,
Vivesse dias de enlutada vida,
Sem ter na terra a sagração de esposa.

Ai, memórias cruéis do meu passado,
Como pungentes me feris agora!
Poupei, poupei-me o coração magoado,
Livrai-me do remorso que o devora.

Funchal – Abril de 1869

A ANDORINHA FERIDA

Já despe galas

A natureza

Véu de tristeza

Tudo envolveu;

Desfolha o Outono

No prado as flores,

Densos vapores

Sobem ao céu;

Gemem os ventos

Nas densas matas;

Das cataratas

Dobra o fragor;

Calam-se os cantos

Na umbrosa selva;

Da húmida relva

Cresce o verdor.

Nas nossas terras

O sol desmaia,

O alcíone na praia

Triste gemeu:

Aves viajoras,

Cruzai os mares,

De outros lugares

Buscai o céu.

E as andorinhas

Vão-se juntando,

Bando após bando

Na beira-mar;

Deixam as neves

Já iminentes,

Auras clementes

Vão demandar.

Chama-as o instinto,

Que à turba alada

Indica a estrada

Da imigração.

Mas, ai, na selva

Jaz esquecida

Uma, ferida

Por cruel mão.

Debalde a vítima

Da má ventura

Inda procura

O voo erguer;

Debalde; exânime

Cai na floresta,

Já não lhe resta

Senão morrer.

Ela ouve o canto

Das companheiras,

Vê-as ligeiras

Passar além;

Chama-as, não lhe ouvem

A voz sumida,

Que na fugida

Nada as detém.

«Ó companheiras

De horas felizes,

A outros países

Passais sem mim?

Sob os rigores

Do triste Outono,

Ao abandono

Deixais-me assim?!

«Tu, doce amiga,

Fiel esposa,

Nem tu, saudosa,

Vens ter aqui?!...

Mas vai, que o Inverno

Tardar não deve,

Fugi da neve,

Irmãs, fugi!

«Ide a esse clima

Que vos espera;

Na Primavera

Regressareis;

Voltando à sombra

Desta verdura,

A desventura

Me chorareis.»

Calou-se. Eis súbito

Trazem-lhe os ventos

Débeis lamentos

De triste voz.

Ouve-os, levanta-se,

A dor, esquece,

Canta... emudece

E morre após.

Eis que da moita

Dali vizinha

Uma andorinha,

Gemendo, sai;

Ao ver do esposo

A triste sorte,

Também da morte

Fenda cai.

E sobre os mares

O alado bando

Vai demandando

Outro país.

E cedo a neve

Do frio Inverno

Esconde o terno

Par infeliz.

O JUIZ ELEITO

Como eu gostava de vê-lo!

Aquele ancião venerado

Com seu nevado cabelo,

E com o seu rosto corado!

Oitenta anos já contava,

Mas ainda firme e direito;

Todos, quando ele passava,

Saudavam-no com respeito.

Se ele era um pai para todos!

O anjo daquela gente!

Ouvia-os com tão bons modos,

Sem dar mostras de impaciente!

Quantas demandas desfeitas

Por seu prudente conselho!

E quantas alianças feitas

Pelas mãos daquele velho!

As raparigas, chorosas,

Confiavam-lhe seus amores;

As desoladas esposas

Os seus caseiros dissabores;

Os homens os seus ciúmes;

As mães filiais desgostos;

E ele ouvia esses queixumes,

E alegrava aqueles rostos.

Quando o mal era sem cura,
Inda então lhes dava alento;
Bastava a sua figura
Pra dar paz ao pensamento.

Brincava com as crianças,
Sem nunca mostrar fastio;
Folgava de ver as danças
E os cantos ao desafio.

Mas se as funções exercia
Do seu grave ministério,
Outro homem parecia;
Tornava-se grave e sério.

Com orgulho se ufanava

De ser o juiz do povo,

E cada ano que chegava,

Ele era eleito de novo.

Um dia, uma pobre velha,

Quando terminava a missa,

Aos pés dele se ajoelha,

Bradando a chorar: «Justiça!»

Ele ergue-a com modo brando,

E à pobre mulher pergunta:

— «Diga, porque está chorando?

E o povo à roda se junta.

— «Senhor, a filha que eu tinha,

Doce alma da minha vida,

Única alegria minha,

Minha filha, está perdida!»

— «Perdida?!» — «Juro a verdade!»

— «Como? Fale». — «Ouvi, ouvi-me!

Se há um Deus no Céu, não há de

Deixar impune este crime.

«Aquela pobre criança,

A tanto custo criada,

A minha única esperança,

Por um vil foi enganada!»

— «E como é que ele se chama,

O que fez tal vilania?»

— «Ai senhor», a velha exclama, «É seu filho!»

E o povo ouvia.

E o juiz eleito tranquilo

A velha, que o rosto esconde,

Como se temesse ouvi-lo,

Estas palavras responde:

— «Sossegue, mulher; se é certo

O que, chorando, assegura,

O remédio está bem perto

Para essa desventura.

«Já que a ser juiz me atrevo,

Hei de ser juiz deveras

E em casa exercitar devo

As justiças mais severas.

«De outro modo enganaria

Este povo que me elege:

A mesma lei que a ele o guia,

É a mesma que me rege.»

Logo rompe dentre a gente

Que o juiz escutava em pasmo,

Um brado rijo e valente,

E sobre alto o entusiasmo.

E alguns dias mais passados

A pobre filha da velha,

Junto aos altares sagrados,

Com seu noivo se ajoelha.

Ao acto o juiz assiste,
O povo o vê com respeito,
A noiva tinha o ar triste,
O juiz cingiu-a ao peito.

— «Alegre-se, minha filha,
Erga a cabeça bem alta;
Aqui sou eu quem se humilha,
A menina quem se exalta.

«Sim, sou eu o que me humilho,
Porque esta bênção redime
A si de um erro, e ao meu filho
De mais que um erro, de um crime.»
Oh! sim, era um gosto vê-lo,
Aquele ancião venerado!

Que tipo de homem tão belo!

Que character tão honrado!

Funchal — Abril de 1869.

FIM DE UM SONHO

— «Querida, não sabes um sonho que eu tive?

Mil vezes a morte, que sonho assim!

Sonhei que te via de um bosque no abrigo...»

— «Contigo?»

— «Com outro, sentados além, no jardim.

«Na mão ainda tinhas a rosa silvestre,

Que eu ontem, bem triste, te dera ao partir;

Pedi-ta esse homem, tu toda vermelha...»

— «Neguei-lha?»

— «Cedeste-a, olhando com meigo sorrir.

«E então, ele aos lábios a leva ansioso,

Com beijos ardentes lhe murcha o frescor;

Não sei que palavras lhe dizes, e, em meio... »

— «Deixei-o?»

— «Os braços lhe lanças do colo ao redor.

«Então, mais ousados seus lábios ardentes

A rosa deixando, te poisam na mão,

Sentindo-lhe os beijos lascivos de fogo...»

— «Eu logo...»

— «Tu logo lhos pagas com a mesma paixão.

«Depois, que delírio! Calaram-se os lábios,

E os olhos deixaram por eles falar;

E eu via este quadro de amores risonho?»

— «Que sonho!»

— «Terrível, não achas? e quis-me vingar.

«E a adaga que cinjo, convulso apertando,

Corri; a vingança me impele veloz.

Achei-te; o ciúme meu peito povoa.»

— «Perdoa!...»

— «Perdoa!» — dizias com trêmula voz.

«Em vão! teus clamores não ouve meu peito:

No teu nívoo seio o ferro cravei.

Vacilas, e o sangue rompendo num jorro...»

— «Eu morro!...»

— «Eu morro!» — disseste. O meu sonho acabei.»

1 de Março de 1860.

Nota do Autor. — Outro crime de lesa-sexo feminino e do qual também me arrependo. É um caso apenas de traição e vingança, de

onde não se pode concluir nada. No que me confesso culpado é em ter sido pouco parcial, não hesitando em distribuir nesta cena de fantasia o papei mais antipático, pelo menos para mim, à mulher e não ao homem. Mas é desculpável: espirito de classe.

NO TRÂNSITO DE UMA NOIVA

Quem te foi vestir de noiva,

Aos quinze anos mal contados?

Quem cingiu de laranjeira

Os teus cabelos dourados?

Que mão conduziu ao templo

Esses passos vacilantes?

Quem te apagou os sorrisos,

Que tinhas nos lábios dantes?

Pobre inocente criança,

Onde vais assim vestida,

Com as lágrimas nos olhos,

Com a cabeça pendida?

Onde te leva essa gente,

Que junto de ti caminha?

Não sei, não sei que desgraça

O meu coração adivinha.

E tremes, pobre menina?!

Oh! ainda é tempo, recua!

Não sacrifiques tão cedo

A paz da existência tua.

Tu vais vestida de noiva,

E os olhos humedecidos;

Estanca, estanca esse choro

Que te humedece os vestidos.

Eleva a cara graciosa

Coroadada de laranjeira,

Que não te caiam as flores

Pelo chão dessa maneira.

Louca, se vais assim triste

Como a vítima dos altares,

Recua, que é tempo ainda,

Treme de não recuares.

Vais mentir dizendo que amas,

Vais mentir dentro do templo,

E o futuro que te espera

Tem mais do que um triste exemplo.

Recusa essa mão traiçoeira

Que te promete venturas,

Vê que numa só palavra

Tua desgraça asseguras.

Quando voltares da igreja,

Morta verás toda a esperança.

É cedo para seres esposa,

Continua a ser criança.

Repara; as tuas amigas

Convidam-te ainda ao brinquedo,

Espanta-as teu véu de noiva,

Ai porque as deixas tão cedo?!

Dorme ainda no teu seio

Um coração de quinze anos;
Respeita-lhe o sono, louca,
Poupa-lhe acres desenganos.

Coração virgem de amores,
Como respondes por ele?
E há uma mão sem piedade
Que a tal abismo te impele?!

Diante do altar sagrado
Não jures o que não sintas:
É Deus que te ouve, repara,
É Deus que te ouve. Não mintas.

Mas caminhas... não hesitas...
Do altar os degraus subiste.

Meu Deus, que gélida festa!

Senhor! que cena tao triste!

Ontem criança, hoje noiva!

Imprudente crueldade

Que se antecipou aos sonhos

Da ridente mocidade!

Se um dia acordar inquieto

O coração, desditosa?

Se o fogo da juventude

Se atear no seio da esposa?

E escutam-se hinos de festa!

E arma-se o templo de galas!

E brilham de luz e flores

Da noiva as faustosas salas.

Soltaste a fatal palavra;

Dissipou-se o último ensejo.

Parece-me um saimento

O teu nupcial cortejo.

Esse vestido de noiva,

Aos quinze anos mal contados,

É um véu negro lançado

Sobre teus sonhos dourados.

1869.

C...

Não meças o amor pelo tempo que dura;
Ontem amei-te mais nessa hora tão ligeira,
Senti maior prazer, gozei maior ventura,
Do que ao pé de ti passasse a vida inteira.

Deixa que esta paixão termine com o dia,
Efêmera cecém nascida à madrugada,
E que ao cair do Sol, nessa hora de poesia,
Deixou pender no chão a cara desfolhada.

Fiquemos sempre assim, um ao outro ignorados
Nestas vagas regiões de uma paixão nascente.
Sigamos cada um caminhos separados;

Com uma hora de amor a alma é já contente.

Lisboa, 1869

AS ANDORINHAS

Fugi, andorinhas; em mais longes plagas
Buscai outras praias, florestas e o céu;
Que é triste o bramido que soltam as vagas
E um vento pressago nos bosques gemeu.

Fugi, namoradas das flores e estrelas,
Olhai: estes campos sem flores estão,
E cedo os espaços, à voz das procelas,
Sinistros, cerrados, sem luz ficarão.

Fugi, apressai-vos, alados viajantes,
Em bandos ligeiros os mares cruzai.
Por outros países, por selvas distantes

Mais flores e aromas, mais luz procurai.

Deixai estes montes de neve coroados,

As selvas despidas, e as folhas sem cor,

As grossas torrentes e os troncos quebrados

E os vales cobertos de denso vapor.

E quando, mais tarde, na verde campina,

As rosas voltarem com viço a florir,

E as serras, despidas da intensa neblina,

Virentes, formosas, se virem surgir;

E quando deslizem na praia arenosa

Mais lentas, mais brandas, as vagas do mar,

E das laranjeiras de copa frondosa

Caírem as flores do chão do pomar;

E quando fugirem, informes, pesadas,
As nuvens sombrias que se erguem do sul.
Correndo dispersas e em flocos rasgadas,
Nos plainos imensos de um límpido azul:

Voltai; nova quadra de amores vos chama;
Dos climas distantes para estes parti;
Então tudo é vida, já tudo se inflama,
Há luz, há perfumes, faltais vós aqui!

Voltai, que de novo serão florescentes
As selvas, os prados, o monte, os vergéis;
Quietas as brisas, as águas dormentes
Nos lagos tranquilos de novo vereis.

Só eu, que vos sigo com vistas saudosas

Ao vosso desterro, dos mares além,

Já quando no prado brotarem as rosas,

Talvez não reviva com as rosas também.

Ai, não, não revivo, que o vento do Outono

Gemendo angustiado nas brenhas do val,

Convida-me ao leito do plácido sono,

E as nénias entoa do meu funeral.

Eu morro! Na chama do Sol que declina

Bem sinto o presságio de um próximo fim.

Se um dia voltardes à vossa colina,

Ó doces amigas! lembrai-vos de mim;

Daquele que, triste, vagando no olmedo,

O adeus da partida vos veio dizer.

Quem sabe das campas o oculto segredo?

Talvez vossos cantos eu possa entender.

Talvez que, ao ouvir-vos a queixa sentida

Quebrando das noites a triste mudez,

À sombra dos cedros da escura avenida

Acorde, a escutar-vos ainda uma vez.

Nota do Autor. — Faz parte do romance «Uma flor entre o gelo» publicado Serões da Província, em 1870.

O PALHAÇO VELHO

«Palhaços! rápidos!

À arena! à arena!

Quer-se uma cena

Que faça rir.

Exige-a o público

Em altas vozes;

Ide, velozes,

Ide-o servir!»

E os clowns lépidos

Ágeis, disformes,

Saltos enormes

No circo dão.

Soam frenéticas

Palmas e bravos.

Pobres escravos

Da multidão!

Danças ridículas,

Fingidas lutas,

Jogos, disputas,

Travam-se ali;

Ditos equívocos,

Palavras soltas,

Saltos e voltas...

E o povo ri.

Pertence ao número

Um clown idoso,

Curvo, rugoso,
Cheio de cãs;
Os membros trôpegos
De muita idade
Move à vontade
Das turbas vãs.

É ele o último
Dos companheiros,
Que, mais ligeiros,
Deixam-no atrás,
A turba indómita
Com grandes gritos
Ao som de apitos
Assuada faz.

E o velho cômico

Treme assustado

Do desagrado

De seu senhor.

Escusa lágrima

Cai-lhe escaldante...

«Palhaço, adiante!

Coisa melhor!»

E aquele mísero

Truão do povo

Tenta de novo

Fazê-lo rir.

Mas, pobre vítima!

Dos lados todos

Chufas, apodos

Vêm-no ferir.

E o velho, trêmulo,

Não deixa a cena,

Fazia pena

Vê-lo saltar,

Recresce a fúria

Nas galerias...

Velho, não rias!

Nobre é chorar!

Chora, sim, chora-te

Envergonhado

Do teu estado

De aviltção.

No pó olímpico

As cãs rojaste

E não coraste?!

Chora, ancião.

Porém, silêncio!

Que o velho fala;

Tudo se cala,

Tudo o escutou.

Em tom de súplica,

Com as mãos erguidas,

Estas sentidas

Vozes soltou:

«Sede magnânimos,

Meus bons senhores!

Que as minhas dores

São infernais!

Chorar no íntimo,

Rir no rosto!

Rir incessante!

Ai, que é de mais!

«Deponho a máscara,

Que vos ilude,

Já que não pude

Fazer-vos rir.

Este cilício,

Que me angustia,

Deixe este dia

De me pungir.

«Tenho família,

Filhos que choram,
Vozes que imploram
Pedindo pão.
Oíço a miséria
Bater-me à porta...
Velho, que importa?
Vai ser truão.

«Sentes decrépito
Tremer-te o braço?
Faz-te palhaço.
Que esperas? Vai!
Loucos escrúpulos,
Velho, refreia,
Perante a ideia
De que és... um pai.

«Meu choro, esconde-te,

Calai-vos, dores:

Estes senhores

Querem folgar.

Segue ao suplício

Os mais escravos.

Oh! dai-me bravos,

Que eu vou... dançar!»

Mas ai, falece-lhe

O alento ao velho,

Dobra o joelho,

Na arena cai.

Erguem-no pálido...

Aos mais palhaços

Decai dos braços

O truão, o pai.

AQUELA VELHA!

Aquela velha! coitada!

Se lhe soubessem a vida,

Não passaria na estrada

Assim desapercebida.

Vive só; mas vive agora,

Que num tempo já volvido

Houve na casa em que mora

Filhos, netos e marido.

Morreu primeiro o marido

De uma morte desastrosa;

Com o coração partido

Rezou por ele, piedosa.

Morreram-lhe os filhos todos

No tempo da epidemia;

Ela com os mesmos modos

Rezou de noite e de dia.

Ficara só com três netos;

Morreram de tenra idade;

E ela viúva de afetos

Venceu, rezando, a saudade.

E ainda vive! O que alenta

Aquela alma atribulada?

É a fé que lhe alimenta

Uma crença inabalada.

Ai, quem me dera esse alento

Nestes combates da sorte!

Que paz para o pensamento!

Que paz na hora da morte!

O MISERÁVEL

— «Não se soube dele?» — «Dizem

Que vive rico e contente,

Sem que lhe pese a lembrança

Dessa desgraçada gente.»

— «O miserável!» murmura

O forasteiro sombrio,

O pastor desceu a encosta

E passou para além do rio.

E quando de madrugada

Conduzia ao monte o gado,

Encontrou na ribanceira

O corpo de um afogado.

Conheceu o forasteiro

Pelas vestes que trazia;

Foi enterrado na aldeia.

Quem era? Ninguém sabia.

NA MADEIRA

Vi-a chegar. Nas faces descoradas

Trazia escrito o seu fatal destino.

Nem o sol destas plagas perfumadas

Pôde corar-lhe o rosto peregrino.

Vi-a chegar. Um mar de águas serenas

Trouxera-a no regaço brandamente,

Manso, tão manso, embalando-a apenas

Como se embala um berço de inocente.

Pobre criança pálida e formosa

Já condenada a inevitável sorte!

As auras desta ilha milagrosa

Não te podiam defender da morte!

Ao princípio, um clarão de vaga esperança

Raiou no seu olhar amortecido;

Mas ai, que breve rápida mudança

Deu a essa ilusão um desmentido.

Nós todos, que corríamos a vê-la

Fitando o mar com olhos lacrimosos,

Nós todos, exilados bem como ela,

Rodeamos-lhe o túmulo saudosos.

Queríamos-lhe tanto! àquela vida

Dir-se-ia que as nossas se ligavam:

Era como que a filha estremecida

De todos, porque todos a adoravam.

Vi-a partir. As pálpebras cerradas,
Pálido e frio o rosto peregrino,
Sobre o nevado seio as mãos cruzadas,
E em tudo um raio do clarão divino.

NO RIO

(A uma Criança)

Algumas há como as terras onde as flores

Aspiram uma seiva envenenada;

Onde à sombra de pérfidos verdores,

Cai nas selvas a ave inanimada.

Têm elas um excesso de amargura

De que se nutre cada pensamento;

Nas mais ridentes cenas de ventura,

Fere-as um doloroso desalento.

Ontem ainda o senti. Bela era a cena,

Deslumbrante a paisagem;

Nossa barca leva-nos serena

A vela solta, em plácida viagem.

Tu, criança inocente, debruçado

Nas cristalinas águas,

Sorrias de prazer, e eu, ao teu lado,

Sentia exacerbar as minhas mágoas.

Tu só vias na límpida corrente

Os verdes da margem,

E o sol, a repetir-se resplendente,

Nos mil reflexos que o fulgor lhe espargem,

As águas, aos teus olhos, retratavam

Ura segundo universo,

Outro céu, que outras aves povoavam,

Outro mundo, outro sol, na onda imerso.

Eu também, como tu, me reclinara

Do baixei sobre a borda;

Mas a vista das águas, que fitara,

Ideias mais amargas me recorda.

Talvez, pensei, que a linfa que, assim via

Tranquila e adormecida,

Ocultasse no seio uma agonia,

A extrema convulsão de um suicida.

E em lugar desse júbilo expansivo

Que o olhar te animava,

Era um pungir cruel e aflitivo

O que o meu coração atormentava.

Ai, quantos como tu, pobre criança,

Sobre as vagas da vida

Veem debruçados, refletir-se a esperança,

E se iludem com a cena refletida!

Quantos, sem o saber, sobre este abismo

Mal pensam, descuidados,

Que aos seus pés, em tremendo paroxismo,

Lutam, ânsia da morte, uns desgraçados?

Mas os que já não têm, pobre inocente,

Essa doce ignorância apeteçada,

Veem através da plácida corrente

Cruéis mistérios deste mar da vida.

DISPERSAS

As riquezas deste mundo

Para mim não têm valor;

Eu sou rica nos teus braços,

Sou rica do teu amor.

De: Uma Família Inglesa.

Dorme, filho, que eu vigio,

E enquanto dormes, sorri;

Que a tua porção de lágrimas

Eu as chorarei por ti.

De: Uma Família Inglesa.

Aquele que tanto amei

Esqueceu meu pensamento
Como o rio esquece as rosas
Que retratou um momento.

De: Justiça da sua Majestade.

O amor que me juraste
Bem cedo o vi acabar,
Foi fumo de labareda
Que já se desfez no ar.

De: Justiça da sua Majestade.

O teu amor era falso,
Teve pouca duração.
Mas deixou mágoas eternas

No meu pobre coração.

De: Justiça da sua Majestade.

Flor dos campos, flor singela,

Pra quem guardas tuas cores?

Deus criou-te entre verdores

Só para os campos enfeitar?

Desconhecem-te a beleza

Outras flores que ta invejam

E as brisas, se te bafejam,

Não o sabem revelar.

Há tanto que corro os prados

Por sobre viçosas relvas!

Tantas flores pelas selvas,

Tantas no monte encontrei!

Há tanto! e porque só hoje,
Alva cecém da campina,
Quis a minha ingrata sina
Que te encontrasse? Não sei.

Não sei. O peito agitado
Os seus segredos não revela.
Se ao ver-te foi minha estrela,
Se é sorte pensar em ti...
Pensarei, sim; tua imagem
Há de seguir-me incessante,
Em ti só, flor vicejante,
Pensarei, já que te vi.

A noite nos arvoredos
Onde formas vaporosas

Vagueiam misteriosas,

Irei procurar-te, a sós.

De manhã, quando no outeiro

Surja a chama matutina,

Já o teu nome, Paulina,

Repetirá minha voz.

De: As apreensões de uma mãe

Mais vida! Meu Deus, mais vida!

Que a chama ainda arde violenta!

E a alma, de viver sedenta,

Outros sonhos concebeu.

De: As apreensões de uma mãe

Vem livrar-me com os teus olhos

Que eu por eles me perdi;

Dá-me a vida com os teus beijos,

Já que por beijos morri.

De: As Pupilas do Sr. Reitor.

Caçador, que vais à caça,

Muito bem armado vais;

Os olhos levas por armas,

E, em vez de tiros, dás ais.

Singular caçada a tua,

Arrojado caçador,

Que, em lugar de penas de aves,

Só trazes penas de amor.

De: As Pupilas do Sr. Reitor.

Meia-noite, tudo dorme;

Só eu não posso dormir;
Pois não me deixa este amor,
Que me fizeste sentir.

Este amor, que é minha vida,
Vida do meu coração,
Atrás do qual meus suspiros
E meus pensamentos vão.

De: As Pupilas do Sr. Reitor,

Se estás mais perto do Céu
Nestas alturas da serra,
Ai, porque tens, peito meu,
Inda saudades da Terra?

Em vez de erguer os olhares

À luz deste firmamento,

Desço-os à sombra dos lares,

Onde tenho o pensamento.

De: A Morgadinha dos Canaviais.

TERCEIRA PARTE

UMA EXPLICAÇÃO PRÉVIA

Prefácio do autor ao seu álbum manuscrito de poesias intitulado: «Tentativas poéticas — coleção de versos de Júlio Dinis» (Joaquim G. Gomes Coelho).

É necessário ter uma grande força de vontade para resistir hoje à tentação de rimar alguns versos e cantar, bem ou mal, os sentimentos que nos dominam em certas épocas da vida.

Por muito tempo lutei e soube vencer este espírito tentador, que, em horas de melancolia, em momentos de entusiasmo, em instantes de prazer, na presença do belo, do grande, me antolhava, demônio enganador, o campo da poesia, fascinando-me com promessas risonhas, que nunca eu tinha de ver realizadas; afinal sucumbi e o resultado da derrota é isso que hoje reúno neste livro de onde espero nunca sairá.

Viverá sempre isolado e escondido de vistas estranhas, pois nem maiores pretensões ele tem.

Mas, como ninguém pode calcular todas as eventualidades futuras, devo dar uma satisfação àqueles a quem por acaso, e mau grado meu, este livro possa chegar.

Escrevi-o só para mim. Queria-o para um museu das minhas impressões que me recordasse no futuro esses devaneios e fulgentes fantasias, que constituem a mais apreciável riqueza da juventude, segundo dizem os que já estão fora dessa quadra da vida. (*)

[() Tinha Júlio Dinis ao escrever esta «Explicação prévia» 20 anos apenas.]*

Não me arguam, pois, não analisem estes versos; o seu autor melhor que ninguém sabe que eles não suportam a análise.

Não me custaram muitas vigílias; impressões de momento, quase de momento foram escritos.

Deles não sou responsável perante ninguém, pois que a ninguém imponho a sua leitura, ou, se o fizer, será só aos poucos de quem posso esperar que os olhos benévolos do amigo não vejam os defeitos patentes às vistas desapaixonadas do leitor.

Dezembro de 1859.

SONHO OU REALIDADE?

Encantada visão, que me apareces

Por alta noite, em sonhos deleitosos,

Aonde vives tu? Onde encontrar-te

Posso, ó virgem? Acaso neste mundo

Em que o vício domina, acaso habitas?

Ou tens tua morada em áurea estrela,

Que, de noite, contemplo cintilando

Com trêmulo fulgor? Onde é que vives,

Virgem dos sonhos meus? Onde resides?

És tu, és sempre tu que me apareces

Quando cansado de afanosa lide,

Eu peço à fantasia um lenitivo;

Então vens-te sentar junto ao meu lado,

Compreendes meu penar. Saudosa, meiga,
A sofrer me convidas, apontando-me
Num risonho futuro, mil venturas,
Para compensar-me as dores. Os teus suspiros
Vêm casar-se com os meus, e dos teus olhos
Manam raios de luz, que secam na alma
A fonte dos desgostos. Em ti, anjo,
Só em ti, eu encontro um seio amigo,
Onde confio meus cruéis tormentos;
E no teu colo reclinando a cara,
Deixo livre correr o choro amargo,
Que todo o dia conservei suspenso
Para o esconder dos olhos indiferentes.
Nesses instantes de inefável gozo,
Todos os meus sentidos enlevados
Me fazem conceber tua existência,

Como se humanas formas te vestissem.

Figura-se-me ver teus negros olhos,

Belos, saudosos, para mim olhando

Com uma tal expressão, que é toda encantos,

Que é toda amor, que a alma me extasia.

Parece-me sentir arfar-te o peito

Em suave ondulação. Os teus cabelos,

Brandamente agitados pela brisa,

Os meus lábios vêm tocar, como exigindo

Que nas suas ondas de formoso ébano

Um beijo deposite. Então me falas,

E que falas, meu Deus! São harmonias,

Que nem os anjos no celeste império

Tão ternas as entoam. Os meus ouvidos

Distintamente as ouvem; responder-lhes

Porém não posso; delirante escuto,

E sem que eu fale compreender-me sabes;

Revelados te são meus pensamentos,

Sem que em palavras os traduza. Sinto

As tuas mãos entre as minhas. Enleado

Por teus mimosos braços me conservas.

O teu hálito em delírio me arrebatá,

Em delírio de amor, tão puro e casto,

Qual o dos anjos na mansão divina.

Que momentos aqueles em que sonho!

E que triste é depois a realidade!

Por um instante de supremo gozo

Tenho, em troca, o amargo desespero

De uma terna ilusão desvanecida.

Porventura, meu Deus, nunca esta imagem

Terá realidade? Não existe

No mundo essa mulher, que eu imagino?

Que só contemplo nos meus dourados sonhos?

Esta sombra, este anjo que me fala,

Que me sorri e que me dá conforto

Quando em jardim de fadas delicioso,

Errante me vagueia a fantasia,

Essa virgem, de amor, criação risonha,

Acaso tem por pátria o nosso mundo?

Oh! se tem, Deus supremo, faz que em breve

Eu a possa encontrar. Senhor! permite

Que na Terra entreveja a paz que os justos

Gozam na alta morada onde habita

A tua celeste essência. Oh! possa eu vê-la

Essa formosa imagem de donzela,

Que, enquanto o corpo dorme e a mente livre

Vagueia em regiões desconhecidas,

Eu vejo ao lado meu... possa encontrá-la

Em breve nesta vida; e, se negada
Me for esta ventura, devo acaso
Noutro mundo melhor gozá-la, ao menos?
Ser-me-á dado sonhar eternamente?
Ver então sempre esse anjo e adorá-lo,
Com o amor, que na Terra guardei sempre
Reprimido no íntimo do peito?
Sereis acaso, ó sonhos, fiéis quadros
Da imensa dita que então lá me espera?
Se assim é, anjo meu, leva-me cedo
Para a tua morada aonde goze
Essa felicidade porque anelo
E que encontrar em vão busco na Terra,

Nota do Autor — Estes noventa e tantos versos foram os primeiros que me saíram da pena com pretensões a poesia. Por isso os transcrevo. O assunto é digno da idade em que os escrevi. Quem aos 17 anos não tenha sentido alguma coisa de semelhante e experimentado o desejo de a exprimir, melhor do que eu o pode fazer, é homem de cujas afeições e sentimentos permitir-me-ão duvidar.

NÃO TE AMO

(CANÇÃO)

Amo as noites de luar.

Amo a Lua, o Sol, o Céu.

Amo as estrelas e o mar;

Mas não amo o rosto teu.

Amo das aves o canto,

Dos bosques o sussurrar,

Na voz da brisa acho encanto;

Mas não amo o teu cantar.

Amo a cor da branca rosa

Entre as flores bela flor,

Da violeta a cor mimosa;

Mas não amo a tua cor.

Amo o brilho das estrelas

Que fulguram lá nos céus,

O da Lua em noites belas,

Mas não o dos olhos teus.

Arno toda a natureza,

Tudo nela me sorri,

Em tudo encontro beleza;

Mas não sinto amor por ti.

1857 (17 anos de idade).

Nota do Autor — Em vez de canção, melhor lhe chamaria cantiga. Não tem, nem poderia ter outra aspiração. A pessoa a quem ela se refere ó uma pessoa imaginária, ou antes, era-o quando isto escrevi, pois falando verdade, mulheres tenho encontrado que estão no caso de se lhes poder oferecer estas cinco quadras e não se deverem dar por ofendidas. Mas basta de notas para uma coisa tão pouco notável.

PENSO EM TI!

Surge a manhã! Tudo é festa

Tudo no campo é prazer,

Trinam aves na floresta

Hinos do Sol ao nascer.

Nestas horas misteriosas

Em que dos jasmins e rosas

Sobem perfumes aos céus,

Nestas horas de magia

Em que tudo tem poesia,

Os meus pensamentos... são teus.

Leva o Sol seu curso em meio,

Tudo inunda em clara luz

E só das selvas no seio
Branda sombra se produz,
Mal se ouvem os zumbidos,
Dos insetos e os gemidos
Da fonte caindo além;
Nesta hora de ardente calma
De amor só me falta a alma
E este amor... é teu também.

Já vai desmaiando o dia,
Aumenta o grato frescor
E na alameda sombria
Gorjeia o alado cantor;
Soltam-se os diques às presas,
Da rega é a hora, e às rezas
Convida o bronze cristão;

Cede o trabalho ao descanso;

Nestas horas de remanso

Os meus pensamentos teus são.

Noite é já. A Lua alta

Dos ares causa a amplidão,

Longe, ao longe, o mar exalta

Aos céus a vaga canção;

E do arvoredos a folhagem

Quer, na sua linguagem,

Os seus bramidos imitar;

O sono a terra domina

E tua imagem divina

Me enleia em brando sonhar!

Penso em ti a toda a hora,

De manhã, pelo arrebol,
Depois, quando à luz da aurora
Sucedo o fulgor do Sol;
Penso em ti na hora amena
Em que a tarde vai serena
Envolver-se em ténue véu;
Penso em ti de noite escura,
E é toda a minha ventura;
A mais não aspiro eu.

1858.

Nota do Autor — Aspirar, aspiro, mas... Esta poesia (perdoem-me o nome) não é um simples Jogo de fantasia. O que ela é. escuso de o dizer. Os que a entenderam dispensam explicações. Os outros não sei se feliz se infelizmente para eles, nem com um volume inteiro de notas a entenderiam melhor.

Em quanto a este tique que nela figura, se me perguntarem quem é. colocam-me em sérias dificuldades. Não saberei responder talvez satisfatoriamente.

SONHAR

Ontem à sombra dos plátanos

Daquela extensa avenida

Sentia-te comovida.

Tremer... corar.

Ia a falar-te mas — Cala-te —

Disseste, com voz maviosa,

— Quero, nesta hora saudosa,

Quero sonhar.

EVOCAÇÃO A TEMPESTADE

Vinde! Soprai furiosos

Ventos de tempestade!

Ergue-te, majestade!

Ergue-te, ó vasto mar!

Correi, legiões de nuvens,

Velai o céu de estrelas,

Ó gênio das procelas

Vem! Quero-te saudar!

A luz fatal do raio

Guie o meu barco apenas

E rujam como hienas

As vagas ao redor;

Pairem nos ares fatídicos

As aves de carnagem,

E cave-se a voragem

Com súbito fragor.

Surjam do fundo do abisma

Os pavorosos vultos

Dos náufragos sepultos

Dos mares da amplidão;

Responda à voz das águas

Frementes, agitadas,

O silvo das rajadas,

Os brados do trovão.

Do arcanjo do extermínio

O gládio chamejante

Ostente-se radiante

De ameaçadora luz;

Da tempestade às fúrias

Assistirei sorrindo

E bradarei: Bem-vindo!

Ao gênio que a conduz.

Bem-vindo, sim, que eu sinto

No seio mais violenta

Uma cruel tormenta,

A luta das paixões.

Procuro o mar furioso

Como um seguro asilo,

Arrosto-o e não vacilo

Das ondas aos baldões.

A ROMEIRA

Onde é que vais tão garrida,

Lenço azul, saia vermelha;

Pareces-me mais crescida

Ai, filha, fazes-me velha!

Mas... ainda agora reparo,

Cordão novo e arrecadas!

Onde vais nesse preparo

E com estas madrugadas?

— Onde vou ? a romaria

Da Senhora da Bonança.

Querem ver que não sabia

Que era hoje? Ai que lembrança!

— Que queres tu, rapariga,

Se toda a minha canseira

É fiar a minha estriga

Ao canto desta lareira.

Ora o Senhor vá contigo.

— Fique em paz minha madrinha.

— A casa voltes sem perigo.

Olha lá, vem à noitinha!

— Ai venho, logo às trindades,

Que é que quer que eu lhe traga ?

— Como me levas saudades

Traz-me saudades em paga.

Pois trarei e até à vinda,

Adeus que há muito amanhece.

— Vai, que romeira tão linda

É que lá não aparece.

CANTARES

O campo já não tem rosas,

As noites não têm luar

E as andorinhas medrosas

Atravessaram o mar.

A sombra de uma ramada

Um dia inteiro passei

Colhendo uvas e beijos,

Quais mais gostosos não sei.

O meu mal já não tem cura

Porque é já mal de raiz;

Desde o berço à sepultura

Tenho de ser infeliz.

No Céu se pagam os males

Que no mundo se fizeram;

Se assim é, esses teus olhos

Grandes castigos esperam.

Quem se ri está contente,

Quem está contente é feliz,

Mas cala-te, coração,

O que sentes não se diz.

PRECE DO CORAÇÃO

Ludibrio das vagas, que agita a procela,

Em noite de trevas, do oceano ao fragor,

Na terra uma praia, no espaço uma estrela,

O nauta, prostrado, te pede, Senhor!

Que, se é triste a morte, mais triste é por certo

Se, no último instante do nosso existir,

Olhando o horizonte, de nuvens coberto,

De esperança uma estrela não vemos luzir.

Nas vagas da vida, meu barco perdido

Errante navega, sem norte, sem luz,

Não sei porque ventos me sinto impelido,

Não sei a que praias o mar me conduz.

Sulcando estas ondas, eu vejo ao meu lado,

Cruzarem-se afoitos mil outros também;

Os ventos dirigem seu curso apressado,

Na esteira que eu sigo... mas passam além.

E eu... Que viagem! Que triste destino!

Que vida, ai, que vida meu fado me deu!

Vogar incessante, sem rumo, sem tino!

Rodeado de trevas, na Terra e no Céu!

Senhor ! novo nauta no oceano da vida,

Se as águas furiosas me têm de tragar,

Oh! dá-me que em antes da extrema partida,

A estrela que eu sonho me venha animar.

Que o veja um momento, no espaço fulgindo,

O astro dourado, que em sonhos eu vi!

Quem não amou nunca, da vida partindo

Mal pode, ao deixá-la, dizer: já vivi!

MELANCOLIA

Em paz, deixai-me em paz, meus pensamentos,

Não me faleis nos tempos que lá vão.

De que serve pensar nesses momentos?

Volvidos para sempre eles não estão?

Oh! deixai-me esquecer o curto instante

Em que mãe e irmãos no mundo vi!

Não achais triste e amarga ainda bastante,

A amarga solidão que passo aqui?

Que pretendeis falando do passado?

Que quereis? que exigis ainda de mim?

Lágrimas? Não vos bastam as que hei chorado?

Pra que as saudades me avivais assim?

Eu vejo os outros anelar ansiosos

Prazer, orgias, festas sem cessar;

Eu não, que invejo mais suaves gozos,

Gozos que a morte me impediu de gozar.

E assim me corre a vida! só comigo,

E a memória do tempo que passou,

E sem um coração, um peito amigo

Que a sorte, a sofrer só, me condenou.

O homem primeiro, do Éden desterrado,

Triste, rojava a cara pelo pó;

Mas ele tinha ao menos ao seu lado

Um ente que o amava e eu... estou só!

Que a solidão não é erma de gente,
Até no meio da turba a pode haver.
Pois que nos vale a turba, quando um ente
Não vemos, que nos saiba compreender?

Quase tudo que amava, emurchecido
Pelo sopro da morte cair vi.
Como entre ruínas, mausoléu erguido,
À destruição dos meus sobrevivi.

E para quê, Senhor? Qual é meu norte?
Que missão nesta vida hei de cumprir?
Oh! antes, antes me levara a morte,
Pois que assim, é tormento o existir.

Sombra da campa! que te tema aquele,

A quem ventura, ou um amor sem fim

Da vida ao seio e do amor impele.

O teu frio leito não me assusta a mim.

Foi-me o passado instante de ventura,

É-me o presente um século de dor;

E o porvir, envolvido em noite escura,

Que me reservará? Morte ou amor?

Se o anjo que nos meus sonhos imagino,

Eu tenho de encontrar, quero viver.

Mas... se não... corre, apressa-te, destino!

Abre-me a campa; tarda-me morrer.

Em paz, deixai-me em paz, meus pensamentos,

Não me faleis nos tempos que lá vão.

Oh! deixai-me esquecer esses momentos,

Já que volvidos para sempre estão.

1859

Nota do Autor — Só quem não soubesse nada da minha vida. me poderia pedir explicações desta poesia. Se, para uma produção desta natureza ter merecimento, bastasse ser escrita sob a impressão aos sentimentos que nela se exprimem, podia esta ser uma obra-prima. Infelizmente há mais algumas condições a satisfazer.

NÃO POSSO

Pedes-me um canto, anjo?

Ai não, não sei cantar-te,

Hinos para elevar-te

Não sabe a minha voz.

Os grandes sentimentos

As majestosas cenas

Sentimo-las apenas;

Que mais podemos nós?

Qual é a linguagem,

Que as sensações exprime

Dessa hora tão sublime

Das confissões de amor?

Se um ente amado expira...

Junto ao lutuoso leito,

Do que nos vai no peito

Quem pode ser cantor?

Nas praias do oceano

Ao som dos seus bramidos

Enlevam-se os sentidos,

Escuta o coração.

E as horas passam rápidas,

Delícias sonha a mente...

Mas, o que então se sente

Cantar se tenta em vão.

Sob as arcadas tristes

De templo sacrossanto

Sobe, com fervor santo,

O pensamento a Deus.

Da fé íntima e pura

A alma aí se inspira...

Porém pode a lira

Cantar nos hinos seus!

Ai não me peças cantos!

O sentimento é mudo,

Diga o silêncio tudo

Quanto eu não sei cantar

Mas, se amas... se no peito

Íntima voz te fala,

Tudo o que a lira cala

Lerás num meu olhar.

Novembro de 1859.

Nota do Autor — Se esta poesia tem um leve fumo de verdade, ele é tão fraco e desvanecido, que não me atrevo a alistá-la entre as verdadeiras, em quanto ao facto; pois em quanto aos sentimentos, sustento que o é; e julgo não ser o único nesta crença. Estes versos talvez me justifiquem de arguições futuras. É uma poesia de prevenção. Olhem-na como tal.

AURORA DE ARREPENDIMENTO

Fugi, fantasmas lívidos!

Fugi, lúgubres sonhos!

Espectros tão medonhos

Deixai-me em paz! parti!

Não vedes como fúlgida

A Lua do Sol já surge?

Deixai-me; o tempo urge,

Nas trevas vos sumi!

Há muito que a ave lúgubre

Calou seus tristes hinos;

E, ao longe, a voz dos sinos

Vos diz — eis a manhã!

E vós, negros espíritos,
Travando estranha dança,
Me murmurais: Vingança!
Vingança?... Sombra vã!

Esperais que ao som horrífico
De vossos mil clamores,
Pungindo de terrores
Me roje pelo chão?
Que ao ver as minhas vítimas
Surgir da sepultura
Cedendo a atroz tortura
Eu clame por perdão?

Cingi o vosso sudário,
Voltai ao frio leito,

Que dentro do meu peito

Não despertais horror.

Dormi o sono gélido

Que a morte vos prepara

Deixai para turba ignara

Imagens de terror!

Eis o sombrio préstito

Das vítimas sangrentas!

As faces macilentas,

Tintas de sangue e pó!

Rojando as alvas túnicas

No sepulcral lajedo

Caminham, como a medo...

Infundem pasmo e dó.

Entoando um canto fúnebre,
Qual último gemido,
Dos ossos ao ruído,
Acercam-se de mim!
Formam-se em vasto círculo,
E erguendo-se horrível grito,
Bradam-me: Sê maldito,
Qual já o foi Caim!

E de medonha abóbada
Os ecos despertando,
O seu grito continuando,
Repetem-me: Caim!
Oh! que mortal angústia
Este suplício eterno!
E nem no próprio Inferno

Se penará assim!

Mas não... não tremo .. rio-me

Dos vãos terrores da turba;

Só ela se perturba

Com tétricas visões.

Eu não, que desde a infância

Travei ardentes lutas,

E, qual as rochas brutas,

Sorri aos furacões.

E, se me vedes trêmulo,

Perante vós curvar-me

E a cara rociar-me

Um frígido suor...

Embora! a alma intrépida

E forte permanece,
O corpo é que parece
Ceder a um frio horror!

Sob o lençol funéreo
Que os membros vos recobre
O meu olhar descobre
Os traços de um punhal.
E o sentimento do ódio
Que o vosso aspeto exprime
Traz-me à memória um crime...
Um estertor mortal!

E eu vos fito impávido!
A ti, ancião primeiro;
No instante derradeiro

Louvavas o teu Deus,
Tentaste opor-te às fúrias
Da minha ardente coorte
Foi negra a tua sorte!
Caíste aos golpes meus!

Do templo no vestíbulo
Severo te elevavas
E anátemas lançavas
Tremendos contra nós;
Ao grito de sacrílegos
O bando estremeceu,
Sem mim talvez cedera
Em breve à tua voz.

E tu, mancebo? Adiantas-te

Com pálido rosto?

Pra libertar a amante

Voaste a combater;

Cego! que no teu ímpeto

Tolheste-me a carreira!

Exangue na poeira

Cedo te fiz volver.

Menos do que tu, misero,

O incauto viandante

Se se encontrou diante

Do carro que ágil vem;

No seu giro mais rápido

Que o próprio pensamento

Esmaga-o num momento

E livre, passa além.

E tu que me olhas túrbida
Qual rábida leoa
Que o bosque que o ar atroa
Chamando os filhos seus;
Num maternal delírio
Ao veres-me, furiosa,
Ergueste-te raivosa
A defender os teus.

Mas qual a onda tímida
De encontro à rija fraga,
Mas qual a fina adaga
De encontro ao forte arnês,
Dobrou teu corpo lânguido
Ao encontrar meu peito,

Caindo em pó desfeito...

Nem vacilar me fez!

E tu que ergues, pálida,

Coroadada de alvas flores?

Na quadra dos amores

Pendeste, flor, para o chão.

Crestou-te as lindas pétalas,

De embriagador perfume.

O fogo do ciúme,

A lava da paixão!

Enquanto nos meus êxtases

Contigo eu só sonhava,

O teu seio se agitava

Pensando noutro amor;

Então... na minha cólera

Perdida toda a esperança.

Jurei cruel vingança;

Cumpri-a com rigor.

Volvei aos frios cárceres,

Ao sepulcral jazigo,

Onde buscais abrigo

Quando desponta o Sol.

E os rostos cadavéricos

Aos matutinos raios,

Espectros, ocultai-os

No funeral lençol.

Mas outro se ergue súbito!...

Que vago horror me infunde!

Que estranha luz difunde

Se eleva o seu olhar!

Descobre o rosto, fita-me...

Que vejo! é ele, o infante

Que num fatal instante

Na campa fiz rolar.

No teu suspiro último

Que triste melodia !

Na hora da agonia

Sorraste para mim!

Esta lembrança punge-me,

É dor que não se exprime.

Ai! nunca a voz do crime

Me fez sofrer assim.

Ai! foge, foge, poupa-me

O horror da tua vista.

Que força há resista

A um tormento igual?...

Oh! que vergonha! Lágrimas!

O lúgubre cortejo

Sorrir-se ufano vejo

Com júbilo infernal.

Embora! Espectros, ride-vos,

Sou fraco, anseio tremo.

Nem no momento extremo

Se pode sofrer mais!

Fogem-me as forças, cansa-me

A luta, caio exausto;

Ó meu destino infausto

Que dores me guardais?!

De mim ei-los já próximos

E os descarnados braços

Agitam nos espaços

Soltando imprecações,

E ao som dos seus anátemas

Mil sombras pavorosas

Me arrastam às tenebrosas

Sombrias regiões.

À chama dos relâmpagos

Já treme a própria terra;

E qual enorme serra

O mar se eleva aos céus,
Eis a mansão dos réprobos
E os fogos infinitos
Onde ardem os proscritos
Da habitação de Deus.

Oh! longe este espetáculo!
A morte, antes a morte!
Talvez então a sorte
Conceda ao morto paz.
Talvez transportando os pórticos
Da sepulcral morada
Não reste do homem nada
Além do pó que jaz.

Então, qual som da Pátria

Soa o proscrito ouvido,

O meu último gemido

Me soará também;

Mas... quem me diz que as ânsias

Deste cruel tormento

Têm fim no pensamento

Não vão da campa além?

A vida é me um martírio;

Minha alma outrora forte

Ao sopro de agra sorte

Vergou, pendeu pró chão;

Nem mesmo a paz do túmulo

Me resta! No seu seio

Penar ainda receio

Pra sempre! Deus perdão!

Mas... que suave bálsamo

O peito me serena?

Que luz tão grata e amena

Nas trevas me luziu?

Qual desesperado náufrago

Em tão negra procela

Nos céus uma alva estrela

Longínqua me sorriu!

Acaso é dado ao ímpio

Erguer as mãos manchadas

Ainda ensanguentadas

A celestial mansão?!

Pode ainda a sua súplica

Chegar aos pés do Eterno?!

Da beira já do Inferno

Clamar ainda perdão?!

Supremo Deus! atende-me!

Na Terra o meu castigo!

Porém, quando o jazigo

Se abrir ao pecador,

Quando em gelado féretro

A cara já cansada,

Pousar extenuada,

Perdoa-lhe, Senhor.

Novembro de 1859.

Nota do Autor — Escusado é dizer que não sou eu quem fala neste canto de remorsos. Conquanto pecador, como todos os filhos de Adão, ainda não está tão cheio o meu cabaz de culpas.

Aqui usei da liberdade, que nos dá a lira, boa ou má, de exprimir, não só os nossos sentimentos, mas também os dos outros. Se bem ou mal o fiz, desta vez, não o sei, e espero ter juízes que o possam saber melhor do que eu.

AS MULHERES
(RECORDAÇÕES DE UM VELHO)

Tenho oitenta anos contados

Dos meus cabelos nevados

Bem poucos me restam já;

Tem-me ido até agora a vida

De amor para amor impelida,

Até quando... Deus dirá.

Tinha dez anos apenas,

E já nas tardes serenas,

Ao declinar do calor,

Me agitava o pensamento

Como agita as flores o vento

Uma ideia só — amor.

Na aldeia em que eu residia

Decara de mim vivia

Quem tal amor me inspirou.

Uma criança era ainda,

Porém nunca flor tão linda

Os olmedos enfeitou.

Uma manhã, como a visse

Junto de mim, eu lhe disse

Coisas que me lembram mal;

Ela, ao passo que me ouvia,

Baixava os olhos, sorria...

E deu-me um beijo, afinal.

E desde então por diante

Fiquei sendo seu amante

E fui amado também.

À sombra dos arvoredos,

Dizíamos mil segredos,

Que nunca entendemos bem.

Tempos assim decorreram,

Felizes tempos que eram!

Até que para cidade eu vim.

Chorámos na despedida

Mas supondo-se esquecida,

Ela esqueceu-se de mim.

Outra vida, outros amores

Da cidade entre os fulgores,

Tinha quinze anos, amei.

Era uma virgem trigueira

Olhos negros, prazenteira,

Doido por ela fiquei.

Os livros abandonava,

Horas e horas passava

Com ela, sem o sentir;

O meu tio franzia a testa,

Porém, à hora da sesta,

Costumava ele dormir.

la então para junto dela,

Chamava-lhe meiga, bela,

E o que é costume chamar.

Ela ouvia-me, corava,

Na costura continuava

E deixava-me falar.

De uma vez, pedi-lhe um beijo,

Ela mostrou algum pejo,

Mas enfim... sempre mo deu;

Atrás deste, outros vieram

E o bem que me eles souberam

Nunca depois me esqueceu.

Mas numa noite de festa,

Para mim noite funesta,

Todo este amor se extinguiu;

Toda esta nossa ternura,

Que eu julguei de tanta dura,

A um capricho sucumbiu.

Todos no baile dançavam,

E às valsas se entregavam

Com furor; faltava eu só.

Como dançar não sabia,

Para um canto me metia,

Triste que fazia dó;

Ora, é coisa bem sabida,

Que a dança cá nesta vida,

Não se dispensa a um rapaz;

Adeus amores, se não dança...

Neste mundo mais alcança

Quem mais cabriolas faz.

Por não dançar, fui deposto
E, como após um Sol-posto,
Se levanta um novo Sol.

O que para par a tirara
Logo ali me arremessara
Dos esquecidos para o rol.

Fiquei livre; mas em breve
A minha cabeça leve
Me envolveu noutra prisão.
Estava escrito no meu destino
Que havia de errar sem tino
De afeição em afeição.

Tinha vinte anos. Um dia
Pra ver se me distraía
Num teatro me meti;
Mal no palco os olhos prego
Que perdi o meu sossego
Desde logo conheci.

Estremeci de surpresa
Ao contemplar a beleza
Com que brilhava uma atriz!
Perdido fiquei a vê-la!
Nunca vi mulher tão bela!
Nem uns olhos tão gentis!

Cai o pano, as palmas soam
E por toda a parte ecoam

De poetas mil canções.

Tudo isso me revela

Que a muitos os olhos dela

Incendiaram os corações.

Abandono a sala, corro,

Quero vê-la, senão morro,

Quero ver os olhos seus,

Quero dizer-lhe que a adoro

E que em chamas me devoro,

Contar-lhe os tormentos meus.

Entro no palco, perdido,

Doido de todo... varrido,

Vejo-a, lanço-me aos seus pés.

Disse amá-la como um louco,

E, como achasse isto pouco,

Repeti-lho muita vez.

Ela olhou-me com um sorriso,

Como nem no paraíso

Um sorriso assim se vê;

— «Se tem um amor como o pinta,

Que o futuro o não desminta.»

Me disse ela. — E tenha fé.

Voltei para casa exaltado

Quase meio embriagado,

Coisas que o amor produz.

Mas dormir debalde tento,

Impede-me o pensamento,

Toda a noite olho não pus.

Já quarenta anos eu tinha
Quando, por desgraça minha,
Tornei no engodo a cair;
Foi uma rica matrona
Que me meteu nesta fona
Donde me custou a sair.

Viúva de três maridos,
Tinha intentos decididos
De ainda mais outro matar.
Se a pensar nisto me ponho,
Um destino tão medonho
Me faz hoje arrepiar!

Mas enfim o amor é cego

E amava-a, não o nego,

A razão não a sei eu.

Por isso talvez influísse

Pra cair nesta doidice

O que ela tinha de seu.

Fiz-lhe um dia três sonetos,

Falei-lhe nos meus afetos,

Ela ao lê-los me sorriu.

E, respondendo-me em presa,

Prometeu ser minha esposa

E um beijo me permitiu.

Com ela as tardes passava,

Em sua casa merendava

Chá com leite e pão-de-ló.

Jogava-se à noite o quino

E aturava-lhe o menino

Com paciência de Job.

Nada mais apetecendo,

Assim íamos vivendo

Um com outro em santa paz;

Já se marcava o momento

Para o nosso casamento...

Quando tudo se desfez.

Foi o caso que num dia

Chegou, vindo da Baía,

E lhe lançou o anzol,

Um ricaço brasileiro,

Que cheirando-lhe a dinheiro,

Casou ele e pôs-me ao sol.

Causou-me um vivo desgosto

Ver-me assim, sem mais, deposto

Por este sensaborão...

Mas então? Tinha dinheiro,

Em breve o vi Conselheiro

E pouco depois Barão.

Abandonar os amores

Que se para os mais só tem flores

Eu por mim poucas lhe vi.

Jurei, mas quis meu fadário,

Que a cruz levasse ao Calvário,

Que remédio obedeci.

Já no inverno das idades
Eu entrava, e as verdades,
Que então a vida nos diz,
Pra mim não se revelavam,
Os cabelos me nevavam
Quando eu outra asneira fiz.

E desta vez o objeto
Do meu sensível afeto
E das minhas afeições
Era uma velha provecta
E que já tinha uma neta
Capaz de inspirar paixões.

Chamei-lhe rola, gazela,
Comparei os olhos dela

Com as estrelas dos céus.

Ela, como bem-criada,

Não só não ficou calada

Mas disse o mesmo dos meus.

Uma noite, à luz da Lua

Eu... beijei-lhe a face sua

A sua enrugada tez.

E ela a modo que gostava,

Mostrou que não estranhava,

Pois nem corada se fez.

Tinha, sim, ela um defeito?

Mas no mundo, amor perfeito

Só em flor, é que se vê.

É que, por mais que eu teimava,

Nunca ela se deixava

De me tratar por você!

Era destas formosuras

Que é melhor ver às escuras

Que na presença de luz.

Quantas mais trevas a cobrem

Mais dotes se lhe descobrem

E mais amor nos seduz.

Já o Verão começava

E com ele começava

O tempo dos arraiais;

Quis que a uma acompanhasse

E como tal recusasse

Deixou-me para nunca mais.

Se há caprichos nesta idade,
Como é que havê-los não há de
Na estação juvenil?

A mulher é caprichosa
Como é fragrante a rosa
E florido o mês de Abril.

Livre, fiquei com a rosa
Livre, como a mariposa
Como a rã pelos pauis;
Fiquei livre como os ventos
Que espalham nuvens aos centos
Pelos espaços azuis.

Já do que tendes ouvido.

Podeis ver como Cupido

Se fez comigo tãful.

E, com um gênio assim feito,

Para viver tinha jeito

Num serralho de Istambul.

E para que tudo vos conte

Dir-vos-ei que aqui em frente

Descobri esta manhã

Uma velhinha sem dentes

Muito rica e sem parentes!

Vou requestá-la amanhã.

Porém eu cá já estou certo

Que, apesar dos cem bem perto,

Caprichos ela há de ter.

Mas, embora, paciência,
Da mulher é essa a essência...
O que se lhe há de fazer?

E mal para eles iria
Se lhes desse na mama
Os seus caprichos desterrar.
Crede, meus alvos cabelos
Um dos seus dotes mais belos
É mesmo esse caprichar.

Julho de 18S9.

Nota do Autor — Desta poesia eu sou apenas uma espécie de editor, mas não responsável. É um velho que fala, e eu não afirmo, pela minha parte, que penso exatamente como ele neste assunto. O sexo feminino me perdoe portanto estas sextilhas. Estou pronto a contradizer a ilação que delas se pretendeu tirar. Debaixo do ponto

de vista em que o nosso octogenário encara as mulheres, eu devo confessar que não tenho motivos para lhes querer mal nenhum.

Ele julgou-as severamente, mas é certo que também não valia mais do que elas.

As feridas do coração cicatrizavam-lhe com uma rapidez espantosa e. em quanto a mim, estes corações são no amor uma calamidade e não merecem sorte melhor que a que ele teve. Já veem que sou imparcial.

EXALTAÇÃO

Vida! quero viver! quero em prazeres

Sequioso saciar-me!

Deste frio letargo em que hei vivido,

Quero, enfim, libertar-me!

Para longe o manto da indiferença! Aos gozos!

Eia! aos festins da vida!

Os mais convivas se sentaram há muito.

Dai-me a parte devida.

Pra longe pensamentos de tristeza,

Gelado desalento!

Vou embriagar-me nas ardentes taças

Beber nelas o alento.

Mundo, dá-me o prazer que aos mais concedes!

Da isolação estou farto.

Adeus, ó solidão, adeus repouso.

Adeus... para sempre eu parto!

Os rumores da turba escuto ao longe

No seio dos folgares;

E só eu, frio, cruzarei os braços,

Não buscarei seus lares?

Oh! não; é tempo, as alegrias chamam-me.

Antes de exausta a taça

Corramos a beber nela, que o gozo

Com a juventude passa.

Amigos, esperai, eu já vos sigo.

Louco do que se isola?

Nem se torna melhor, nem suas penas

Na solidão consola.

Vamos ao menos no rumor das festas

Sufocar este grito

Que nos brada: — Padece, que de lágrimas

Foi teu destino escrito.

Vamos... ao menos no fulgor dos bailes

Fascinemos a vista.

Talvez aí se encontre o esquecimento,

Talvez o gozo exista.

Quebreemos esta lápide marmórea

Que nos cingia em vida.

Ressuscitemos! Eia, ó alma acorda

Desta feral jazida.

Vamos!... às festas, ao prazer, aos cantos,

Às flores e harmonias.

Taças a trasbordar, luzes fulgentes,

Delirantes orgias!

E, então, no meio do delírio férvido,

Perdido, embriagado,

Talvez encontre a paz que em balde tenho

Na solidão buscado,

Abril de 1860.

Nota do Autor — Esta exaltação, como quase todas, terminou em nada. Não cheguei a incomodar os convivas dos festins da vida para me darem lugar, e espero que nunca os incomodarei. O meu caminho é outro. Divirtam-se em paz.

UMA CONSULTA

— Dá licença? — Entre quem é.

— Muitos bons dias. — Olé,

Por aqui, minha senhora?

Desculpe vossa excelência

Se a não conhecia agora.

— Sem mais... À sua ciência

Recorrer venho .— Deveras?

(Senhor me dê paciência!

Nunca tu cá me vieras).

Então que temos ? — Padeço.

— Sim? porém de que doença?

— Essa é boa! acaso pensa

Que eu porventura a conheço?

— Ah! não conhece ? — Quem dera!

Então não o consultava.

— (E eu que muito estimava).

Mas diga, então? — Eu lhe conto...

Oiça bem. Não perca um ponto.

— Nem um ponto hei de perder.

— Ai, doutor, doutor, meu peito...

— É do peito que padece?

Quem havia de o dizer!

— E Jesus, doutor, parece

Que me quer interromper?!

Não era a isso sujeito.

— Nem o tornarei a ser...

Vamos lá. — Ora eu começo...

Atenção é o que lhe peço;

Diga-me: que lhe pareço?

Não me acha muito abatida?

— Assim, assim; mas às vezes

A vista pode enganar.

— Não, não. Pode acreditar

Que há já um bom par de meses

É um tormento esta vida.

— Então que é o que sente?

— O que sinto?

Ora eu lhe digo:

O doutor é meu amigo?

— Oh! senhora... — E é prudente?

Oiça, pois: Eu dantes era

Fera e rija, que era um gosto!

Ou em Dezembro ou Agosto

Correr o mundo pudera,

Sem no fim me achar cansada.

— E hoje? — Não lhe digo nada,

Nem comigo posso já.

— Mau é! — Quer saber, doutor?

Só para vir até cá,

Que tormentos não passei!

— Diga-me, se faz favor.

Que idade tem? — Eu nem sei...

Eu sou mais nova três anos

Que o reitor da freguesia.

— (É grande consolação!)

— Tenho ainda outros dois manos

Que mais velhos do que eu são,

Porém, como eu lhe dizia,

Doutor...—Que mais sente então?

— A vista sinto estragada,

Até já me custa a ler,

De mais a mais sou nervosa.

Isso não lhe digo nada!

Olhe, estou sempre a tremer.

— Faço ideia. — Andava ansiosa

Por consultar o doutor;

Eu tenho em si muita fé.

— Lisonjeia-me. — Outra queixa...

Que eu sofro também... Qual é?

— É de um forte mal de dentes.

Todos me caem. — Bem, bem.

— E os que restam, mal assentes,

Qualquer dia vão também.

— É provável. — Ai, doutor!

Que cruel enfermidade!

Não acha? — Acho e o pior...

— Há de curar-me, não há de?

— E então não sente mais nada?

— Nada... ai, sim, tem-me parecido,

Porém, talvez me iludisse...

— Diga. — A semana passada,

Como ao espelho me visse...

Pareceu-me ter percebido...

— O quê? — Que a pele não era

Como dantes, tão macia.

— E então? — Quem visse dissera

Que eram rugas. — (Eu dizia)

E é isso o que padece?

— Ainda pouco lhe parece,

Doutor? — Por certo que não.

— Então que doença tenho?

— Em sabê-lo muito empenho

Sempre tem? — Eu? Pois então?

Para isso o procurei.

— Bem, então sempre lho digo

Mas julgo não ficarei

Por isto, seu inimigo.

— O meu doutor! — O seu mal

É, senhora, de algum perigo.

— Ai Jesus! — E muita gente

Dele morre. — Oh santo Deus!

Por quem é não diga tal!

E... morre-se de repente?

— Conforme. — Pecados meus?

E então é isso o que pensa!

Porém ainda me não disse

O nome dessa doença

E eu sempre o quero saber...

— O nome? — Sim.— É... velhice!

— E o remédio? — Morrer.

Janeiro de 1860,

Nota do Autor — A lembrança não é minha absolutamente. Foi-me sugerida de um caso semelhante que me contaram.

PROFISSÃO DE FÉ

Se vires a lira entoar alegrias,
Prazeres e orgias, das festas à luz,
Não creias as vozes que solta; mentida
É toda essa vida, que nela transluz.

Se a vires cantando felizes amores,
Perfumes de flores parecendo aspirar,
Não creias; minha alma surgir não viu ainda
A aurora bem-vinda de grato raiar.

Se vendo no mundo somente ímpias cenas,
Pérfidas apenas, funestas paixões,
De escárnio e desprezo soltar os seus cantos,

São falsos; que em lágrimas lhe vão ilusões.

Porém, quando triste, falar da saudade,

Em grata ansiedade fitar o porvir

Em sonhos de esperanças, talvez que mentidas,

Soltar seus gemidos, temor exprimir;

Se a ouvires falando de chamas ocultas

Que n'alma sepultas encobrem seus véus,

Quais fogos acesos ao ar elevados,

Ardendo ateados, numa ara sem Deus.

Se a vires nos cantos falar magoada,

Da luta travada no meu coração,

Que muito deseja, que tanto empreende

E em vão se defende da ignota prisão.

Ouvindo-a em segredo, soltar suas queixas

E em tristes endeixas sentida gemer,

Chorar o passado, odiar o presente

E ao longe somente fulgores entrever.

Então crê os hinos que ouvires à lira,

O peito os inspira, do peito eles vem,

A mão indiferente suas cordas não pulsa

Febril e convulsa se agita também.

22 de Abril de 180

Nota do Autor — Esta é como indica o título, uma profissão de fé. Por ela avalie-se a verdade de todas as poesias que fazem parte deste álbum íntimo. Se o meu modo de pensar fizer mudança ao seu tempo virá nova profissão. Até aqui é esta que regula.

UM PARECER

As minhas flores diletas

Não se encontram nos jardins

Por entre estátuas eretas

De mármore e labirintos,

Das estufas nos recintos,

E avenidas de alecrins.

Não ornam os toucadores

De feminis gabinetes,

Não perdem as suas cores

Brilhando à noite entre sedas

De manhã às horas ledas

Desmaiando nos tapetes.

Nas jarras não se acumulam

Dos vastos salões de festa;

Em grinaldas não emulam

No fulgor a pedraria,

A luz que o baile alumia

Não é a luz que as cresta.

Não; as minhas, as que eu amo

Não as procurem por aí

Pois que eu prefiro ao ramo

Das flores mais presumidas

As singelas margaridas!

Que nas campinas colhi.

As camélia: peónias

Que o jardim ostenta ufano,
E outras destes hierarquias,
Prefiro a rara violeta,
E a rosa que vegeta
Pelos campos todo o ano.

E, como as flores , as donzelas
São iguais nos agostos meus,
Pois para mim as mais belas
E aos olhos mais aceites,
Não são as p em mais enfeites
Encobrem os dotes seus.

Não são. Eu quero a beleza
Sem tão presumida arte;
O que vem da natureza

Tais atavios dispensa.

Mulher, atende-me e pensa

No conselho que vou dar-te:

Feia ou bela para longe

Desterra tanto: aparato.

Não faz o hábito o monge

Sem ele a bela se enfeita

E nada à feia aproveita

Esse tão caiado ornato.

Que pedras mas preciosas,

Que enfeites de mais valor

E que flores mais mimosas

Do que uns olhos radiante s

Umas tranças abundantes,

Uns lábios dizendo amor?

E vós, feias se a beleza

Vos negou seu galardão,

Não fujais da singeleza,

Não busques e extremo oposto.

Deixai de adoçar o rosto,

E adornai o coração

Maio de 1860.

APARÊNCIAS

Sempre o riso nos teus lábios! Na alva cara

Nem uma sombra apenas!

Nem uma nuvem só no horizonte

A ameaçar-te com futuras penas!

É possível haver ainda no mundo

Quem viva e não padeça?!

Num vale de agonias tão profundo.

Quem haverá que em júbilos se esqueça!

Se hoje os dias teus correm amenos,

Olha para o passado.

Ele saudades te dará ao menos

Dos que à beira do túmulo hás deixado.

E nem um só instante de tristeza

Te dão essas memórias?

O teu passado é estéril? Não te pesa

Uma só dessas cenas transitórias?

Pois bem; encara as trevas do futuro

E diz se as não receias?

Fitando esse horizonte ignoto e escuro

São ainda de prazer tuas ideias?

Dizem que a taça do prazer — na vida

Contém sempre o absinto,

Mas tu, só de alegrias envolvida

Não sabes o amargor... Que digo? Minto!

Tudo isso é aparência. Se eu puder

Ler-te no pensamento

Quem sabe se até mesmo estremeceira

Ao deparar com um íntimo tormento?!

Quem sabe quantas vezes é mentida

Dos lábios a alegria!

Quantas vezes no peito comprimida

Nos devora latente uma agonia!

E morto o coração ainda persiste

Um sorriso aparente,

Simulando um prazer que não existe,

Fingindo uma ilusão que a alma não sente.

Este vislumbre de mentido gozo

Que nos lábios se estampa

É como as flores do vergel viçoso

Que nos encobrem a hediondez da campa.

8 de Julho de 1860

DESALENTO

É força descrer. Na vida

Sucumbe toda a ilusão

Como a flor da haste pendida

Murcha ao sopro do tufão.

Fantasia vãs da infância

Deixai-me; sois mentirosas.

Pintáveis-me a vida estância

Coberta de mirto e rosas.

E, ao perto, o mirto e as rosas

Em espinhos se tornaram.

Essas horas venturosas

Bem amargas se mostraram.

Descrer é fatal destino

Que espera o homem na vida.

E não há poder divino

Que lhes sirva de guarida.

Descrer? descreer! muito custa

Quando o peito é de vinte anos,

Quando a alma ainda se assusta

Ao clarão dos desenganos.

Pobre alma! pobre seio!

Ai que martírio sofreste.

Inda ontem de ilusões cheio

E hoje já quantas perdeste!

E agora que mais me resta?

Qual, ó alma a tua sorte!

Já que a vida é tão funesta

Aspira somente à morte.

6 de Agosto de 1860.

DESESPERO

O dia fenece. Com a luz purpurina
Que tinge o ocidente, que aromas não vem!
O Sol vacilante no oceano declina,
Eleva-se a Lua nos montes de além.

Por entre a ramagem de densa espessura
Semeada de aljôfares por lânguida luz
Mil aves modulam com meiga ternura
Os seus hinos que a aragem aos montes conduz.

Que mágicas cenas! que aromas na brisa!
Que sons! que harmonias se elevam daqui !
Ditosa a existência que mansa desliza

E a quem esta cena de graças sorri.

Mas; ai, de que valem belezas de selva,

Das aves os hinos, perfumes de flor?

Que importa o arroio gemendo na relva

E a Lua surgindo com grato palor?

Que importa o silêncio que vai na campina

A quem dentro d'alma rebrame a paixão?

Que importa a folhagem que adorna a colina

Se dentro palpita medonho vulcão?

Oh! antes mil vezes ouvir agitadas

As vagas lutando com as nuvens do céu.

Olhar as florestas brilhando incendiadas

E o raio rasgando das noites o véu.

Em vez do murmúrio das brisas suaves,

O vento com raiva no bosque a bramir

Em vez do mavioso descante das aves,

Das feras o torvo, medonho rugir!

Então, nos horrores de tanta tormenta

Talvez meus martírios eu visse extinguir,

Então, como o infante que a mãe acalenta,

Ao som das rajadas pudera dormir.

Mas não; ainda mesmo que todo o universo

Desabe em ruínas em torno de mim

No caos informe, que fora seu berço,

Achando o seu leito de morte por fim.

A rude tormenta que o seio me agita
Inda há de mais alto suas fúrias erguer,
Que vagas ardentes de lava maldita
Eu sinto violentas no peito ferver.

E os risos do campo, de escárnio parecem,
Os sons das florestas, insultos à dor.
Mal hajam as galas que o prado guarnecem,
Mal haja esta noite de paz e de amor!

Oh ! vem, negro gênio da guerra e tormenta
O teu facho terrível sacode no ar
E todo o universo de guerra alimenta,
Dos homens na terra, das ondas no mar!

E em vez desta noite risonha e tranquila

Suscita os horrores do dia final;

Cidades e povos, e a vida aniquila

E eleve-se o trono do gênio do mal!

13 de Agosto de 1860

O DESTINO DAS FLORES

Um dia em que ambos nós, sobre a mesa do estudo

Numa noite hibernai, da lâmpada ao clarão,

Ele curvado a ler, eu a escutá-lo mudo,

Seguíamos com pausa, atentos, a lição.

Inda me lembro bem! Falávamos das plantas,

De sua curta vida e a sua amena cor,

Tantas pelos vergéis e pelos montes tantas,

Que vivem, fenecendo após aberta a flor!

— «Triste destino o seu», disse ele com voz lenta,

Pousando com tristeza a cara sobre a mão,

— «Deus as manda florir, de seiva as alimenta,

Mas cedo com as flores caem murchas no chão.»

Triste destino o teu, ao delas semelhante,

Pobre alma de poeta! Oh! que destino o teu!

Deus te mandou cantar e o canto vacilante

Na Terra começado acabaste-o no Céu.

28 da junho de 1882.

FALSOS AMIGOS

Como a sombra, amigos temos,

Que nos segue em claro dia;

Mas que da vista perdemos

Assim que o Sol se anuvia.

Outra versão:

Vós sois a minha sombra

Se o Sol me luz brilhante...

Atrás, ao lado, adiante,

Encontro-a junto a mim!

Porém se nuvem negra

A luz do Sol me tira,

A sombra se retira...

Vós sois também assim.,.

ORAÇÃO DO REITOR

A noite era de Inverno, húmida, escura e fria.

Soprava nos pinhais furiosa a ventania,

Imitando o bramir de um tormentoso mar.

Os sinos do mosteiro ouviam-se vibrar.

E, contudo, ninguém subira ao campanário.

A alameda do adro e o morro do Calvário,

Onde se ergue imponente o sacro emblema — a Cruz —

Rasgando o negro véu, enchiam-se de luz

Quando do céu pesado o raio fuzilava:

Luz sinistra, fatal, como de ardente lava.

A aldeia repousava em plácido dormir;

Sono que não perturba esta ânsia do porvir

Que à vida nos consome, aos filhos das cidades;

Este sonhar sem fim, estas vagas saudades

Sempre, sempre a fugir de um fantasiado bem

Que à nossa cabeceira acalantar-nos vem.

A aldeia repousava. As cinzas da lareira

Onde há pouco ainda ardia a paternal fogueira

Cujo grato calor as horas do serão

Ajudara a passar, frias, extintas são.

Porém na residência um homem ainda vela,

Pois que uma frouxa luz, através da janela,

Parece estar dizendo ao povo que adormece:

— «Dorme, que o teu pastor de velar não se esquece!»

O pároco velava. As venerandas cãs

Pendentes sobre um livro. Em orações cristãs

Iam-se, muita vez, assim, noites inteiras...

As contas do rosário eram-lhe companheiras.

Julgava-se ele então, o bondoso reitor,

Mais próximo do Céu, mais junto do Senhor!

E, Moisés do seu povo, ouvindo mais de perto

A palavra da lei que, no árido deserto,

O devia guiar por grandes provações,

Sentia então mais fé nas suas orações!

A estância humilde e nua do velho cenobita

Parece receber misteriosa visita

Sempre que, como agora, embevecido e só,

Lê, de David, um salmo, um lamento de Job.

Páginas imortais dos Santos Evangelhos!

Pois houve quem o viu, caindo de joelhos,

Erguer, cheio de ardor, os olhos para o Céu,

Como se, descerrando o impenetrável véu,

Que, aos olhos dos mortais, cobre o mistério augusto,

Lho deixasse encarar sem turbação nem custo.

Vivera a fazer bem. Envelhecera assim.

Eram-lhe distrações as flores do jardim,

O ensino da infância, a esmola aos indigentes

E o salutar conselho aos jovens e imprudentes.

Logo pela manhã, mal sentia o arrebol,

la-se para o monte, a ver nascer o Sol,

E voltava a almoçar mais leve do que fora,

Que a esmola o acompanhava e é grande gastadora.

Não sabia, o bom velho, há muito resistir...

Cedia-lhe sorrindo... Abençoado sorrir!

Sempre sóbrio e frugal. O santo sacerdote,

Quisera, muita vez, entesourar um dote

Para as filhas de Deus, órfãs de pai e mãe!

Socorria a chorar! Pois chorava também,

Sempre que chorar via, ou de prazer ou pena.

Em tudo refletia aquela alma serena,

Como lago tranquilo, ao tombar do escarcéu,

As nuvens reproduz que perpassam no céu...

Com que amor acolhia alguma alma perdida

Que o vinha procurar, um dia, arrependida!

Com que sentida fé lhe falava da Cruz,

Prometendo o perdão em nome de Jesus!

Quando à missa do dia, ao povo que o escutava,

Com voz trêmula já, da religião falava,

Na prática singela havia tal unção

Que vinham gravar-se fundas, no coração,

As palavras de amor, de paz, de tolerância.

E o povo procurava ouvi-lo com instância.

Ora naquela noite, que parecia sem fim,

Com fé ardente e pura, o velho orava assim:

«Senhor! Que, generoso,

Todas as aves nutres,

Os pérfidos abutres

E os brandos rouxinóis!

Que juntas nos espaços,

Às nuvens das procelas,

Os raios das estrelas,

A luz de imensos sóis!

«Que à borda dos abismos

Fazes brotar a planta;

Da flor que nos encanta

A áspide fatal;

E a plácida corrente

Tornas, num simples gesto,

Em vórtice fremente,

E a brisa em vendaval!

«Senhor! quem pode, ousado,

Sondar os teus mistérios?

Sombras dos cemitérios,

Acaso o podereis?

Mas nós, cegos ainda,

Na sombra intensa, espessa,

Curvemos a cabeça

A tuas santas leis!

«Por isso, se no mundo,

Olharmos, surpreendidos,

Os bons aos maus unidos,

Unido o mal ao bem...

Que os lábios se não manchem

Na imprecação maldita!

É lei que está escrita

Em letras de ouro, além...

«Além, por essa abóbada,

Alta, sublime, imensa,

Onde a alma do que pensa

Se perde a meditar...

Abramos, pois, os braços

A todos igualmente.

A Deus, a Deus somente,

Compete esse extremar.»

uma canção que o interrompe:

«Pobre flor que, nos campos nascida,

Entre moitas de humildes violetas,

Tão saudosa no campo vegetas,

Sem um raio de fúlgido sol!

Pobre flor, solitária, ignorada,

Só a estrela do céu te namora,

Só te beija o rocio da aurora

E te fala o subtil rouxinol!

«Ai, se um dia escutares, atenta,

Essa voz, ó violeta da aldeia,

Essa voz que embriaga, que enleia,

Qual suave harmonia do Céu,

Nova luz se fará na tua alma"...

E, chamando-te à vida os sentidos

Te abrirá os países floridos

Que ainda envolve um tenuíssimo véu.»

A canção cessou e o velho reitor segue com a prece:

«Senhor! Bendito sejas

Na tua majestade!

Por toda a imensidade

O teu nome escrito jaz!...

E tu, soberba humana,

Lembra-te que és poeira...

E, na hora derradeira,

A sê-lo voltarás...»

EXCERTOS

*Epístola ao meu primo José Joaquim Pinto Júnior no dia dos seus
anos, 20 de Outubro de 1859.*

Dos orientais jardins da bela aurora
Foge, a lançar-se no cerúleo espaço,
Um grato sol d'Outono. Poucas flores
Lhe oferece a terra já, mas pendem frutos
Das árvores, vergadas sob o peso
Tão grato ao lavrador, que mil riquezas
Ufano estende nas patentes eiras,
Ou em fartos celeiros acumula
Para as guardar do Inverno. Os atavios,
Com que se adorna a quadra, mais semelham

Modestas galas de gentil esposa,
Que, junto ao berço dos seus ternos filhos,
Despiu as louçainhas de solteira,
Os seus trajes garridos de donzela,
Pra quem a vida é só jardim florido,
Belo e viçoso, mas sem frutos inda.
Outono! Fértil quadra — tão querida
Do povo agricultor! se eu possuísse...

....Onde iria

Mendigar expressões para celebrar-vos,
Loiras searas, agradáveis ceifas,
Serões risonhos a que amor preside,
Onde se trocam abraços mil, mil beijos,
A cada milho-rei? Não sei cantar-vos,
Verdes relvas, de orvalho rociadas,

Sussurrantes arroios das campinas,

Copados, odoríferos pomares...

Tudo isto eu escrevia há pouco tempo,

Após ter aspirado os mil perfumes

Do ar do campo, às horas matutinas.

Que alegria na aldeia!... Que fervores

Nos trabalhos agrícolas!... Mas hoje...

Que importa à mole que o vapor impele,

O fim para que trabalha? Reconhece

Uma força maior, e indiferente

Segue o impulso. Sejam como...

O nosso pátrio Douro que sombrio,

Em torturado leito se revolve,

Nem sempre ao levantar a húmida cara,

Depara montes íngremes e aspérrimos

Que o fazem suspirar, de angustiado.

Aqui e ali, a natureza amena

Com ele se mostrou. Risonhos vales,

Gratas colinas, sinceirais formosos,

Verdes campinas que intercetam veias

De límpido cristal, lhe ornam as margens...

Aí, um brando enleio voluptuoso

Vence o soberbo rio, namorado

Dos verdores que o circundam. Brandamente

Se deixa adormecer, acalentado

Pelas canções que entoa a leve brisa,

Ao som das folhas dos virentes olmos,

Então, ferventes beijos deposita

Nas enfloradas margens, que perfumes

Lhe dão em troca. A cara majestosa
Desenruga, olvidando os seus pesares,
Lascivo, espraia as suas frescas ondas
Em mais ameno leito. Já não geme,
Não brame enfurecido, maldizendo
As enormes montanhas que o oprimem
Em apertado espaço. Canções ternas,
Canções de amor, que só quem ama entende,
Enlevado murmura em brandas notas.

Amo-te sempre, ó Douro, quer em fúrias
Invistas contra as rochas, quer sereno
Deslizes, retratando nas tuas ondas
Os alamos das margens. Ou turvado
Te rojes em lodoso, áspero leito,
Ou em praias extensas desenroles

Tuas ondas mais límpidas, és sempre
O Douro, cuja voz me acalentava
Nos áureos sonos da passada infância.

Mas de novo me acorre o pensamento
Atrás de ideias tristes. E a tal ponto
Que me custa trazê-lo a bom caminho.
Perante o Sol se interpôs uma outra nuvem
E desta vez bem negra. Mas desculpa
Se, quase ao meu pesar, eu fui levado
Na torrente de ideias tão sombrias...
Deixa o país fantástico que habitas
Pra fazer excursões impetuosas
Armado de palavras. Tão difícil
É represar-lhe as fúrias, como peias
Tentar opor às convulsões tremendas

De furioso vulcão. A minha ideia,
A predileta, a que na mente afago,
Que, quando só, vem povoar de imagens
A minha solidão, é a da família.

Prefiro-a à glória, a prazer, a honras!
Peço a Deus, com fervor, nas minhas preces,
Mil vezes, no seu templo, ajoelhado:
— «Senhor, lhe digo, por piedade, ouvi-me!
Povoai-me esta aridez da minha vida,
Como na infância a vi; pelo passado
Conformai meu futuro; já que o homem
Retrogradar não pode no seu caminho.»
A súplica é sincera e Deus piedoso.
Escutada será? Não sei que esperança,
Não sei que frouxa luz, bem frouxa ainda,

Parece divisar no horizonte...

Talvez não creias que, sincero falo

Nestas aspirações do meu futuro?

Ah! Sinceras são elas, podes crer-me.

Assim reais as vira! Os mil prazeres

Que a juventude sequiosa anseia,

De boamente, em holocausto, os dera

A santa paz da vida de família.

Talvez; mas seja embora um sonho apenas,

O sonhar é um bem, se o sonho é grato.

É milagroso bálsamo que sara

As feridas mais cruéis da realidade.

Os frades já lá vão. Esses ao menos

Souberam amenizar a agreste vida,

Estéril de afeições, do homem solteiro,

Desfrutando as delícias da preguiça,
Nas confortáveis celas dos conventos,
Templos só consagrados à mandriice.
Onde nada teria que notasse
O mais importante dos vassalos
Da rainha Vitória. E mais é gente
Que, no que diz respeito à boa vida
E em muita coisa mais, a custo cedem
A qualquer outra, o grau de preferência.

Se entre os teus me não vires, acredita
Que por lá me esvoaça o pensamento
Assistindo ao espetáculo bendito
Dos prazeres de família. E, quando os, brindes
Se elevarem em glória deste dia,
Se não com os do corpo, com os da alma,

Misteriosos sentidos, ouvir podes,
Associar-se ao coro das mais vozes,
Uma voz a saudar-te; é essa a minha!
E disse. Cai o pano. E finda a epístola.

*Da segunda carta de Júlio Dinis ao seu primo José Joaquim Pinto
Coelho*

Eis a idade dos vinte anos,
Tão celebrada em poesia,
Em que a ardente fantasia,
Cria mil visões de amor !
Voa a alma atrás dos sonhos,
No seu seio se embriaga,
Como a abelha que divaga

Poisando de flor em flor.

Saudemos pois esta hora

Se ela é hora de esperança!

O isolamento cansa,

Não amar, é não viver!

Na floresta as aves cantam,

Quando alveja a madrugada,

Se a aurora d'alma é chegada,

Cantemos-lhe o amanhecer.

Mas a própria natureza

Quis saudar-te neste dia,

E num sorriso te envia

Sua grata saudação.

Ela fenece, declina,

Já se despe de verdores;
Tu na quadra dos amores
Colhe as flores da estação.

«Colhe-as, viçosas se mostram
No teu extenso horizonte.
Exulta pois, ergue a cara,
Que a tua hora enfim chegou!»

1860.

Cartas ao meu primo José Joaquim Pinto Coelho.

«Venho uma vez ainda, movido de ansiedade
Dos teus, às alegrias, meus júbilos unir;

Queimar débil incenso nas aras da amizade,

Lembrar-me do passado, falar-te do porvir.

«Lembrar-me do passado, desviando a escura tela

Que as cenas dessas eras aos olhos nos cerrou...

Falar-te do futuro, mostrando-te essa estrela

Que para a juventude sempre nos céus radiou...

«Parar, onde a planície se espraia, vasta, imensa?

E a perspectiva se orna de flores e de luz?

Parar, pendida a cara, sem ânimo, sem crença,

Vergado sob o peso de imaginária cruz?

«Isto nos nossos anos, isto na nossa idade,

Tão cheia de futuro, de alento e de fé!

Oh, não! Para nós a esperança; deixemos a saudade!

Deixemos a flor murcha que outra em botão já ó!

«Saudemos o futuro, como a risonha aurora

Que tinge o alto dos montes de purpurina cor!

Saudemos o futuro à voz consoladora,

Que nos fale, em segredo, de uma época melhor!

«Da lira pelas cordas correndo as mãos nevadas

Tira sentidas notas de uma imortal canção...

Nem das harpas eólias, nos olmos pendurados,

As extrai tão sonoras, da noite, a viração...

«Não são da Terra as notas da música maviosa

Que escuto, não; são ecos de música no Céu...

Com a citara dos anjos, em nuvens cor de rosa,

Esta visão celeste junto de nós desceu.

«Cantando, pouco a pouco, seu rosto se ilumina...

Nos lábios tudo é risos; é tudo vida o olhar...

Como, na madrugada, se despe de nebrina

A risonha paisagem que o sol vem animar.

«Falou na paz dos justos, falou na recompensa

Que espera os virtuosos na celestial mansão...

Para os Céus apontando, disse inspirada: — Crença! —

Abandonando a Terra, disse saudosa: — Irmão ! —

FUGIR AO DESALENTO

«Sim, às vezes, não sei fugir ao desalento

Que baixa sobre mim, qual nuvem tempestuosa;

Nem posso desviar o curso ao pensamento,

Que desce sem parar, em senda tenebrosa.

«Então, se olho o porvir, vejo-o sombrio e escuro,

Como quando no céu se forma a tempestade,

E em torno do baixeiro, que voga mal seguro,

Uma neblina densa o espaço todo invade.

«Ontem ainda sentia esta tristeza vaga

Que pesa sobre nós, mais do que um férreo jugo;

Sinistra cerração que nos sufoca e esmaga

Como o laço fatal de invisível verdugo!

«Vem, surge, ó Sol luminoso,

Doura os cumes da alta serra,

Inunda de luz a Terra,

Vem refletir-te no mar...

Acorda as aves no bosque,

Chama os insetos às balsas,

Onde em doudejantes valsas

Vão as flores namorar...

«Penetra nas espessuras,

Nesses retiros aonde

A flor silvestre se esconde

Para sozinha florir.

Dá-lhe o calor dos teus raios,

Desperta-a do fatal sono

Em que as nebrinas do

Outono

Já a faziam dormir...»

1863.

DAI-ME DO CAMPO

«Dai-me do campo as mais festivas flores,

Não as quero saudosas;

Quero-as alegres, de risonhas cores,

Como os cravos e as rosas.

«Deixemos a violeta, essa morena

Habitante das relvas.

A delicada, a pálida açucena,

Deixemo-la nas selvas.

«Uma é negra, traz vestes de tristeza,

Vem de luto trajada;

Outra, lembra nas cores da pureza,

Virgem inanimada.

«Não as quero, que podem essas flores

Renovar na memória,

As mal curadas, as pungentes dores,

De uma recente história.

«O caminho da existência

É então grato e florido.

Ai! Bem fácil é o olvido

De tudo o que a alma sofreu!

Como à roseira da várzea

Que todo o ano floresce,

A cada flor que fenece

Uma outra flor sucedeu.

«Uma outra flor, e mais bela

E cada vez mais viçosa.

Uma outra flor, outra rosa,

Ou antes, outra ilusão.

Nunca, nunca o desalento

Extingue o fogo sagrado

Que arde no altar consagrado

Que se chama o coração.»

1864.

SAUDADE

«A saudade, a fada amiga
Que nos renova o passado,
Como em jardim encantado,
Por seu mágico condão...

Os prazeres da criança,
Alvos sonhos de inocência,
Os fogos da adolescência,
O nascer do coração...

«A saudade, a ama diletta,
Que o sono nos acalenta,
E junto de nós se assenta
A falar-nos com amor!

Essa fiel guardadora

De nossas gratas memórias

Que sabe as longas histórias

Da nossa vida, de cor!

«A saudade, a irmã bem-vinda,

À noite, às horas quietas,

Em que amantes e poetas

Livre curso à mente dão;

A virgem pálida e triste,

De branda melancolia,

Que as penas nos alivia,

Que nos mitiga a paixão!

«Tens ao teu lado a saudade

Falando-te em voz dolente.

De uma memória recente,

De uma luz que se apagou...

Luz que tomaste por guia

Para termo da viagem;

Mas que o sopro de uma aragem,

Brandas, apenas, apagou.»

1865.

PRIMAVERA

Nota: Última carta em verso que Júlio Dinis dirigiu a José Joaquim Pinto Coelho. Era desta maneira que festejava os aniversários do seu primo.

«Veste-se a planta de flores

Quando a Primavera assoma;

E a espessura de verdores

Perfuma com o seu aroma.

«Mas nem sempre a mesma vida

Transluz nas flores abertas;

Uma seiva empobrecida

Só lhes dá cores incertas.

«Todos os anos floresce,
Ao despertar este dia,
A planta que, ignota, cresce,
Da minha pobre poesia.

«Porém, desta vez, roçada
Do mal, pela mão funesta,
Uma flor só, desmaiada,
Abriu para a tua festa.

«Mas seja o tributo pago,
Embora com pobre oferta;
Essa mesma aí a trago,
Desbotada e mal aberta.»

